

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE MEDICINA SOCIAL

ORIGEM E FUNÇÃO DA FANTASIA NA OBRA FREUDIANA

Carlos Alberto de Mattos Ferreira

Rio de Janeiro
2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE MEDICINA SOCIAL

ORIGEM E FUNÇÃO DA FANTASIA NA OBRA FREUDIANA

Carlos Alberto de Mattos Ferreira

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Saúde Coletiva, Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva - área de concentração em Ciências Humanas e da Saúde, do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro".

Orientador: Prof Carlos Alberto Plastino
Rio de Janeiro
2008

C A T A L O G A Ç Ã O N A F O N T E
U E R J / R E D E S I R I U S / C B C

F383 Ferreira, Carlos Alberto de Mattos.

Origem e função da fantasia na obra freudiana / Carlos Alberto de Mattos Ferreira. - 2008.

246f.

Orientador: Carlos Alberto Plastino.

Tese (doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social.

1. Fantasia-Teses .2. Inconsciência- Teses. 3. Psicanálise -Teses. 4. Criação- Teses. 5. Freud, Sigmund, 1856-1939 - Teses I. Plastino, Carlos Alberto. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Medicina Social. III. Título.

CDU 159.954.2

"Quanto ao resto, nosso jovem investigador simplesmente chegou um pouco cedo à descoberta de que todo o conhecimento é um monte de retalhos, e que cada passo à frente deixa atrás um resíduo não resolvido."

Sigmund Freud, 1909.

" &*Qué* te queda entonces de judío, si has resignado todas esas relaciones de comunidad con tus compatriotas?', respondería: 'Todavía mucho, probablemente lo principal'. Pero en el presente no podría verter eso esencial con palabras claras. Es seguro que alguna vez lo conseguirá una intención científica."

Sigmund Freud, 1930.

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese a Sigmund Freud e a todos aqueles que mantêm viva a chama da
psicanálise.

Aos meus mestres e alunos, analistas e clientes, supervisores e orientandos.

AGRADECIMENTOS

À minha família e, em especial, a minha irmã Marly pela força no percurso desta pesquisa.

Ao meu orientador Carlos Plastino, pela construção do foco e as constantes delimitações do objeto desta pesquisa.

À psicanalista Beth Muller, por sua dedicação, competência e interlocução.

Ao psicanalista Robinson Machado, por suas cuidadosas e importantes releituras desta investigação.

Aos psicanalistas Alexandre Jordão, Antenor Salzer, Arthur Kottler, Clare Paine e Jurandir Freire Costa, por suas incidentais e precisas contribuições.

Às colegas de doutorado, Marília Mettieni e Elizabeth Palatinik, pelas sugestões e pelo carinho.

A Lourdes Terezinha Rizzi e Daisy Melo, pela revisão.

A todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para a realização deste trabalho.

RESUMO

O objetivo desse estudo foi investigar a origem e a função da fantasia na obra de Sigmund Freud, por meio do papel que desempenha na constituição do psiquismo humano e da sua importância em produzir um sentido para a vida.

A pesquisa - de cunho bibliográfico - buscou esclarecer os diferentes usos e modificações do termo "fantasia" no decorrer das descobertas realizadas por Freud ao longo de sua vida e obra, desde o período denominado de pré-psicanalítico (1886/1899) até os últimos textos publicados no Esboço de Psicanálise (1940 [1938]).

A análise da investigação revelou três grandes eixos descritivos, complexos, por vezes contraditórios e submetidos a constantes redefinições que caracterizam a fantasia como um sintoma, uma criação e um enigma da transmissão geracional.

A conclusão corrobora o pressuposto de que a vida não tem sentido sem a capacidade de fantasiar. A fantasia ocupa um lugar de fundamental importância no pensamento freudiano, comparecendo como um elemento essencial na constituição do psiquismo e revelando horizontes, para que os estudiosos da psicanálise pudessem ampliar essa investigação tão reveladora da psiquê.

Palavras-chave: fantasia, criação, sintoma, transmissão e inconsciente

ABSTRACT

The objective of this study was to investigate the origin and function of fantasy based on the Works of Sigmund Freud by means of performance in the constitution of human psychism and its importance in producing the sense of life.

The bibliographical research was undertaken to clarify the different uses and modifications of the term 'fantasy' in the course of the discoveries realized by Freud during his life long work.

An analysis of the investigation revealed three descriptive complex principle themes, which at times can be contradictory, yielding and subjugating with constant redefinition, which characterizes the fantasy as a symptom, a creation and an enigma of generational transmission.

The conclusion corroborates the presumption that life does not make sense without the capacity to fantasize. The fantasy: occupies a place of fundamental importance in Freudian thought; presents as an essential element in the constitution of psychism and reveals horizons for researchers of psychoanalysis to amplify their investigations leading to further revealing of the psyche.

Key words: fantasy, creation, symptom, transmission and unconscious.

Lista de abreviações:

EA - Edição Argentina das obras completas de Sigmund Freud. Buenos Aires/Madri.
Ammorrortu Editores.

ESB - Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio
de Janeiro. Imago Editora Ltda.

OP - Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro. Imago Editora.

NAT - Notas do autor da tese

SUMÁRIO

1. Introdução.....	10
2. Capítulo 1 - A construção e a função da fantasia no funcionamento do psiquismo.....	25
3. Capítulo 2 - A fantasia no infantil do adulto e em dois tempos do brincar: criação e defesa.....	141
4. Capítulo 3 - Fantasia , sua relação com o ambiente e com a transmissão geracional.....	177
5. Conclusão.....	203
Referências Bibliográficas.....	234

INTRODUÇÃO

A contemporaneidade, em sua dimensão complexa, nos tem revelado as múltiplas facetas de diferentes campos teóricos e clínicos e a necessidade de estabelecer diálogos entre diferentes áreas.

O autor, que ora se apresenta nesta tese, propõe-se a discutir uma questão que considera relevante sob os pontos de vista teórico, clínico e educacional: qual é a origem e a função da fantasia na construção do psiquismo e sua importância em produzir um sentido para o viver.

Sua relevância teórica constitui-se na medida em que o papel do imaginário apresenta-se, cada vez mais, como um dos marcos dos estudos contemporâneos sobre o papel da consciência (e do inconsciente) na constituição da subjetividade; podendo desdobrar-se em múltiplos campos de estudo como, por exemplo: a filosofia, a neurociência, a ciência cognitiva e a psicologia, as ciências físicas e biológicas, as correntes terapêuticas dos cuidados de si, a psicomotricidade, a psicanálise, as ciências humanas e a arte¹.

No campo da clínica, observa-se, por um lado, a elisão e/ou subjugação da função imaginária pelas tendências organicistas do reducionismo biológico ao focar em técnicas e medicamentos que adaptem o sujeito à "realidade social", considerando-o como

¹ NAT: Descrição dos campos de estudos contemporâneos sobre a "consciência" roteirizados pelos organizadores da Conference for Consciousness da Universidade do Arizona - USA - 2006/2007

portador de doenças de seu comportamento. Por outro lado, encontram-se outras tendências de abordagens clínicas que, sob olhares mais conciliadores, incluem o imaginário, a fantasia e a criação como suportes de sintomas, algumas, inclusive, colocando em xeque a própria noção de sintoma.

O campo da educação, cada vez mais oprimido pelas exigências de um ambiente altamente competitivo e menos solidário, e dentro de uma sociedade que atravessa uma crise de perda de sentidos e referências, busca se apegar a qualquer resposta que possa aliviar seu sofrimento e incompreensões. Não raro, encontra as mais digeríveis, que são as veiculadas pelo reducionismo biológico, atribuindo doenças às crianças e jovens adolescentes, medicalizando um número impressionante de sujeitos em função de uma obediência às normas ortopédicas de adaptação a esse modelo social, eliminando, assim, a dimensão subjetiva, imaginária, complexa, transgressiva e criativa que emerge com os sopros da juventude e o que ela revela de contestação desse ideal social. A medicalização excessiva das crianças e dos jovens, por exemplo, em relação aos chamados transtornos da atenção, já mereceu a denominação de "drogas da obediência", porque os sujeitos que não correspondem às expectativas uniformes de desempenho escolar, têm sido diagnosticados, muitas vezes, como portadores de sintomas estritamente neuro-fisiológicos. A psiquiatria, aliada à educação, criando a norma, também cria o sintoma. O ato de confrontar, transgredir ou não, se submeter passivamente à realidade social ganha a significação de um transtorno ou uma doença.

Contudo, nem todos os educadores deixam de compreender a existência de uma outra perspectiva baseada no imaginário da subjetividade e, conseguem encaminhar suas

pesquisas de estudo e projetos pedagógicos de acordo com as transformações cotidianas, enfrentando enormes desafios para encontrar saídas criativas profundamente diferenciadas em função de ambientes completamente distintos. Para esse outro olhar, a grande maioria dos "sintomas" é traduzido como marcas das singularidades de cada sujeito aliadas às experiências com o ambiente e suas histórias de vida. A experiência clínica e educacional deste autor, supõe que grande parte desses comportamentos compõe-se de resistências conscientes ou inconscientes a ideais sociais altamente competitivos e à influência de ambientes socioeconômicos profundamente desiguais. Tais comportamentos são geralmente constituídos no seio da história familiar de cada sujeito. O objetivo posterior do autor, após esta tese, é investigar mais profundamente as vias que se cruzam entre o campo do conhecimento das ciências cognitivas e o da psicanálise, visando a seus desdobramentos nos campos da clínica e da educação.

O objeto de pesquisa da dissertação de mestrado em Educação(2002) deste autor foi um estudo de foco cognitivista sobre o papel do lúdico e da imaginação no desenvolvimento infantil pela ótica de Vygotsky. Na teoria vygotskyana, a imaginação funciona como a origem de toda a consciência e o caminho, por que o sujeito se desenvolve, passa necessariamente pela experiência subjetiva, pela capacidade criativa e pelas influências de seu meio-ambiente. Muitas premissas desse pensamento foram influenciadas pela obra de Sigmund Freud, pois Vygotsky foi um dos responsáveis pela introdução da psicanálise na Rússia no início do século XX. Em função desses estudos sobre o imaginário, propõe-se, neste trabalho, pesquisar no campo psicanalítico a gênese do conceito e a função da fantasia na obra de Sigmund Freud.

A escolha deve-se ao fato de ter sido Freud o criador do campo psicanalítico e por ter formulado as mais importantes contribuições no campo do inconsciente, incluindo a categoria que é objeto deste estudo: a fantasia.

Revela-se profundamente instigante na obra desse autor a construção teórico-clínica reveladora da capacidade de estar atento às experiências cotidianas, situando-a num exercício aventureiro e audacioso de análise e observação para, após, tentar apreendê-la reflexivamente e empreender um esforço teórico para significá-la e conceitualizá-la. Acredita-se que a literatura freudiana traz, em si, um importante tesouro epistemológico, no sentido em que suas formulações teóricas complexas revelam uma razão sobre a consciência do que se sabe e do que não se sabe, formando ambos aquilo que, neste trabalho, chamar-se-á psiquismo. Sua produção teórica é calcada na díade conhecimento e experiência vivida, observável, desafiadora e indomável, tornada pública em seu testemunho autoral, indissociável dos afetos que movem seu agir, expressando rara capacidade de refutar-se a si mesmo quando se via diante dos enigmas postos no seu percurso psicanalítico.

Sob o aspecto formal da obra pesquisada não se pode deixar de destacar o estilo de Freud que produziu um dos mais importantes cortes epistemológicos na história da humanidade, e que se estivesse submetido aos aspectos formais da metodologia científica moderna, não seria aceito num curso de mestrado e doutorado, nem teria seus artigos publicados em revistas indexadas. Pode parecer simplória esta colocação, mas se trata de um ponto fundamental para repensarmos a forma como se produz conhecimento, a elisão da narrativa em primeira pessoa e a subjacente pretensão de estabelecer

verdades imparciais. Como se isso fosse possível e se já não se tratasse de uma fantasia da modernidade, muitos autores enquadram Freud dentro de um paradigma totalmente moderno, contudo, deve-se ater não somente ao conteúdo da obra, mas especialmente da sua forma, seu estilo, sua narrativa primorosa que têm ressonância como um clássico, mas que não teria sobrevivido dentro de nossas academias. Nesse sentido, Freud é absolutamente contemporâneo.

O conceito de fantasia

O conceito de fantasia, em psicanálise, é definido de formas diversas em função das suas diferentes correntes teóricas. Laplanche e Pontalis (1967/1983) descrevem que o termo em alemão *Phantasie*, utilizado por Freud, significa imaginação, abarcando o mundo imaginário, seus conteúdos e a atividade criadora que o anima. Em francês, seu uso não corresponde exatamente ao significado do termo em alemão. Inscrito dentro do campo psicanalítico, seu referente é o termo *fantasme* (*fantasma*). Este último restringe-se à determinada formação imaginária, não sendo exatamente o que Freud propunha como o mundo das fantasias e a atividade imaginativa em geral. Na língua inglesa, encontra-se a proposta de Susan Isaacs de diferenciar *fantasy* - como equivalente aos devaneios diurnos conscientes e as ficções - e *phantasy*, referindo-se aos conteúdos dos processos mentais inconscientes.

Roudinesco e Plon (1997/1998) reafirmam as definições de Laplanche, acrescentando que, em francês, o termo *fantasme* foi forjado num sentido conceitual diferente do alemão. Em francês, deriva do grego *phantasma* (aparição, transformada em "fantasma"

no latim) e do adjetivo *fantasmatique* (*fantasmático*), aproximando-se, por sua significação, de *fantomatique* (*fantasma, fantasmagórico*). Esses últimos descrevem que a escola kleiniana, inglesa criou os termos *phantasy* e *fantasy*, sem, no entanto, estabelecer suas distinções. Acrescenta, ainda, que no Brasil o termo corrente é *fantasma*, supondo-se provavelmente desconhecer as produções psicanalíticas que são produzidas fora do designado campo lacaniano.

Kaufmann (1993/1996) em seu verbete sobre a fantasia não a define, mas busca descrevê-la em Freud, comparando-a com o uso proposto por Lacan. Para ele, em Freud, baseado nos escritos de Laplanche & Pontalis, a fantasia "*é um roteiro imaginário em que o sujeito está presente, e que figura de maneira mais ou menos deformada pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente*" (ibid: 196). Kaufmann considera como formulação primária freudiana o texto "Bate-se numa criança"², onde sinaliza a formulação de Lacan de que, encontra-se mais uma frase do que um roteiro, sustentando o fato da fantasia remeter mais à gramaticalidade do *isso* como recurso pulsional e estabelecendo a constatação de que a fantasia constitui o único acesso possível ao "real".

Em Melanie Klein, as fantasias ganham estatuto de primitivos, sendo o primeiro esboço de um corpo imaginário, existindo já desde o nascimento e constituindo-se como a linguagem universal intra e intersíquica constitutiva do sujeito.

²NAT: na EA "*Pegan a um nino* " e na SEB "*Uma criança é espancada* ".

Não há nos três dicionários citados qualquer menção ao conceito de fantasia utilizado por Winnicott - nem em Abram³ (2000) - que estabelece uma diferença entre imaginar e fantasiar: a capacidade de imaginar é decorrente da ilusão de onipotência vivenciada pelo bebê que, por sua vez, precede o simbólico. A fantasia equivale ao devaneio e se opõe ao processo criativo. A fantasia é o resultado de uma defesa, uma construção do falso *self* e é compreendida como incapacidade para brincar, enquanto a imaginação é fruto desse processo criativo.

Na Standard Edition Brasileira, traduzida do inglês para o português, muitas vezes o termo fantasia, se comparado com a tradução argentina, da Editora Amorrortu, é traduzido como imaginação⁴ (1909/1910:18). Analisando a tradução do termo alemão *Phantasie* para o espanhol, observam-se duas possibilidades distintas, que são *fantasia* e *imaginación* (LEO,2007). O mesmo pode ser observado da tradução alemã para o inglês, *Phantasie* (alemão) pode ser traduzido por *fantasy*, *phantasy*, *imagination* e *invention* (ibid). Na tradução do alemão para o francês, observa-se a mesma distinção, *Phantasie* (alemão) se traduz por *fantaisie* e *imagination* (ibid). Vale ressaltar que o termo não contém sua tradução de *fantasme*, neste dicionário, tal como é utilizado na literatura psicanalítica francesa.

Em síntese, muitas questões e referenciais diferentes nos levam a refletir sobre as profundas diferenças, a que o termo fantasiar se refere, dentro do campo psicanalítico.

³ "A Linguagem de Winnicott - Dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott" (1996/2000).

⁴ NAT: Como, no exemplo referenciado, na *Gradiva de Jensen*

A tradução de Luiz Hanns para as Obras Psicológicas de Sigmund Freud (2004/2007) aponta para importantes aspectos das tramas que envolvem o processo de construção e uso dos conceitos na obra freudiana. Selecionaram-se dois que merecem especial destaque.

O primeiro aspecto aponta para três dimensões semântico-conceituais: a primeira define o âmbito da própria palavra em alemão e seu significado psicanalítico; a segunda aponta para seu uso numa cadeia de palavras no idioma alemão conduzidas por um fio dentro da obra freudiana, mas que se perdem na tradução para o português; a terceira, porém, compara o impacto das diferenças semânticas entre o português e o alemão.

O segundo aspecto aponta uma diferença muito importante para esta tese, isto é, entre as tramas enfáticas e as de articulação. Nas tramas enfáticas, utilizam-se termos que se equivalem, se agrupam pela semelhança e que não se constituem propriamente um conceito, mas sinalizam blocos de palavras cuja "idéia-força" objetiva um certo sentido genérico, por exemplo, "fantasia", "imaginação", "fantasma", "alucinação", "delírio" podem ser utilizadas para se opor a uma certa idéia de outro grupo constituído por "realidade", "consciência", "consciente", "razão". Nesse caso, os termos equivalem ao que se propõe a chamar de pré-conceitos. Nas tramas de articulação, os termos ganham estatuto de conceitos, diferenciando-se entre si e encontrando definições específicas para seu uso dentro das sistematizações teóricas mais precisas. Sob essa perspectiva, por exemplo, "consciente" e "consciência" apresentam diferenças e precisões conceituais bem definidas.

Considera-se o mais importante dessas relações entre os traços semânticos na obra freudiana, o fato de o pesquisador atentar para usos enfáticos e de articulação dos termos e, em especial, da fantasia e seus correlativos mais diretos. Esta tese se propõe, portanto, abordar o conceito de fantasia essencialmente dentro da obra freudiana e, quando necessário, estabelecer diálogos com outras correntes em suas múltiplas concepções.

A pesquisa: o que se pretende investigar?

Pretende-se investigar, como já foi citado, a origem e a função da fantasia na obra freudiana. Considerando-se a complexidade que envolve o conceito de fantasia na obra psicanalítica e, em particular, em Freud, formula-se a seguinte questão: A vida teria sentido sem a capacidade de fantasiar?

A presente pesquisa tem como objetivo principal investigar a construção do conceito de fantasia na obra de Sigmund Freud, estudada em sua fonte primária. Como objetivo secundário, propõe-se investigar os caminhos reflexivos que conduziram Freud a elaborar as noções e o desenvolvimento do conceito de fantasia e qual o papel que desempenha na constituição do psiquismo humano. Outro objetivo, não menos importante, pretende identificar no texto freudiano as passagens implícitas e explícitas sobre o destino criativo da fantasia como proposta de responder à pergunta formulada nesta tese. Em síntese, o pressuposto a ser verificado é se a capacidade de criar é o que dá sentido à vida.

Pontos considerados fundamentais foram elaborados ao longo desta pesquisa, tais como: as transformações que o uso do termo fantasia foi tomando ao longo da obra freudiana com suas diversas origens e significações; o esclarecimento sobre a constituição da realidade psíquica e da realidade material (concreta) articuladas com a fantasia e a constituição do psiquismo; a importante relação entre a ontogênese e a filogênese na transmissão da cultura e a ambivalência da função do brincar e sua relação com a constituição defensiva e criativa do sujeito diante dos desafios impostos pela natureza e pela civilização.

No senso comum e em vários campos da saúde mental, o termo fantasia tende a ser visto como constitutivo do "irreal" e isso influencia diretamente nos constructos teóricos, clínicos e educacionais de diferentes linhas com implicações radicalmente diversas na compreensão do que é patológico e do que não é patológico. Os olhares que preconizam a aceitação teórica ou não, da presença de um "real" na fantasia, se constitui num dos elementos fundamentais para diferenciar um sintoma considerado como o resultado de um conflito do sujeito diante de si mesmo e do seu meio, de um outro compreendido como estritamente de ordem neurofisiológica destituído de imaginário e até de historicidade subjetiva.

Em função dessas diferentes miradas, considera-se que a fantasia ganha uma dimensão cujo limite e alcance não se pode conceber como um conceito do qual já se tenha um domínio total de sua compreensão. E essa consideração aparece presente em toda obra freudiana.

Esta pesquisa segue a perspectiva, tal como em Laplanche & Pontalis (1985/1993) e Susan Isaacs (1952/1982) em que a fantasia é considerada como um dos conceitos fundamentais da teoria psicanalítica, na medida em que todos os outros elementos desse campo encontram-se, sob diferentes intensidades, articulados a ela.

A estrutura da tese

A apresentação dos capítulos foi disposta em função das questões emergentes durante o processo de pesquisa da construção do pensamento freudiano. A pesquisa primária e referências bibliográficas seguem, principalmente, o roteiro estabelecido por James Strachey e Anna Freud na edição argentina da *Amorrotu5*⁵, de 1973/2003 (que nas referências bibliográficas de texto aparecerá como EA); acompanhada e comparada com o texto em língua portuguesa da Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (aqui representada por ESB). Pesquisou-se, também, e, foram de fundamental importância, as Obras Psicológicas de Sigmund Freud, da Imago Editora, com coordenação geral e tradução de Luiz Alberto Hanns de 2004/2007 (aqui representada por OP). Este autor, num minucioso estudo da obra original em alemão e de outras importantes traduções (em português, espanhol, francês e inglês), pôde contribuir para que uma série de conceitos presentes na tradução portuguesa, oriunda da edição inglesa - que foram mal traduzidos, em virtude da dificuldade de encontrar o mesmo significado do original -, pudessem refletir sob diversos prismas, a complexidade dos termos em alemão. Seu estudo esclarece passagens em que os termos são usados ora como noções, sob forma genérica e ora como conceitos psicanalíticos,

⁵ NAT: As traduções para o português foram feitas pelo autor desta tese.

primando pela precisão em aproximar-se daquilo que Freud queria expressar no seu uso lingüístico.

Na medida em que se optou trabalhar o desenvolvimento do conceito fantasia seguindo a trilha traçada historicamente por Freud em seus textos, tornou-se um desafio acompanhar e interpretar as diferentes alterações - não somente em notas de rodapé, mas principalmente nos acréscimos de numerosos parágrafos - em diversas fases posteriores de sua obra.

Tornou-se motivo de indagação profunda para o autor desta tese a validade de incluir numa pesquisa bibliográfica publicações que o próprio autor pesquisado não considerou relevantes para tornarem-se públicas, como, por exemplo, o artigo abandonado *O Projeto para uma Psicologia Científica*, e os textos não autorizados, como as suas correspondências com outros pensadores. Isto nos faz formular uma importante questão: pode-se autorizar a inclusão em uma pesquisa de um texto que foi excluído por seu autor? Esta questão ficará sem resposta. Optou-se por trabalhar com os textos publicados. Autorizados e não autorizados.

Sobre o uso de conceitos

O uso dos termos psicanalíticos requer muita atenção por parte do pesquisador que os analisa. Alguns termos serão descritos em sua transformação durante o próprio percurso freudiano. Outros, no entanto, foram definidos, seguindo dois critérios, por ordem de importância. Primeiro, privilegiou-se a tradução de Luis Alberto Hanns para a língua

portuguesa, em virtude da sua atualidade e do seu criterioso estudo da obra psicanalítica; segundo, optou-se em definir alguns termos mediante escolha do autor desta tese, em função de sua própria interpretação diante da pesquisa em diferentes idiomas e traduções. O uso de termos mais clássicos requer sempre uma escolha, apesar de não ser óbvio para muitos estudiosos. O uso do termo *ego* pela Standard Edition Brasileira tem sido muito criticado com a justificativa de não corresponder ao seu uso primário. Nesse sentido privilegiou-se o uso do termo *Eu* como o traduzido na edição argentina da Amorrortu. Entretanto observa-se que, mesmo em autores contemporâneos e conhecedores de toda uma linguagem psicanalítica, o uso do termo *ego*, em língua portuguesa, parece não ter perdido seu uso (Souza, O./2007:315/344)⁶.

Optou-se, também - baseado nas notas do tradutor Luiz Alberto Hanns - o uso do termo "recalque" (*verdrängung*) em substituição à "repressão" usada na ESB.

Organização da tese

O primeiro capítulo aborda a função da fantasia no funcionamento do psiquismo. Privilegiou-se relatar e discutir a origem e a construção da fantasia no contexto da obra freudiana. Optou-se por seguir as pesquisas do período pré-psicanalítico até a formulação das fantasias primordiais. Diante da ambivalência do papel da fantasia entre sintoma e criação, este primeiro capítulo buscou focar a fantasia em seu aspecto mais

⁶ NAT: Artigo "Defesa e Criatividade em Klein, Lacan e Winnicott" de Otávio de Souza no livro Winnicott e seus interlocutores, organizado por Bezerra Jr, B. & Ortega, F.

sintomático, apesar de ambas comparecerem ao longo de todo o texto, na medida em que não se constituem como modelos totalmente independentes.

O segundo capítulo propõe-se a apresentar duas principais relações da fantasia na obra freudiana, a da criação e a da defesa. Ambas são teorizadas e referidas a partir dos textos específicos sobre o brincar e fantasia e de outros que relacionam brincar, defesa e criação com o infantil do adulto e a dinâmica pulsional.

O terceiro capítulo aborda a importante e paradigmática perspectiva freudiana de que a filogênese se reflete na ontogênese em cujo imaginário originário se funda a civilização se refletida na transmissão herdada. Pretende-se discutir como se situa o enigma da transmissão geracional e do papel do ambiente neste processo.

A conclusão propõe-se a retomar o objetivo principal e tentar responder a questão-problema, verificando se é possível a vida ter sentido sem a capacidade de fantasiar. Pretende-se, ainda, precisar o uso de Freud do conceito de fantasia, tanto em relação a sua origem, quanto à sua função, considerando-se as transformações produzidas ao longo de sua obra.

Os três capítulos descritos seguiram uma orientação metodológica visando a dialogar entre os textos freudianos, apontando suas analogias, contradições, imprecisões e especulações. Buscou-se, também, demonstrar que a obra de Freud ainda é um paradigma para muitos autores contemporâneos e uma referência teórica indispensável para compreender o psiquismo humano. Em virtude do prazo imposto para a entrega da

pesquisa, algumas análises não puderam ter sido contempladas, particularmente as do funcionamento das fantasias que sustentam os delírios individuais e coletivos (religiosos, políticos e os decorrentes das histerias coletivas, entre outros) e as fantasias de cunho eminentemente destrutivas, embora sejam citadas ao longo dos três capítulos; contudo, considera-se que as formulações mais importantes estejam descritas nestes três capítulos e na conclusão. Acredita-se que a originalidade desta tese encontra-se nas linhas escolhidas para abordagem do conceito de fantasia, descritas nos capítulos e na classificação apresentada na conclusão. Na revisão e pesquisas bibliográficas, não se encontrou perspectiva idêntica a abordada nesta tese, nem a classificação e análise das fantasias propostas na conclusão.

Espera-se que esta pesquisa que foi tão importante a este autor, tanto do ponto de vista pessoal, quanto acadêmico e clínico, possa contribuir para uma compreensão mais ampla do importante papel que a fantasia desempenha na constituição do psiquismo e na função de produzir um sentido para a vida e, assim, ajudar a outros sujeitos a descobrirem, caso possam e desejem, os caminhos que dissolvem as fantasias que oprimem e os que revelam aquelas que se dirigem para a criação.

Capítulo 1

A construção e a função da fantasia no funcionamento do psiquismo

"Teoria é bom, mas não impede que as coisas existam" (Charcot in Freud, 1893)

Pode-se estabelecer como um marco da ruptura entre o localizacionismo cerebral e os sintomas histéricos, as descobertas produzidas por Charcot, Breuer e Freud. Sob esse olhar histórico, procurou-se analisar o que parece ser o surgimento do conceito de fantasia na obra psicanalítica freudiana, que, para alguns, se constitui como o "objeto psicanalítico por excelência" (Laplanche & Pontalis, 1993:40) e tema principal desta tese. Deveu-se, inicialmente, no que se pretende considerar como o protótipo dessa gênese, situando-a nas conferências de Charcot, em seus estudos sobre a histeria.

Os estudos, que valorizam as subjetividades na compreensão dos sintomas, iniciados com Charcot, produzem uma linhagem de narradores de suas experiências que vieram a mudar o rumo do entendimento da mente⁷ humana ou como passará a ser chamado neste texto de psiquismo. Considera-se que a semente do conceito de fantasia está presente desde as análises sobre a etiologia das histerias, quando Freud afirmava que os sintomas físicos das histerias não poderiam ser compreendidos independentes de uma série de distúrbios psíquicos, mas que estavam, ainda, fora de sua compreensão.

⁷ NAT: *Mente (seele)* é aqui utilizada em um sentido amplo, que inclui a experiência corpórea como estrutura da própria mente e não somente o cérebro como seu representante; além de não ficar restrito ao conceito de consciência incluindo o inconsciente. Na EA o termo mais usado é *anima* e *anímico*; na SEB é *mente* e *mental*; e no dicionário comentado do alemão de Freud de Luiz Alberto Hanns, a tradução mais adequada à língua portuguesa é *psíquico* e *psiquismo*. (Hanns, 1996:335).

Charcot e Freud acreditavam que, no futuro, seriam encontradas muitas explicações para o que, até então, parecia incompreensível. Destaca-se uma interpelação, onde parece surgir essa semente:

"Esses distúrbios psíquicos são alterações no curso e na associação de idéias, inibições na atividade da vontade, exagero e recalque dos sentimentos, etc. - que podem ser resumidos como alterações na distribuição normal, no sistema nervoso, das quantidades estáveis de excitação". (Freud, EA, 1888a/1996:85).

A relação estabelecida entre o somático e o psíquico, em especial, *as alterações no curso das idéias*, faz pensar numa primeira articulação entre uma produção ideativa vinculada ao soma, que ainda não era propriamente compreendida, mas que podia ser observada e comprovada, à época, por meio da hipnose.

Sobre essas idéias, mesmo não tendo sido nomeada, já é possível notar o papel da fantasia quando Freud relata que a histeria podia ser observada em mulheres que se sentiam com total ausência de sua genitália, sem que essa constatação anatômica pudesse ser comprovada. Mais ainda, propunha que na etiologia de todas as neuroses teria que ser admitido um papel importante do funcionamento da vida sexual. A problemática relativa ao trauma na histeria mereceria duas considerações: uma predisposição anterior aos ataques, não detectada e a detecção de como certos traumas que afetavam partes do corpo, tornavam-se o *loci* de histerias locais, sem qualquer correlação de ordem fisiológica. Relacionando o sintoma da histeria com fenômenos da vida cotidiana, Freud demonstrava que certas mulheres histéricas tinham seus ataques desaparecidos durante os primeiros anos de casamento e que, após o esfriamento das relações conjugais, estes reapareciam. Nota-se,

aqui, a afirmação de uma estrutura sintomática que está presente, desaparece durante um período de provável satisfação e retorna diante de um momento posterior, geralmente relacionada com a sexualidade.

Seguindo a idéia de uma evolução dos distúrbios histéricos sugere que estes, em muitos casos, tendem a passar por um período de incubação, "ou melhor, um período de latência, durante o qual a causa desencadeante continua atuando no inconsciente" (Freud, EA, 1888a/1996:85).

Em outro ponto importante levantado por Freud, pode-se observar a semente das idéias de identificação e repetição, quando afirma que a atitude de familiares diante dos histéricos, tais como alarme e excesso de preocupação, só reafirma nos pacientes um aumento de excitação e suas tendências. Relata, ainda, que se um paciente em determinada hora costuma ter um ataque, os familiares já esperam, pela via da regularidade, a expressão deste ataque, muitas vezes antecipando a irrupção do sintoma "*com isso assegurando a repetição do evento temido*" (Freud, EA, 1888a/1996:91).

Acerca da relação entre a *idéia e o soma*, Freud, baseado nas teorias de M. Janet começa a pensar que, na histeria, há uma causa que relaciona as concepções de *corpo* que são mais bem compreendidas sob uma perspectiva perceptiva, do que sob a visual, neuroanatômica, levando-o a fazer a seguinte indagação: "... na paralisia histérica, a lesão será uma

modificação da concepção (representação)⁸, da idéia de braço, por exemplo. Mas, que espécie de modificação será essa, capaz de produzir paralisia?" (EA, 1888b/1996:213).

Visto sob a ótica psicológica, Freud sustenta que, na lesão causada pela histeria, a concepção da parte afetada do corpo não estava associada com as outras idéias constituintes do eu do qual o corpo do indivíduo forma uma parte importante. A acessibilidade associativa da concepção de determinada parte do corpo estava abolida.

Numa perspectiva antropológica, Freud correlacionava esse fenômeno da histeria com os mitos primitivos de certas tribos selvagens que, quando da morte de seu chefe, queimavam seu corpo, seu cavalo, seus objetos e até suas esposas, obcecados pela idéia de que ninguém deveria tocá-los. A relação estabelecida é de haver uma quantidade de afeto que se vincula com a primeira associação e que oferece resistência a entrar numa rede de associações com outros objetos, criando, assim, uma barreira de inacessibilidade à idéia primária, à ligação do primeiro objeto. Constata-se, novamente, uma noção implícita de fantasia, observando-se, pela primeira vez, uma associação entre filogênese e ontogênese⁹. Freud afirma que não se trata de uma mera comparação, mas que é basicamente o mesmo processo, se o relacionarmos com a psicologia das concepções. Diante de um dos temas centrais desta tese, revela-se o nascedouro de uma criação singular como vinculada a uma criação coletiva.

⁸NAT: *representação* é um termo da tradução da EA e *concepção* é da SEB

⁹NAT: Essa associação é estudada no capítulo 3 desta tese.

Outro aspecto importante desta explicação afirma-se na medida em que surge a primeira referência aos processos subscientes¹⁰, ao reconhecer a inacessibilidade de uma concepção investida de uma grande carga de afeto com outras associações. Assim, uma parte do corpo estará paralisada em proporção com a persistência dessa quantidade de afetos ou com a diminuição por intermédio de meios psíquicos apropriados e "...em todos os casos de paralisia histérica verificamos que o órgão paralisado ou a função abolida estão envolvidos numa associação subsciente que é revestida de uma grande carga de afeto" (EA, 1888b/1996:208).

Na medida em que essa carga afetiva é eliminada, os movimentos das partes do corpo que estão paralisados são logo liberados. A hipótese, nesse momento, se sustenta sob a idéia de que a concepção de parte do corpo paralisada encontra-se presente no substrato material, contudo não está acessível à consciência, em virtude do fato de que o conjunto das afinidades associativas está "impregnado de uma associação subsciente com a lembrança do evento, o trauma, que produziu a paralisia" (EA, 1888b/1996:208).

Em síntese, Freud afirmava que o Eu apresenta uma capacidade de agir por meio de uma reação motora ou por uma atividade psíquica associativa, quando submetido a eventos ou impressões psíquicas. Todos os eventos e impressões que o Eu recebe estão revestidos de certas quantidades de afeto. Quando surge uma impossibilidade de eliminar esse afeto excedente, a lembrança constitui-se como um trauma, tornando-se causa de sintomas histéricos.

¹⁰NAT: Freud utiliza, inicialmente, o termo subsciente, o qual seria abandonado ao longo da obra.

A fixação dessa concepção de parte do corpo numa associação subconsciente com a lembrança do trauma é a responsável pela alteração funcional. A resolução desse problema é pela via da descarga motora equivalente ou por uma forma de atividade psíquica consciente que seja capaz de eliminar essa carga de afeto.

Sobre a Hipnose

Ainda devemos ser gratos à velha técnica da hipnose por nos ter mostrado os processos psíquicos simples da análise, numa forma isolada ou esquemática. Só isto pôde nos dar a coragem de construir, no tratamento analítico, situações mais complexas, e de mantê-las claras diante de nós" (Freud, EA 1914/1969:150)

Deve-se a Joseph Breuer, em Viena, a adoção do método da hipnose, como meio de levar os pacientes histéricos a remontarem suas pré-histórias psíquicas da doença, buscando na rememoração do evento original que criou o seu sintoma encontrar uma estratégia de expressão que o havia paralisado naquele momento.

Freud considerava a hipnose, em princípio, como o método mais eficaz para tratar as histerias, pois partia do princípio das experiências espontâneas de seus pacientes quando diante de expressões do impulso inibido em situações da vida cotidiana, conseguiam eliminar seus sintomas, por exemplo, em descargas de raiva ou sob a excitação de um fenômeno da ordem dos efeitos religiosos.

A hipnose trouxe algumas contribuições importantes para o funcionamento da vida psíquica. Uma delas diz respeito ao papel da sugestão, amplamente discutido nos círculos

médicos da época, onde duas correntes se distinguiram pelas idéias: Charcot sustentava que "a sugestão não passava de uma forma leve de hipnotismo e Bernheim, que a hipnose era simplesmente produção de sugestão" (EA 1888c-1892/1996:73). A utilização da sugestão direta e do método catártico pela hipnose seriam ainda aplicados por Freud especialmente entre o período de 1886 e 1896.

Sobre o papel da sugestão, pelo método desenvolvido pelo Dr. Bernheim, de Nancy, Freud assinala que esta rompia com a concepção médica de que a hipnose era um absurdo. A sugestão aparece-nos, como um dos protótipos da psicanálise, em que Freud ressalta seu papel como núcleo do hipnotismo.

Mas, o que se aprenderia efetivamente com o papel da sugestão na hipnose? Freud diria que com os estudos de Bernheim, aprendia-se que a hipnose era capaz de demonstrar:

"as relações que vinculam os fenômenos hipnóticos aos processos correntes da vida de vigília e do sono, e no ato de trazer à luz as leis psicológicas que se aplicam a ambos os tipos de eventos. Com isso, o problema da hipnose é inteiramente transposto para a esfera da psicologia, e a 'sugestão' é erigida como núcleo do hipnotismo e chave para sua compreensão". (EA 1888d-1889/1996:81).

Por outro lado, as idéias de Charcot defendiam que:

"a hipnose de pacientes histéricos não teria nenhuma característica própria; mas todo médico teria a possibilidade de produzir, nos pacientes que hipnotizasse, qualquer sintomatologia que desejasse." (EA 1888d-1889/1996:84).

As críticas de Freud a ambos, Charcot e Bernheim, situam-se na discussão da primazia entre o efeito psicológico e o efeito orgânico diante da clínica. Esse debate que privilegia ora a idéia e ora o soma, vislumbra certas questões sobre a fantasia e a gênese do processo

da transferência. Freud se convencera, cada vez mais, que os fenômenos histéricos eram regulados por leis. Em síntese, as duas idéias poderiam ser assim resumidas:

"Uma corrente, cujas opiniões Bernheim exprime..., sustenta que todos os fenômenos do hipnotismo têm a mesma origem: isto é, surgem de uma sugestão, de uma idéia consciente, que foi introduzida, mediante uma influência externa, no cérebro da pessoa hipnotizada e por esta foi aceita como se tivesse surgido espontaneamente. Sob esse ponto de vista, todas as manifestações hipnóticas seriam fenômenos psíquicos, efeitos de sugestões. A outra corrente (Charcot), pelo contrário, sustenta a opinião de que o mecanismo de pelo menos algumas das manifestações do hipnotismo se baseia em modificações fisiológicas - ou seja, em deslocamentos da excitabilidade no sistema nervoso, que ocorrem sem a participação das partes do mesmo que operam com a consciência; os adeptos dessa corrente falam, portanto, dos fenômenos físicos ou fisiológicos da hipnose". (EA 1888d-1889/ 1996:83).

Freud considerava a tarefa de não dividir os fenômenos hipnóticos em fisiológicos e psíquicos como um desafio urgente. Precisava descobrir o que os vinculava.

Novos achados sobre a hipnose: lembranças e trauma

Nos relatos, Freud, examinando pacientes histéricos sob hipnose, começou a formular novas hipóteses, tais como a compreensão que

"o ponto central de um ataque histérico é uma lembrança, a revivescência alucinatória de uma cena que é significativa para o desencadeamento da doença...o conteúdo da lembrança geralmente é um trauma psíquico, que, por sua intensidade, é capaz de provocar a irrupção da histeria no paciente, ou é um evento que, devido à sua ocorrência em um momento particular, tornou-se um trauma" (EA, 1892/1894/1996: 171)

Trauma seria definido por Freud como um *acréscimo de excitação* ao sistema nervoso, que é incapaz de fazer dissipar-se adequadamente pela reação motora (ESB, 1892/1894 /1996: 179). Nesse sentido, os ataques histéricos poderiam ser considerados como "tentativa de reação ao trauma" (EA, 1892/1894/1996: 171).

A idéia de conflito psíquico vai se tornando cada vez mais elaborada. Passa a se reconhecer nos mecanismos internos dos estados histéricos um conflito decorrente da emergência de 'um material sob a forma de idéias e impulsos à ação que a pessoa, em seu estado sadio, rechaçou e inibiu, muitas vezes, mediante um grande esforço psíquico". (EA, 1892/1894 /1996:172). Relacionando estas observações com os estudos sobre os sonhos, desenvolvidos, em que se mostravam conteúdos rejeitados durante a vida diurna, Freud passou a formular uma teoria de *contravontade histérica*, que, se acredita, já poderia ser vislumbrada como uma gênese do conceito de recalçamento. Enquanto Charcot defendia a idéia de que a etiologia dos ataques histéricos era a hereditariedade, Freud, cada vez mais, se inclinava a relacionar os sintomas histéricos e outras fobias na esfera das *anormalidades da vida sexual*.

Escrevendo a Breuer¹¹, estabelece novos rumos para a compreensão da teoria da histeria. Tentando organizar as idéias até então produzidas, ele as organiza de forma com que as novas teorias estabeleçam três parâmetros principais: o teorema referente à constância da soma de excitação, a teoria da memória e o teorema que estabelece que os conteúdos dos diferentes estados de consciência não estão relacionados entre si. Em síntese, estas teorias sustentam que sonhos, auto-hipnose¹² e afetos, como sintomas crônicos são deslocamentos de somas de excitações que não foram dissipadas. O motivo do deslocamento é a tentativa de reação e o da persistência estaria na dissociação dos estados de consciência. Por outro lado, a origem dos estigmas histéricos lhe era *altamente obscura*. Considera-se instigante

¹¹ Artigo "Esboços para a comunicação preliminar de 1893".

¹² NAT: Estados hipnóides.

que já nesse período Freud pudesse ser capaz de intuir os aspectos dinâmicos, tópicos e econômicos do psiquismo humano.

A predisposição histérica passa a ser atribuída a produções das causas internas e/ou por fatores desencadeantes externos, contudo o que mais lhe parecia provável é que ambas estivessem combinadas. Para que tal fenômeno se faça cada vez mais compreensível, Freud sustenta que é indispensável supor a hipótese de uma dissociação - *uma divisão no conteúdo da consciência* (EA, 1892/1894 /1996:188). Quais formulações sustentariam, nesse momento, essa idéia de divisão?

Primeiramente, Freud afirma sua concepção de que o elemento que se repete nos casos histéricos é um certo revivescimento de um estado psíquico que já foi vivido anteriormente, ou, em suas palavras *o retorno de uma lembrança*. Suas observações confirmam que os fenômenos motores de cada expressão de histeria não são desvinculados de seu conteúdo psíquico. Em segundo lugar, *o retorno de uma lembrança* não se trata simplesmente de qualquer lembrança, mas sim daquela, cujo retorno do evento foi o responsável pela irrupção da histeria - *o trauma psíquico*. Essas idéias remetem à presença de uma lembrança que representa o trauma vivido anteriormente.

Numa terceira argumentação, essa lembrança é levada à categoria de lembrança inconsciente¹³, ou como Freud tentaria apreender o funcionamento psíquico naquele instante: haveria no psiquismo duas formas de consciência: o primeiro estado de

¹³ NAT: O uso do termo inconsciente nessa frase é da ordem da trama enfática, não se referindo ao conceito inconsciente como sistema, ou seja, como da ordem de uma trama de articulação, tal como descrito por Hanns. (OP, 2004:17/18).

consciência seria a consciência "normal" e o segundo estado é aquele que se encontra afastado da consciência. Assim, a lembrança inconsciente estaria localizada no segundo estado de consciência, que se encontra organizado em diferentes graus, dependendo das características da histeria. Para explicar o ataque histérico, sob essa perspectiva, Freud argumentaria que durante estes ataques o paciente estaria parcial ou totalmente neste segundo estado de consciência.

Formulando premissas para compreender as origens dessas lembranças, Freud sugere que estas são produtos de experiências que o paciente procura esquecer, inibindo e suprimindo idéias, localizando esses atos psíquicos na segunda consciência, sem, contudo desaparecerem. Estes retornam sob a forma de ataque histérico. A idéia de constância energética apresenta-se como o mantenedor desse equilíbrio, buscando eliminar o excesso de excitação ou descarregando-o por meio de uma ação motora específica.

Na histeria ocorre que essas lembranças/impressões não conseguem efetuar uma descarga adequada, porque o paciente

"se recusa a enfrentá-las, por temor de conflitos mentais angustiantes, seja porque (tal como ocorre no caso de impressões sexuais) o paciente se sente proibido de agir, por timidez ou condição social, ou, finalmente, porque essas impressões num estado em que seu sistema nervoso estava impossibilitado de executar a tarefa de eliminá-las" (EA, 1892/1894 /1996:190).

Reunindo essas idéias, Freud vem a redefinir como trauma psíquico "toda impressão que o sistema nervoso tem dificuldade em abolir por meio do pensamento associativo ou da reação motora (EA, 1892/1894 /1996: 190)".

Sexualidade, tensão e afeto

Argumentar que a sexualidade é um dos componentes dos sintomas histéricos era uma idéia que não condizia com a moral vigente. Em seu rascunho B para Fliess (EA, 1893/1996:23), Freud pedia que este mantivesse esses escritos "longe de sua jovem esposa". Entretanto, a afirmação (1886)¹⁴ de que toda a neurastenia¹⁵ é sexual passa a ter um cunho definitivo em sua teoria. A descrição dos sintomas era classificada como: 1) hipocondria quando a angústia estava relacionada com o corpo; 2) agorafobia, claustrofobia e vertigem em lugares altos, que seria uma angústia relacionada ao funcionamento do corpo e 3) nas ruminções obsessivas e *folie de doute*¹⁶ que seria uma angústia relacionada com as decisões e a memória, ou seja, com as fantasias de outras pessoas em relação ao funcionamento psíquico de si mesmo.

Na carta 18 para Fliess (EA, carta 18, 1894/1996:227), Freud descreve sua compreensão da ligação entre os sintomas neuróticos, os afetos e a sexualidade. Partindo do pressuposto de uma crença numa vida sexual normal, que começa a ser abalada, estabelece, em relação aos afetos, o que parece ser a primeira impressão sobre a *cisão entre amor e sexo*¹⁷. Em relação aos mecanismos neuróticos e suas expressões afetivas, concebe três mecanismos de

¹⁴ No artigo "Etiologia das Neuroses".

¹⁵ NAT: "Neurastenia- afecção descrita pelo médico americano George Beard (1839-1883), que compreende um quadro clínico centrado numa fadiga física de origem "nervosa" e sintomas dos mais diversos registros. Freud foi um dos primeiros a sublinhar a extensão excessiva tomada por este síndrome, que deve em parte ser desmontado em benefício de outras entidades clínicas. Nem por isso deixa de conservar a neurastenia como uma neurose autônoma; caracteriza-a pela impressão de fadiga física, as cefaléias, a dispepsia, a prisão de ventre, as parestesias espinais, o empobrecimento da atividade sexual. Fá-la entrar no quadro das neuroses atuais, ao lado da neurose de angústia, e procura a sua etiologia num funcionamento sexual incapaz de resolver de forma adequada a tensão libidinal (masturbação)" (Laplanche & Pontalis, 1983:376)

¹⁶ *Folie de doute* se refere aos quadros de dúvidas obsessivas. Numa tradução ao pé da letra seria "loucura da dúvida" (Larousse 1987).

¹⁷ NAT: Grifo do autor da tese.

direcionamento: as transformações do afeto presentes na histeria de conversão, o deslocamento dos afetos, nas obsessões e a troca de afeto, nas neuroses de angústia e na melancolia. Diante dos desafios observados na clínica, reafirma-se outra cisão *entre a esfera psíquica e a esfera física* (EA, Rascunho E, 1894/1996: 228/231) para descrever suas noções sobre a origem da angústia. Abandona a idéia de que a angústia teria origem na esfera psíquica e sugere que sua produção se deve a um fator físico da vida sexual.

Emerge, então, sua explicação para a angústia como produto de uma transformação em função da tensão sexual acumulada. A histeria e a neurose de angústia são resultantes desse represamento, desse acúmulo de tensão sexual física. Entretanto, ao analisar a melancolia, verifica que nesses indivíduos apresenta-se uma falta da necessidade de relação sexual. Por outro lado, neles se constata um grande *anseio pelo amor em sua forma psíquica*. Buscando estabelecer a origem sexual da melancolia, diria que estes apresentam uma tensão erótica psíquica. Logo, a origem da angústia nas neuroses começava a ganhar suas formas: "onde se acumula tensão sexual física - neuroses de angústia. Onde se acumula tensão sexual psíquica - melancolia" (EA, Rascunho E, 1894/1996:231)

Nessa perspectiva econômica da teoria da angústia, encontra-se, no que diz respeito à melancolia, uma compreensão de que *o afeto correspondente à melancolia é o luto*.¹⁸ Em outras palavras, o melancólico deseja recuperar algo que foi perdido, supondo-se que seja da ordem da vida pulsional. Relacionando melancolia com anorexia, Freud sustenta ser, esta última, a expressão de uma sexualidade não desenvolvida. A falta de apetite, ou sua perda podem representar a perda da libido. Assim, a melancolia poderia ser pensada como

¹⁸ NAT: Melancolia e luto seriam concebidos mais tarde de forma distinta (1917/1915).

um luto por perda da libido. A dimensão econômica da neurose sinaliza que a potência está mais vinculada às neuroses de angústia e à impotência aos estados melancólicos (EA, Rascunho G, 1895/1996:240)

Defesas, lembranças e recalque.

As chamadas aberrações¹⁹ se contrapõem a estados afetivos "normais"²⁰ e que podem ser detectados na histeria pelos conflitos, na neurose obsessiva pela autocensura, na paranóia pela mortificação e no luto pela amênia²¹ alucinatória aguda. As causas precipitadoras são de natureza sexual e ocorrem durante a infância, num período anterior à maturidade sexual, condições, nas quais, Freud viria a denominar de sexualidade e infantilismo. Constituídos na vivência do indivíduo, Freud minimiza e praticamente descarta a possibilidade da "hereditariedade"²² vir a ser um determinante para a escolha das defesas neuróticas.

Partindo da lei da constância da soma de excitações, Freud afirma ser normal a tendência às defesas, na medida em que estas surgem como medidas para dirigir a energia psíquica, a fim de evitar o desprazer. Contudo essas defesas não podem se impor às percepções, mas somente às lembranças e aos pensamentos.

¹⁹ NAT: Freud estabelece que as neuropsicoses de defesa são **aberrações** patológicas

²⁰ NAT: Aspas do autor desta tese.

²¹ NAT: demência - Novo Dicionário Aurélio

²² NAT: Posteriormente, Freud irá rever e relativizar essa afirmação.

As tentativas de compreender a origem do recalque e a escolha de defesa se complexificam nas idéias de Freud. Curiosamente, ele levanta a hipótese de que a produção de desprazer na vida sexual pode, inclusive, ter uma fonte independente gerando repulsa e reforçando a moralidade. Talvez, esta possa ser uma semente daquilo que viria a ser, num futuro próximo, concebido como Supereu. Assumindo que a teoria do processo sexual ainda era uma incógnita, Freud afirma que não tem respostas para explicar, no recalçamento, a origem do desprazer.

Sobre o recalçamento, Freud já pode afirmar alguns pontos, como, por exemplo, que a(s) experiência(s) sexual(is) traumática(s) da infância sofre(m) recalque(s); o recalçamento num período posterior é o que desperta a lembrança primitiva, criando um sintoma primário; criação de defesas neuróticas diante do sintoma primário e, por fim, a idéia primeira do retorno do recalcado, ao sugerir que diante do retorno das idéias recalcadas, em suas lutas internas e com o Eu, novos sintomas são formados, criando a base da neurose. Esta fase é denominada de "ajustamento, de ser subjugado, ou de recuperação de uma má formação" (EA, Rascunho K, 1895/1996:262). E conclui, nesta reflexão, que cada neurose tem sua determinação em função do modo como se realiza o recalque. E como atuam as lembranças na sua relação com o recalque produzindo neuroses?

Na neurose obsessiva, a experiência primária é acompanhada de prazer. O processo da autocensura - que é inicialmente consciente - origina a sensação de desprazer. Para proteger o indivíduo deste desprazer, lembrança e autocensura são recalcadas, criando-se em seu lugar um sintoma antitético com um perfil de escrupulosidade. Durante a "maturidade sexual" emerge o retorno do recalcado, por meio da autocensura como um

sentimento de culpa sem qualquer conteúdo. Esse conteúdo precisa ser representado. Ocorrem, então, duas distorções para constituírem suas significações. A primeira diz respeito à ligação desse sentimento de culpa na ação presente, como uma distorção no tempo, e a segunda, quanto ao conteúdo propriamente dito, pois não se trata mais da ação presente real, mas um substituto eleito como categoria análoga, "mas falso, em virtude do deslocamento e da substituição por analogia" (EA, Rascunho K, 1895/1996:264).

Buscando esclarecer melhor os sintomas da neurose obsessiva, Freud descreve a sintomatologia das obsessões e compulsões partindo das idéias dos sintomas provocados pelas defesas secundárias que emergem diante da luta defensiva do Eu contra a obsessão. Inicialmente, o afeto proveniente da autocensura pode transformar-se em outras formas de afetos mediante mudanças que ocorrem em diversos processos psíquicos. Assim, os afetos podem ter acesso à consciência, de forma distorcida do afeto primário, tomando formas tais como angústia (medo proveniente da autocensura), hipocondria (medo dos efeitos corporais), delírios de perseguição e vergonha (medo de alguém saber), entre outros.

O Eu reconhece, em algum nível, um estranhamento nessa obsessão, contudo, pode, por vezes, ser subjugado por esta, quando está suscetível a uma melancolia transitória. Nesse conflito do Eu contra o domínio das obsessões, resultam os sintomas secundários que se configuram por uma exacerbação do sentimento da escrupulosidade e, por compulsões a investigar detalhadamente as coisas e acumulá-las; além do deslocamento para os impulsos motores gerando ensimesmamento, compulsões para a bebida, rituais protetores e *folie de doute*. Freud observa que as dissociações entre as idéias e os afetos encontram-se substituídas e transferidas para outros deslocamentos, que se constituem no sintoma da

neurose obsessiva. O trabalho clínico consistiria em desfazer a trama das substituições e transformações de idéias e afetos, respectivamente, visando à emergência dos fatores primários desencadeantes e, assim, poderem ser julgados pelo Eu, no momento presente.

No tocante à paranóia, Freud reconhece seu desconhecimento quanto às suas origens nas relações de prazer e desprazer na experiência primária. Contudo busca estabelecer alguns parâmetros do funcionamento do recalque e do papel das lembranças em relação ao mecanismo da neurose obsessiva, parecendo-lhe que a natureza da experiência primária possa se parecer entre ambas. O recalque surge após a respectiva lembrança ter causado desprazer, apesar de Freud não compreender muito bem como isso acontece nesse momento (EA, Rascunho K, 1895/1996:266/267). Não há formação de autocensura e nem posterior recalque proveniente dela. Ocorre então que o desprazer, não podendo surgir de um mecanismo introjetado, é então projetado às pessoas que se relacionam com o paciente²³. A desconfiança dos outros é constituída como um sintoma primário. Nesses casos, o retorno da experiência pode ser por meio do afeto aflitivo e/ou da lembrança. O retorno por meio da lembrança volta sob a forma de pensamentos alucinatórios visuais ou sensoriais, e o afeto recalcado por alucinações auditivas. As lembranças que retornam não são substituídas como na neurose obsessiva; elas são distorcidas por imagens equivalentes retiradas do momento presente vivido. A distorção é, portanto, cronológica. Na medida em que a crença está desvinculada da autocensura primária, sem sua respectiva formação de sintomas de compromisso, assume o comando irrestrito dos mesmos. A defesa fracassa diante do retorno do recalcado, permitindo a formação de delírios.

²³NAT: Freud utiliza a denominação de paciente, que o autor da tese procurou manter na medida em que evoca o caráter particular dos sintomas, sem ainda situá-los na universalidade da constituição humana.

Na histeria, Freud supõe uma experiência primária de desprazer que vem a determinar como de natureza passiva²⁴, justificando ser mais comum nas mulheres, por estas apresentarem uma passividade sexual natural. Nos casos clínicos de histeria com homens, essa condição primária de passividade sexual também se encontrava presente. Acreditando que os eventos causadores de prazer possam ter um prosseguimento independente, sugere que essas experiências de desprazer não ocorrem numa idade muito precoce, caso contrário teriam o mesmo destino que as neuroses obsessivas. O Eu, não suportando a produção da tensão que gera desprazer, cria saídas via manifestação de descargas observáveis, em geral, por uma expressividade exagerada de excitação. O recalque, a formação de sintomas e a conexão com a lembrança ocorrem, posteriormente. A partir de então, a defesa e a subjugação do Eu observados pela formação dos sintomas e a irrupção dos ataques podem combinar-se sob os mais diversos graus.

O recalque na histeria, diferente da idéia antitética das obsessões, é constituído por uma idéia limítrofe bastante intensa representada após a lembrança no fluxo do pensamento. Freud denomina de limítrofe, em virtude do fato de pertencer, por um lado, ao Eu e, de outro, ao ganhar os contornos de uma parte *não distorcida da lembrança traumática* (EA, Rascunho K, 1895/1996:267). Nesse sentido, torna-se o resultado de um compromisso, sem expressão substitutiva, mas caracterizada pelos deslocamentos da atenção que relaciona uma série de idéias, vinculadas a uma simultaneidade temporal. A manifestação motora

²⁴ NAT: Essa idéia de ativa/passiva relativa à neurose obsessiva e à histeria, respectivamente, pressupunham um certo conceito moral de que a atividade é uma função masculina, e a passividade, feminina. Esta idéia foi abandonada posteriormente por Freud, em 1906. Contudo, reaparece ao longo da obra sobre formas mais complexas, como por exemplo no *O problema econômico do masoquismo*.

como saída para o evento traumático é a expressão da idéia limítrofe e o primeiro símbolo do material recalado. Trata-se, portanto, mais de uma lacuna na psique do que propriamente a supressão de uma idéia.

Lembranças, cenas e fantasias.

Em sua carta 46 para Fliess (1896a), Freud introduz a noção de cena sexual que pode ser considerada como a idéia precursora da cena primária. Neste documento, a concepção de cena sexual vem agregar-se às noções anteriormente descritas sobre defesas, recalque e lembranças.

Com relação aos tipos de neuroses, destaca-se que, na histeria, as cenas sexuais são vividas nos quatro primeiros anos de vida e, por isso, "os resíduos mnêmicos não são *traduzidos* em imagens verbais" (EA, Carta 46, 1896/1996:270). O impedimento à tradução é devido ao formato conversivo da histeria, em função do excesso de sexualidade, atuando em conjunto com a defesa.

As cenas sexuais da neurose obsessiva originam-se no período entre quatro e oito anos, quando já é possível *traduzi-las* por meio de palavras. Quando despertadas no período da pré-puberdade podem se constituir em sintomas obsessivos. Na paranóia, Freud situa as cenas no período da pré-puberdade, despertando na maturidade e tendo como defesa principal a desconfiança. Para a escolha da neurose não importa o período em que se dá o

recalque, mas sim aquele no qual ocorre o evento da cena. A natureza desta é que é capaz de dar origem ao tipo de defesa²⁵.

A noção de *tradução* que parece antecipar o conceito de elaboração era definida de forma tateante por Freud. Ele sugeria que o recalçamento seria uma falha na *tradução*. A razão disso seria sempre em virtude do desprazer gerado por uma tradução, provocando um distúrbio do pensamento. A defesa patológica surge para se contrapor a um traço mnêmico primário, que ainda não foi traduzido (EA, Carta 52, 1896b/1996:275).

Certo de que os resíduos mnêmicos eram caracterizados por experiências sexuais vividas e, mais especificamente, em relação à histeria, Freud relata que o seu ponto fundamental é o fato de ser o resultado de uma *perversão* por parte do sedutor, e mais se convence de que este é *o próprio pai* do paciente. O ataque histérico não pode mais ser reduzido a uma descarga, mas a uma ação caracterizada por representar a reprodução do prazer. Em virtude da característica de representar uma ação, Freud estabelece que os ataques histéricos são sempre endereçados a uma outra pessoa, sendo que esta *outra* do presente estará sempre no lugar de uma outra anterior, *pré-histórica e inesquecível* (EA, Carta 52, 1896/1996:279). Convicto de que o trauma sexual vivenciado é o responsável pelos sintomas, Freud desenvolve a idéia de que a psicose é proveniente de abuso sexual decorrente antes dos 15/18 meses de idade.

²⁵ NAT: As concepções descritas nesse parágrafo são anteriores à compreensão da descoberta da sexualidade infantil. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, 1905.

A partir da Carta 56 para Fliess, datada de 17 de janeiro de 1897, Freud aprofunda seu percurso no campo da antropologia, o que vem a redirecionar e a modificar seu entendimento sobre a etiologia das neuroses. Começa a construir a dimensão fantasística dos sintomas. O diabo²⁶ e as bruxas que assombraram a idade média passam a servir de sinais renovadores para a compreensão do psiquismo. Analisando a teoria medieval demoníaca, Freud encontra os mesmos elementos presentes na histeria, como a teoria de um corpo estranho e de uma divisão na consciência. Observa que os testemunhos das "bruxas", feitos sob tortura, se pareciam com as mesmas comunicações feitas por seus pacientes. Bruxas, diabos, palavrões, cantigas e hábitos da infância começam a ter significações na sintomatologia da histeria. Em sua carta 59, Freud declara, textualmente:

"...o aspecto que me escapou na solução da histeria está na descoberta de uma nova fonte a partir da qual surge um novo elemento da produção inconsciente. O que tenho em mente são as fantasias históricas, que, habitualmente, segundo me parece, remontam a coisas ouvidas pelas crianças em tenra idade e compreendidas somente mais tarde. A idade em que elas captam informações dessa ordem é realmente surpreendente - dos seis ou sete meses em diante!..."(EA, 1897c/1996:285).

Neste pequeno trecho, constata-se a descoberta das fantasias na histeria, seu caráter inconsciente e, principalmente, a precocidade da sua constituição, remetida aos primeiros meses de vida, e a compreensão a posteriori daqueles conteúdos fragmentados na memória do indivíduo. Claudicante entre as novas contribuições produzidas pela noção de fantasia e arraigado às idéias de cenas sexuais primárias, Freud passa a tentar articular ambas. Reconhece o conteúdo fantasístico, mas como um escudo, uma ficção protetora das cenas sexuais. As lembranças responsáveis pela produção do recalçamento têm de ser abandonadas e passam a dar lugar a impulsos derivados das lembranças e decorrentes das

²⁶ NAT: Ainda hoje presente nas religiões e evocado pelos fundamentalistas.

cenas primevas. O caminho para se chegar, no tratamento clínico, às cenas primevas tinha que passar pelas fantasias, pois sua função era de obstruir as lembranças.

As fantasias constituem-se de coisas experimentadas e de coisas ouvidas. Esta definição é muito importante, pois estabelece um princípio fundamental para construção desse conceito, tão caro à psicanálise. Em outras palavras, a fantasia é um produto de experiências corporais articuladas com as do campo da linguagem. Não compreendidas em seu princípio, mas constituintes mnemônicos do aparelho psíquico. Construção de um pensamento que se ergue sem compreensão lingüística racional, apesar de ser também constituído por esta.

Reverendo seus casos clínicos a partir de novas interpretações influenciadas pela noção de fantasia, Freud se pergunta, tendo Fliess como testemunha: "*Edições múltiplas das fantasias estarão também retrospectivamente vinculadas à experiência original?*" (EA, Rascunho L 1897d/1996:291). Com essa dúvida em mente, emergindo com sua produção sobre a teoria dos sonhos e a noção de realização de desejo, a certeza da existência de cenas sexuais universais para os sintomas histéricos começa a ruir. Freud passa a estabelecer associações entre as fantasias e os sonhos, conseqüentemente, com a vinculação entre fantasia e desejo. Estas associações provocam uma reviravolta na teoria das neuroses, a ponto de Freud escrever que toda essa reflexão fermentava dentro dele e o estava atormentando, gerando imobilidade, mau humor e paralisia para descrever e comunicar o que se passava com ele (EA, Carta 67, 1897e/1996:301).

Até que, em 21 de setembro de 1897, na sua carta 69 para Fliess, Freud afirma: "não acredito mais na minha neurótica (teoria das neuroses)" (EA,1897f/1996:301). Esta declaração encerrava, além de um ciclo de angústias cognitivas, a determinação de que os conteúdos das lembranças eram relativos a experiências sexuais realmente vividas. Por outro lado, abria-se todo um horizonte para o reconhecimento das fantasias, dos desejos, da sexualidade infantil e do drama familiar constitutivo do Complexo de Édipo.

Antes de descrever os pontos nos quais Freud sustenta essa virada na teoria (e na clínica), deve-se ressaltar, em seus escritos, o compromisso investigativo da verdade clínica que, em seus impasses, o coloca numa posição de não ter vergonha em reformular seus escritos, seu pensamento, seu olhar e atenção teórico/clínico. Esta forma de descrever o pensar e o agir, constituídos na díade experiência e conhecimento, como instrumento de criação e transformação nos remete a uma dimensão do saber humano que, para se erigir, não teme equivocarse e, onde os "erros" não são vistos como impedimentos, mas sim como incompletudes da razão para a diversidade da vida. E Freud não abriu mão desta última.

A teoria da neurose sofre uma grande transformação a partir dessa nova compreensão. Freud deduz que a idéia de universalidade de pais que seduzem suas filhas, não poderia mais ser concebida. Primeiro, porque sua auto-análise o levava a colocar em questão o fato de se reconhecer histérico e, assim, teria agido seu próprio pai dessa forma com ele? Segundo, se realmente o número de pais que seduzem seus filhos fossem de tal monta quanto aos relatados e transmitidos pelos pacientes, muito mais provavelmente a grande doença da humanidade seria a perversão em vez da histeria. O terceiro ponto, relevante para essa tese, trata-se da comprovação de que não há indicações da realidade no inconsciente, tornando complexa a tarefa de discriminar entre verdade e ficção, catexizadas com o afeto,

e que, até mesmo as psicoses mais graves não são capazes de revelar, nem em seus mais profundos delírios, o segredo das experiências infantis. Conclui, ainda, que assim como o inconsciente não consegue nunca tornar-se consciente, por não ser capaz de superar suas resistências (do consciente); por outro lado, deduz que o consciente não é capaz de domar totalmente o inconsciente. O que há de realidade na fantasia e o que há de fantasia na realidade? Essa passa a ser não somente uma questão fundamental na obra freudiana, mas como em toda a psicanálise até a presente data.

O Édipo Rei e Hamlet são introduzidos na obra freudiana como as primeiras grandes contribuições literárias, em cujas estruturas míticas encontram-se analogias com os grandes dramas vividos pelos indivíduos em suas neuroses. O reconhecimento da universalidade da paixão pela mãe e do ciúme do pai, da luta da razão e do destino, reafirmam em cada um de nós, a presença de um Édipo dentro de si: o horror da realização do desejo de um estado infantil recalcado para a realidade de seu estado atual que nos faz recuar; ou do castigo infligido a si mesmo por Hamlet, sofrendo inconscientemente por ter desejado matar o pai para ficar com a mãe. Uma vez que seu pai havia sido envenenado pelo próprio irmão - o novo marido da sua mãe -, emerge em Hamlet um forte conflito em assassiná-lo também, apesar de não ter tido nenhum escrúpulo em matar outros homens. Temos ao final, a cena de sua morte por envenenamento por seu próprio tio, tal como havia acontecido com seu pai. O castigo proveniente da culpa inconsciente reproduz uma cena histórica tão presente nos pacientes.

Oscilando entre a psicologia e a biologia, Freud se questiona se não deveria utilizar o nome de metapsicologia para explicar sua psicologia que está além dos limites da consciência.

Acredita que a teoria dos desejos, nos sonhos, solucionou o aspecto psicológico, mas não o biológico. Diante das fantasias, sonhos e psiconeuroses, propõe que "o que é visto no período pré-histórico produz sonhos; o que é ouvido nesse mesmo período produz fantasias; o que é experimentado sexualmente, ainda no mesmo período, produz as psiconeuroses" (EA, Carta 84, 1898/1996:316).

Nas últimas cartas para Fliess, Freud acredita que as fantasias são produzidas em períodos posteriores da vida, de forma projetada para o passado, sendo que este pode remontar aos períodos mais primitivos da infância. Contudo a capacidade de fantasiar nos primórdios da infância é nula, apesar da presença no embrião do impulso sexual. Por fim, define que a nossa vida psíquica é produto do par de opostos: realidade e realização de desejos. E os sintomas? Como entendê-los dentro desses pares de opostos?

O sintoma é diferente do sonho, na medida em que este último está mantido fora da realidade. Já o primeiro está presente na vida e precisa ir mais além. Sua função é a de tornar possível, também, a realização do desejo do pensamento recalcador: "o sintoma surge ali onde o pensamento recalcado e o pensamento recalcador conseguem juntar-se na realização do desejo" O sentido do sintoma é um par contraditório de realizações de desejos. (EA, Carta 105, 1899/1996: 320/321).

Sobre os sonhos

Os estudos sobre os sonhos abrem um caminho para a compreensão dos processos fundantes do pensamento psicanalítico. Percepção, memória, lembrança, fantasia, realidade, defesa, censura e inconsciente, entre outros, passam a ganhar uma dimensão na vida psíquica muito além do que a primazia da razão consciente podia conceber à época.

Freud busca demonstrar que as estranhezas e os absurdos dos sonhos não podem ser compreendidos com a lógica da atividade consciente. Alguns mecanismos tornam-se necessários para compreender essa outra organização lógica. Buscou-se descrever uma síntese dessa organização de formulações sobre os sonhos, visando atender os objetivos desta tese, inclusive porque todo esse esforço desemboca num dos temas centrais desta pesquisa: realidade psíquica e realidade concreta²⁷ ou material²⁸, e sua relação com as fantasias.

Analisando uma série de estudos sobre os sonhos e o sono e refletindo sobre o papel destes na sua clínica com pacientes histéricos, obsessivos, fóbicos e psicóticos, Freud elabora uma série de postulações sobre os processos oníricos.

Partindo do princípio de que a vida mental inconsciente é muito mais abrangente do que a consciência, Freud rompe com as categorias de tempo e espaço da psicologia corrente e funda um modelo de funcionamento psíquico sustentado em algumas premissas.

²⁷ NAT: Estes termos foram cunhados em 1914.

²⁸ NAT: O termo "realidade material" foi substituído em 1919.

Primeiramente, explica que o funcionamento do aparelho psíquico se estrutura numa organização sensório-motora. A atividade sensória é constituída pela percepção e a motora pela consciência, atividade voluntária e expressão. No conjunto, esse aparelho psíquico estaria funcionando sob o primado da teoria da constância, ou seja, evitando o desprazer. Suas bases se modelam dentro do modelo da atividade reflexa, onde a resposta retorna a sua fonte verificando se a descarga ocorreu, visando ao equilíbrio do aparelho. A finalidade mor desta atividade do psiquismo é a de evitar o desprazer.

Em uma extremidade do aparelho psíquico encontra-se a base perceptiva, fundante de nossa atividade psíquica; e da outra, a base motora que expressa nossa atividade motriz. O caminho percorrido pelos processos psíquicos segue na direção da perceptual à motora. A percepção é um sistema aberto a receber as impressões sensórias e não tem condições, em si mesma, de modificá-las. O sistema perceptivo nutre a consciência com toda a gama de qualidades sensórias. Os registros da percepção são inscritos nos elementos mnêmicos que mantêm, entre si, relações de similaridade, a partir de um primeiro registro mnêmico de simultaneidade no tempo. A excitação que emerge da percepção deixa vários, permanentes e diferentes registros mnêmicos.

As primeiras lembranças e impressões de nossa infância encontram-se devidamente registradas nesse sistema, mas não tem acesso à consciência, pois estão inscritas no inconsciente. E são essas impressões as que maior efeito causam sobre nós. Os elementos mnêmicos experimentam diversas fixações e vão se ordenando, com o tempo, com outras

impressões mnêmicas. Há que se deixar claro que o sistema P²⁹ não possui capacidade para conservar qualquer alteração, não tendo registro mnêmico algum.

Freud denomina *associação*³⁰ ao enlaçamento produzido entre as percepções e a memória. O caráter associativo está eminentemente relacionado aos fluxos das excitações, ora mais, ora menos resistentes, durante sua propagação entre os elementos mnêmicos. Enquanto a percepção afeta a consciência com seu fluxo sensorial constante, nossas lembranças, por outro lado, são em si inconscientes.

O sistema pré-consciente - que está mais próximo da consciência - é possuidor da instância crítica - a censura - e responsável pela atividade voluntária. Além disso, responde pelas excitações que podem alcançar a consciência por meio da **atenção**. O sistema inconsciente não tem acesso direto à consciência, a não ser por intermédio do pré-consciente, onde sua excitação sempre sofre modificações.

Relacionando os processos oníricos com outros parciais do pensamento normal e a lembrança voluntária, Freud descreve uma formação regressiva da mente, no sentido que vai do ato complexo representativo até aos materiais brutos que se encontram registrados por trás destes, até sua base. No estado de vigília, esta regressão não ultrapassa certas fronteiras mnêmicas, mantendo distância das fontes perceptivas. Nos sonhos, a representação volta a se transformar na imagem sensorial de onde teve origem.

²⁹ NAT: "P" de perceptivo.

³⁰ NAT: Grifo do autor.

A vida psíquica não cessa durante o sono; na vida de vigília, a corrente excitatória está ocupada com a motilidade; durante o sono, a motilidade cessa, não produzindo impedimento à outra corrente de excitação. As vivências primitivas da infância ou as fantasias fundadas nessa etapa reaparecem com freqüência, em seus fragmentos, no conteúdo do sonho. O pensamento desconectado da consciência luta para expressar seu conteúdo e emerge em imagens visuais. O sonho, segundo Freud, "pode descrever-se também como o substituto da cena infantil, alterado pela transferência ao recente"³¹.

Articulando a estrutura e o funcionamento dos sonhos com as cenas infantis, pode-se depreender uma ruptura com a teoria do trauma, na medida em que estas últimas só podem reproduzir-se como fantasias, ou seja, como produto modificado e influenciado por diferentes estímulos provenientes de diversas fases, que se conjugam, por associação e/ou deslocamentos de idéias. Qual seria o processo, entretanto, que refundiria idéias em imagens sensoriais? Com uma compreensão assumidamente não suficientemente clara, Freud denominaria de *regressão*³² a este processo.

Posteriormente³³, a regressão seria compreendida sob três formas: a topográfica, a temporal e a formal, correspondentes aos sistemas *F, ao retorno a estruturas psíquicas primitivas e às respectivas representações desses estados na vida cotidiana. Mais tarde³⁴, Freud estabelece uma interessante relação entre a filogênese e a ontogênese, no sonhar e na neurose. No

³¹ NAT: El sueño puede describir-se también como el sustituto de la escena infantil, alterado por transferencia a lo reciente." (EA 1900-01/2005: 543/544)

³² NAT: Grifo do autor.

³³ NAT: Parágrafo acrescentado em 1914, no artigo "(B) *Regressão*", do capítulo VII da "*Interpretação dos sonhos*".

³⁴ NAT: Parágrafo acrescentado em 1919, no artigo "(B) *Regressão*", do capítulo VII da "*Interpretação dos sonhos*".

sonhar, destaca ser uma regressão às condições mais primitivas do sonhador, reanimando sua infância por meio dos impulsos que a dominavam e aos meios pelos quais tinha acesso à expressão. Esta perspectiva ontogenética do sonhar parecia poder remeter a uma "*infância filogenética*" (EA,1900-01/2005:542), onde o desenvolvimento de cada indivíduo poderia remeter ao desenvolvimento da raça humana, como uma certa repetição sintética e submetida às contingências particulares de cada ser humano. Freud (1919) defendia a hipótese de que, por meio da análise do sonho, poderíamos apreender o que é psiquicamente inato no homem, como uma "*herança arcaica*" (ibid). Os sonhos e as neuroses trariam consigo a preservação dos processos mentais mais arcaicos e obscuros do começo da civilização. E a psicanálise, por meio da regressão, poderia ser capaz, um dia, de reconstruí-los.

Sonho e desejo

O reaparecimento das cenas infantis e a razão dos conflitos intrínsecos no sonhar podem ser explicados pela função principal do sonho que é a realização de desejos. No sonhar da criança, Freud não tinha dúvidas de que representavam desejos não atendidos durante o dia. No caso dos adultos, primeiramente, há uma renúncia a essa representação clara de um desejo não atendido durante o dia, em virtude dos mecanismos de defesa que impedem esse acesso ao processo do sonhar, provenientes do controle e domínio da vida pulsional e da atividade do pensamento. Assim, o sonhar infantil difere do adulto. O sonhar adulto é produto de um desejo consciente ou pré-consciente indutor de despertar um desejo inconsciente que está sempre alerta e propenso a encontrar um meio de expressão por intermédio dos impulsos que movem estes primeiros. Esses desejos inconscientes e

recalcados são originários da infância, mantidos sob controle e permanecendo imortais, embora afastados da consciência.

A noção de imortalidade construída por Freud, encontra paralela na lenda dos Titãs que, esmagados pelo peso das montanhas, permanecem com seus membros ainda moventes por debaixo destas. Outra referência estaria nos fantasmas do mundo inferior da Odisséia que cobravam sangue e despertavam para uma nova vida assim que o provassem³⁵.

Em 1919³⁶, Freud acrescenta à idéia de realização de desejos, o que parece, em princípio, uma contradição. Os sonhos que geram aflições e reflexões dolorosas também são realizações de desejos, embora suscitem muitas dúvidas, em sua compreensão. Assim, sonhos de angústia comportam a realização de um desejo recalcado submetido a uma instância do Eu, que rechaça violentamente a satisfação procurada e irrompe em angústia, levando ao despertar. Com essa análise, a realização dos desejos comporta não somente os sonhos considerados agradáveis, como também os desagradáveis. A angústia pode ser compreendida dentro da ordem da realização dos desejos.

Em 1930³⁷, analisando estes sonhos de punição, reforça uma proposição de 1919, na qual sugeria compreender o mecanismo da formação de sonhos, não mais opondo "consciente" e "inconsciente", mas sim entre "Eu" e o "recalcado". Nestes casos, o desejo não é derivado

³⁵ NAT: Nesta referência à tradução da ESB para *fantasma*, encontra-se na EA o equivalente a *sombras*.

³⁶ NAT: Parágrafo acrescentado nessa data ao artigo "(C) *Realização de desejos*" do Volume VII "A interpretação dos sonhos".

³⁷ NAT: Freud acrescenta uma nota de rodapé ao parágrafo referido acima.

do inconsciente ou recalçado, mas do Eu, na sua condição inconsciente, na instância pré-consciente. Neste local, pode-se localizar o Supereu.

A importância dos restos diurnos na formação dos sonhos tem influência em diferentes graus, nas diversas passagens do texto freudiano, contudo para efeito desta pesquisa, considera-se relevante a idéia de que uma representação inconsciente é incapaz de ingressar no pré-consciente, exceto quando uma representação pré-consciente inofensiva age como acobertamento de uma conexão que recebeu a transferência da intensidade inconsciente.³⁸

Buscando definir sua noção de desejo, Freud introduz a dimensão do psiquismo aos primórdios da ontogênese. Trabalhando com a idéia de constância, de busca da cessação do desprazer, localiza sua origem nos primeiros momentos de vida do bebê e sua experiência de satisfação. Inicialmente, reconhece uma excitação imposta por uma necessidade interior que busca descarregar por meio da motilidade e que pode ser designada como "*alteração interna*" ou "*expressão emocional*" (EA,1900-01/2005:557). No entanto, essa força excitatória interna apresenta como característica um funcionamento contínuo que só pode modificar-se por meio da intervenção de uma outra pessoa, como um auxílio externo, produzindo a experiência de satisfação, que faz cessar o estímulo interno.

Essa experiência de satisfação, vivida pelo bebê, constitui uma marca, um traço mnêmico da excitação produzida pela necessidade³⁹. Durante esta vivência, a aparição de uma percepção singular emerge com uma imagem mnêmica que, a partir de então, permanece

³⁸ NAT: Transferência é aqui utilizada em sua forma verbal com significação de transportar e não ao conceito de transferência.

³⁹ NAT: No texto, Freud refere-se à necessidade de nutrição.

associada ao traço mnêmico da excitação. Esse vínculo entre necessidade, percepção, satisfação e memória, produz uma resposta na qual, diante de nova necessidade de satisfação, emergirá um impulso psíquico buscando investir novamente na imagem mnêmica daquela percepção e produzi-la outra vez com a finalidade de restabelecer a situação da satisfação original (Ibid). Freud designa como *desejo* o impulso desta índole⁴⁰.

Quando esta percepção é reencontrada, pode-se dizer que se trata da realização do desejo, neste percurso que emerge da excitação produzida pela necessidade até a catexia plena da percepção. Neste estado primitivo do aparelho psíquico, o desejo terminava em alucinação, cujo objetivo principal era repetir a percepção associada com a satisfação, por meio de uma "*identidade perceptiva*" (EA,1900-01/2005:558). Contudo essa resposta de satisfação com o reencontro da percepção não se mantêm, em virtude das amargas experiências da vida, e passa a criar uma atividade secundária como forma de estabelecer uma eficácia para a finalidade de tal força psíquica, na medida em que a satisfação não sobrevém, e a necessidade persiste.

A criação de um segundo sistema que passa a controlar o movimento voluntário surge a partir do redirecionamento da força psíquica, no momento em que barra o acesso à imagem mnêmica primitiva, por meio da regressão. A partir desse instante, esta força passa a buscar no mundo externo novas identidades perceptivas que Freud veio acrescentar, em 1919, em uma nota de rodapé, que se trata do reconhecimento de um exame da realidade, ou seja, "*verificar as coisas para ver se elas são reais ou não*" (ibid).

⁴⁰ NAT: *Índole* na EA e *espécie* na ESB.

Todo esse processo descrito constitui-se como atividade de pensamento, cuja gênese se encontra na base da experiência primária de satisfação e segue um caminho, no qual constrói acessos ulteriores e indiretos que se tornaram necessários ao cumprimento da exigência da realização do desejo. Se essa atividade primária mantivesse a retenção do objeto de seu desejo, com a persistência de uma não indiferenciação entre o investimento interno e o externo, estaríamos como diante de uma psicose alucinatória.

O pensamento passa a se constituir como um substituto do desejo alucinatório e somente um desejo pode colocar o aparelho psíquico em ação (EA, 1900-01/2005:604). Nesse sentido, os sonhos, como realizações de desejo, constituem-se como fragmentos da vida mental infantil que foi suplantada. Freud retoma a metáfora da filogênese e da ontogênese, ao sugerir que as armas dos primeiros homens, tais como os arcos e as flechas, reaparecem nos brinquedos infantis.

Na medida em que a atividade do sistema inconsciente tem como único objetivo a satisfação de desejos e forçam caminho para chegar, por meio do pré-consciente, à consciência e assumir o controle dos movimentos, o aparelho psíquico, visando à preservação de nossa saúde psíquica, cria a censura, como uma instância que impede que os impulsos inconscientes tenham acesso direto à motilidade. A censura surge como uma proteção e, quando não atua nesta intermediação, emerge uma regressão alucinatória própria à psicose.

Articulando realização de desejos com o processo do sonhar, Freud destaca que, durante o sono, o controle da atividade motora tende a diminuir, assim como a censura. Afetado pelos

restos diurnos que não foram descarregados pela vida de vigília ou por um agente surgido durante o dia, e que despertou um desejo inconsciente, ou por ambos, a atividade do sonhar é influenciada pela tendência dos impulsos inconscientes a ingressar na consciência. A barreira estabelecida pela censura mantém-se atenta, apesar de diminuída em sua força controladora. Os impulsos seguem dois caminhos: das cenas ou fantasias inconscientes ao pré-consciente e dos limites da censura até as percepções. No caminho do inconsciente à censura pelos processos de pensamento, o desejo, influenciado por esta última adota uma desfiguração, uma deformação mediante ao que é mais recente. No caminho inverso, buscando fugir dos impedimentos impostos pela censura e pelo estado de sono, o conteúdo do processo onírico se torna perceptivo. Ao atingir este estado, atrai a atenção para si e é notado pela consciência.

Posteriormente, visando à finalidade de possibilitar operações mais finas e com uma maior autonomia dos signos de desprazer, tornou-se necessário que o sistema pré-consciente construísse qualidades próprias que atraísse a consciência. A provável estratégia foi o elo estabelecido entre os processos pré-conscientes e o sistema mnêmico (não desprovido de qualidades) dos signos da linguagem. Por este intermédio, observa-se a existência de uma consciência que era um órgão sensorial para as percepções, para tornar-se, também, um órgão sensorial para uma parte de nossos processos de pensamentos (EA, 1900-01/2005: 566). A consciência passa a possuir duas superfícies sensoriais: uma voltada para a percepção, e outra, para os processos do pensamento pré-consciente (ibid).

Por outro lado, *os processos inconscientes são indestrutíveis*; nada fica para trás, nem pode ser interrompido, nem esquecido e são caracterizados por sua forma ativa. Nesse sentido, as

lembranças e as respectivas fontes inconscientes da emoção se encontram em forma latente e podem vir a ser revivificadas por meio de sintomas, tal como os histéricos, onde a descarga pode ser realizada pela via motora.

A função de pré-consciente é a de tentar controlar essa força inconsciente, visando a um destino que leve a evitação do desprazer. O sonho cumpre essa função de permitir uma certa descarga da excitação inconsciente, recolocando-a sob o controle do pré-consciente. Quando a excitação inconsciente adquire maior intensidade, o sistema pré-consciente tem de responder com uma ação mais eficaz. Isso explica a aparente contradição de que sonhos de angústia também representem realizações de desejo.

O despertar aterrorizado durante o sono tem como equivalente a mesma função de sintoma nos processos neuróticos, tal como a fobia, por exemplo. Ambos, terror noturno e sintomas fóbicos, são defesas produzidas pelo pré-consciente para suportar a intensidade dos desejos inconscientes que, no presente, liberam desprazer.

Diante da impossibilidade de compreender a relação sexual dos adultos, constatando a participação de seus pais na mesma e não sendo capaz de elaborar estas cenas, observa-se a irrupção de uma ansiedade, a mesma que justifica os terrores noturnos das crianças.

Ainda analisando os sonhos, Freud sustenta que a atividade inconsciente da fantasia⁴¹ tem uma participação significativa na formação dos pensamentos oníricos. *A fantasia é, de certa*

⁴¹ NAT: *Fantasia* na EA e *imaginação* na ESB.

*forma, anterior ao sonho e não um produto deste*⁴². A elaboração onírica apresenta uma seqüência lógica diferente da lógica do que se costuma chamar dos processos racionais de pensamento.

A possibilidade de existir formas complexas de pensamento que não tenham uma intervenção da consciência, pode também ser observada na histeria e nas neuroses obsessivas. A função psíquica da *atenção* é que produz a possibilidade do tornar-se consciente. Mas, para onde se desloca o foco da atenção? Freud sugere que podemos produzir seqüências de pensamentos que sofrem um julgamento, alheio à consciência, até o adormecimento. A seqüência de pensamento "desprezada" não recebeu a catexia, e a seqüência de pensamento "suprimida" tem sua catexia retirada. Ambas são abandonadas, enquanto outra, que pode atrair da consciência a atenção para si torna-se foco de uma hipercatexia. As três possibilidades de seqüências de pensamentos surgem no pré-consciente, mas recebem um investimento inconsciente. As transformações produzidas nestas seqüências de pensamentos e que apresentam uma outra lógica, diferente dos processos oníricos normais, podem ser descritas como formações psicopatológicas e, em síntese, são assim descritas:

1) A presença do processo de condensação (ou compressão) nos sonhos, onde as seqüências de pensamentos se aglutinam em função de um único elemento de representação. A lógica da cadeia de pensamentos oníricos remete-se à intensidade do conteúdo ideacional. Por sua significação inconsciente, produz a impressão de estranheza diante da lógica racional da consciência;

⁴² NAT: Grifo do autor

- 2) Os lapsos de linguagem⁴³ ou deslizes na fala que ocorrem quando algo escapa a seleção e à retenção do elemento representacional;
- 3) Os chistes que são associações produzidas em função de uma depreciação do nosso pensamento;
- 4) A presença de pensamentos contraditórios que, combinando-se em condensações, não são admitidos em nossa consciência, mas que podem estar presentes em nossas ações⁴⁴;

Articulando tudo o que foi descrito até esse ponto, Freud destaca a presença de dois processos psíquicos, de natureza diferente, que se encontram presentes no sonho, nos sintomas neuróticos e em nossa vida psíquica: a) um processo de pensamento onírico que produz uma racionalidade própria, correta, de igual valor ao pensamento normal e; b) outro processo de pensamento que trata o primeiro como estranho, incorreto e irracional.

Retomando sua idéia inicial do desejo e sua relação com a atividade primária de satisfação e, da atividade secundária de criar novas formas de expressão para o movimento voluntário, a fim de evitar o desprazer, Freud reafirma que a primeira busca a descarga da excitação, enquanto a segunda visa inibir esta descarga, buscando catexizá-la com outra representação. No caso da atividade primária de satisfação ter sido investida por estímulos perceptivos dolorosos, construir-se-á um aparato defensivo ao desprazer, resultando num abandono da imagem mnêmica dolorosa e na renúncia à percepção correspondente. Essa resposta à recordação dolorosa, corresponde ao primeiro exemplo do recalque psíquico. Na vida psíquica dos adultos, o estranhamento à dor e a evitação do sofrimento são atos que

⁴³ NAT: *Lapsos de linguagem* na ESB e *deslizes na fala* na EA.

⁴⁴ NAT: Movimentos denominados de *parapraxias*.

permanecem como traços dessa experiência primitiva. Aos dois processos psíquicos descritos, Freud passaria a denominar de processo primário e processo secundário, respectivamente.

O processo secundário está investido em representações que possam inibir o desprazer que uma idéia venha a produzir, a partir do momento em que recebe esta informação. Está investido de uma busca de identidade de pensamento e não é capaz de anular o primário, mas tenta submetê-lo, sempre em função da evitação do desprazer. Os pensamentos estão investidos dessas lembranças primitivas e têm a função de regular suas intensidades. Contudo, nem sempre conseguem cumprir esse objetivo de forma completa, na medida em que nosso pensar está sempre exposto à falsificação, em virtude das interferências do princípio do desprazer.

O processo primário, assim designado por Freud, por ser o primeiro a se formar, numa perspectiva ontogenética, está presente desde o início da vida, enquanto o secundário vai se inscrevendo no decorrer do desenvolvimento. Os desejos inconscientes do processo primário permanecem investidos de sua tendência à descarga de excitação e à expressão motora, incluindo a fala. O processo secundário visa a inibir e a redirecionar esses conteúdos inconscientes, transformando-os, buscando harmonizá-los e direcionando-os para fins mais adequados.

O recalque, tal como visto, é um produto da transformação de afeto, na medida em que os desejos originários não podem ser destruídos, nem inibidos. Os impulsos de desejos sexuais de origem infantil que sofreram recalque durante o processo de desenvolvimento são

revividos num período posterior e proporcionam as forças pulsionais para todas as formações dos sintomas psiconeuróticos. Revolucionando todo o conceito de doença psíquica, Freud constata que o funcionamento dos sonhos expõe toda a fragilidade do ser humano, no sentido em que todos estão submetidos a essa forma de funcionamento do aparelho mental. O sonho não é um produto patológico e revela a divisão do processo psíquico em todas as pessoas, com seus conteúdos suprimidos. Aqui, pode ser inaugurada a concepção da universalidade da neurose e, até então, a inabalável crença de uma "normalidade psíquica".

Freud encaminha suas teorias sobre o aparelho psíquico, sempre lembrando serem estas uma busca para compreender seu funcionamento e que seus pensamentos, representações e produtos psíquicos não têm localização em elementos orgânicos dentro do sistema nervoso, mas sim entre eles.

Invertendo a lógica da razão consciente, Freud afirma ser o inconsciente uma esfera maior que inclui uma menor que é a consciência. O conteúdo do consciente foi, anteriormente, inconsciente, enquanto o inconsciente pode permanecer nesse estágio, além de reivindicar o valor pleno de uma operação psíquica.

Corroborando, em 1914⁴⁵, às idéias de Du Prel⁴⁶, Freud vem afirmar que o psíquico e a consciência não são idênticos. O conceito de psiquismo é mais amplo que o da consciência.

Diante desses pressupostos e, em especial, de que o efeito consciente é apenas uma remota

⁴⁵ NAT: Nota de rodapé ao artigo " (F) *Lo inconciente y la conciencia. La realidad*"(EA, 1901/2005:599/600).

⁴⁶ Du Prel, C. (1885) *Die Philosophie derMystik*, Leipzig.

repercussão psíquica do processo inconsciente e que este último se acha sempre presente e funcionando de forma a não ser conhecido pela consciência, Freud define que:

"O inconsciente é o psíquico verdadeiramente real, e nos é tão desconhecido em sua natureza interna como o real do mundo exterior; e nos é apresentado pelos dados da consciência de forma tão incompleta como o mundo exterior pelas comunicações de nossos órgãos dos sentidos" (EA, 1900-01/2005:600)

Com esta formulação, estabelece a existência de uma realidade psíquica inconsciente. Aquilo que até então produzia espanto nos sonhos e que buscava a causa no próprio sonhar, passa a ser compreendida como operações de fantasias inconscientes, provavelmente de origem sexual e que encontram correlatos nas fobias histéricas e em outros sintomas. Um dos enigmas da criação intelectual e artística que tendemos atribuir à consciência, muitas vezes, é prenunciado ou até mesmo produzido no sonho, ou em outras, irrompe como um todo quase pronto.

A existência de duas espécies de inconscientes é assim definida: a) um inconsciente que é inadmissível à consciência e; b) um outro chamado de pré-consciente, cujas excitações são capazes de atingir a consciência. O sistema pré-consciente situa-se como uma tela entre o sistema inconsciente e a consciência (EA, 1900-01/2005:602). A consciência, pois, para Freud, ocupa um lugar menor, ou seja, "apenas o de um órgão dos sentidos para a percepção das qualidades psíquicas" (ibid:654).

Freud apresenta a idéia de uma fantasia que irrompe na consciência, de uma forma inocente, por ter conseguido lograr a censura no pré-consciente. Seriam as situações em que os indivíduos relatam queixas tão explícitas em seu conteúdo sexual, mas que não

estabelecem essa associação. Se assim o fizessem, talvez não a pronunciassem. Nesse sentido, a fantasia volta a expressar sempre uma referência a um conteúdo sexual, e uma pergunta se impõe: "Por acaso os impulsos inconscientes que o sonho manifesta não possui o valor de forças reais na vida psíquica?" (EA,1900-01/2005: 607).

Esse limite entre a realidade psíquica e a realidade material só foi explicitada por Freud quatorze anos depois da publicação da *Interpretação dos Sonhos*. A realidade psíquica é uma forma especial de existência vinculada aos desejos inconscientes em sua mais verdadeira expressão. A realidade material não é esclarecida no texto. Contudo, parece não se referir a uma idéia anterior de Freud, opondo *realidade do pensamento* e *realidade externa*, descrita no *Projeto para uma psicologia científica*⁴⁷.

Quanto ao conteúdo ético dos sonhos e sua relação com a fantasia, Freud afirma que, quanto mais e melhor for esclarecida a relação entre o inconsciente e a consciência, mais pueris parecerão os motivos que nos levam a considerá-los eticamente objetáveis e imorais. Em relação à previsibilidade dos sonhos, há que se retomar a premissa da realização de desejos. Nesse sentido, desejar aponta para algo no futuro, contudo trabalhando com uma estratégia apreendida pelo conhecimento do passado. A análise dos sonhos revela as fantasias de desejo que apontam para repetições e versões refundidas das cenas infantis.

A função do simbolismo nos sonhos merece uma breve análise, a partir das contribuições feitas em 1911⁴⁸. De um rechaço inicial até a aceitação de que certos símbolos oníricos

⁴⁷ NAT: Artigo de 1895 e que só foi publicado em 1950.

⁴⁸ NAT: Tópico XII acrescido em 1911 ao artigo "*Sobre os sonhos*" (EA,1901/2005:664/665).

podem ser considerados como universais - símbolos das coisas que representam ou substituem - Freud revê essa forma de linguagem, atento, porém, para não cair na interpretação dos símbolos dos povos da Antiguidade. Em princípio, aqueles que sonham não se dão conta de tal simbolismo particular, o que mantém o caráter enigmático do sonho. Contudo, Freud reconhece em alguns símbolos, um significado universalmente unívoco, tais como rei e rainha para pai e mãe, objetos pontiagudos para o órgão genital masculino e caixas e armários para o útero. Mas todos esses símbolos têm que ser interpretados dentro de cada contexto.

O simbolismo onírico é uma característica que está para além do sonho, na medida em que influencia a representação nos contos de fadas, mitos, lendas, chistes, no folclore e estabelece uma conexão íntima entre ambas. Ele não é constituído pelo trabalho do sonho, mas, muito provavelmente, vinculado ao pensamento inconsciente, é capaz de fornecer material para a condensação, o deslocamento e a dramatização.

Analisando o conjunto de idéias que se conflitam nos processos psíquicos e aos quais denominava de círculos de pensamento, Freud (EA.1901/2004:110), por influência de Jung, passa a denominá-las, a partir de 1907, de "complexos"⁴⁹. Esse termo será utilizado até o fim de sua obra, sendo que a noção de complexo como um conjunto de idéias e afetos que entram em conflito no psiquismo, não parece ter sido sempre compreendida dessa forma. Muitas vezes, influenciados pela denominação do complexo de Édipo, essa noção parece ter sido compreendida mais como um arranjo identificatório padronizado e uniforme do que

⁴⁹ NAT: Nota do tradutor James Strachey acrescida ao presente artigo.

uma construção que revela as múltiplas forças que se embatem no psiquismo. Sob essa dimensão dos complexos, Freud reafirma a tendência do pensamento consciente em interpretar como estranho e opositoras as idéias inconscientes. E reconhece que um Eu da consciência desconhece o Eu inconsciente. O substrato dessas lembranças/idéias conscientes e inconscientes, já poderiam ser compreendidos como uma das funções da fantasia.

Lembranças encobridoras, memória e esquecimento

O termo "lembranças encobridoras" é constituído por Freud (EA. 1901-1904/2004a) para poder compreender a relação entre as lembranças que os adultos têm da própria infância e as vivências e impressões primitivas mais significativas e plenas de afetos a elas associadas. Essas lembranças indiferentes, como um dos processos de deslocamento, representam por meio de associação um outro conteúdo que é impedido de se manifestar ou de ser lembrado por meio do processo de recalque. Como o funcionamento da memória é submetido não somente aos processos conscientes, mas também aos inconscientes, muitos traços mnêmicos podem estar relacionados a essas lembranças encobridoras, ocultando um outro conteúdo mnêmico submetido a resistências. Em síntese, a lembrança evocada de um evento de forte conteúdo afetivo da infância pode sofrer um deslocamento por associação, em função da resistência imposta a essa lembrança originária, gerando uma nova lembrança, modificada e de aspecto indiferente que persiste nessa outra memória. Duas memórias podem ser descritas: a memória das impressões primitivas e a memória das lembranças a elas relacionadas e distorcidas em sua representação por meio da ação do recalque.

Nesse estudo, Freud depara-se com o enigma das complexas funções da memória de "esquecer" e de "reter" e considera que ambas se referem a uma falha do processo de recordar e, por mais paradoxal que pareça, encontram-se interligadas, pois na medida em que a memória deveria cumprir sua função de lembrar o que foi experienciado, reproduz outra lembrança, substituta da primeira.

A introdução das "lembranças encobridoras" na dinâmica psicanalítica possibilita investigar um dos mais importantes enigmas do psiquismo humano: o esquecimento que os adultos têm de sua própria infância. A suposição de que as experiências vivenciadas nos primórdios da infância não possuem registros mnêmicos reais e efetivos e só podem ser significadas em elaborações posteriores, abre um caminho para articular a relação da memória com os processos primários e secundários. As chamadas "lembranças encobridoras" passam a ser equivalentes às próprias recordações da infância, na medida em que se trata daquilo que é possível lembrar. Freud estende essa analogia ontogenética às lembranças da infância dos povos, passíveis de serem compreendidas em suas sagas, lendas e mitos. Os primeiros traços mnêmicos da experiência infantil não desaparecem, contudo só podem ser elaborados *a posteriori* por meio da linguagem em função das exigências das forças psíquicas posteriores. Essa perspectiva aproxima a ontogênese da filogênese⁵⁰. Os contos de fadas que tanto afetam as crianças são também compreendidos como "lembranças encobridoras" e esse vínculo tão estreito entre experiência vivida e simbolismo literário fica bem patente na observação do comportamento infantil diante desses textos. As crianças

⁵⁰ NAT: Esse tema é aprofundado no terceiro capítulo desta tese.

produzem uma luta pelo significado⁵¹ do roteiro desses textos que, se alterados pelo adulto numa contação de histórias, por exemplo, gera muita angústia e resistência por parte destas. O mesmo acontece com um grupo de pessoas que compartilham uma mesma crença religiosa e que se indignam diante dos questionamentos e mudanças na leitura dos seus mitos da criação do mundo. Basta observar os protestos de obras como o filme "Je Vous Salue, Marie"⁵² e "Versos Satânicos"⁵³, por exemplo, diante das comunidades cristãs e islâmicas. A arte, o psiquismo individual e o coletivo estão muito mais próximos do que se supõe, e o elo que os une é a fantasia.

Freud deixa bem marcado que o esquecimento está ligado a uma função de desprazer. Esquece-se, porque a lembrança nos causa desprazer. Os afetos podem estar ligados à memória provocando situações de desprazer. Há uma analogia com a fisiologia, relacionando o empenho defensivo do esquecer e de evitar o desprazer como uma manifestação comparável ao reflexo de fuga em presença de estímulos que provoquem dor. Em seu artigo sobre a *Gradiva de Jensen* (1908/1909), declara que ninguém esquece algo sem uma razão secreta ou um motivo oculto.

O valor das lembranças encobridoras retorna ao longo da obra freudiana, com a perspectiva de não representar somente algo que foi esquecido, mas sim a totalidade do que é

⁵¹ NAT: Termo denominado por Bruno Bettelheim em seu livro "A *psicanálise dos contos de fadas*", para designar a resistência infantil diante das mudanças do enredo dos contos de fadas. (s/d, 2002). Este tema é discutido no segundo capítulo desta tese.

⁵² J NAT: Jean-Luc Godard (1985).

⁵³ NAT: Salman Rushdie (*The Satanic Verses*/1988).

essencial⁵⁴. Repensando suas questões sobre a origem de marcas inscritas em momentos muito precoces da vida e que não há como compreendê-las, Freud (1914)⁵⁵ se encontra diante do desafio de decifrá-las. E esse se constitui como um dos enigmas fundamentais da psicanálise, em toda sua dimensão clínica. Como elaborar esses traços mnêmicos traumáticos experienciados em momentos muito primitivos da história de um indivíduo que não tem acesso à representação? Um dos caminhos indica que essas recordações reprimidas, quando não elaboradas, tendem a se repetir em atos.⁵⁶ O outro se dirige no sentido de compreender os mistérios das fantasias originárias⁵⁷

Com relação à tendência a repetir em atos (*atuação/acting out*) o que não pode ser elaborado, compreende-se que estas recordações são de tal forma reprimidas que geram uma tendência a constituir-se como uma compulsão à repetição⁵⁸. O indivíduo repete aquilo que foi marcado como uma experiência de sua história, no qual manteve-se fixado e do qual não tem consciência. E essa compulsão à repetição é a forma pela qual o indivíduo é capaz de recordar. Recordar, repetindo.

O indivíduo repete consigo mesmo, com o seu meio e na transferência com o analista. Repetição inconsciente, mas marcada e expressa regularmente na atitude cotidiana para com as situações de vida. Repetição daquilo que não é capaz de se dar conta. Atitudes expressadas por ele próprio que gera respostas do mundo quase previsíveis e recorrentes, o

⁵⁴ Artigo "Recordar, repetir e reelaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise, II)" (1914)

⁵⁵ Artigo "Recordar, repetir e reelaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise, II)" (1914)

⁵⁶ NAT: Ao que Freud chamou *acts it out*

⁵⁷ Artigo "A história de uma neurose infantil" (*O Homem dos Lobos*) (1918[1914]).

⁵⁸ NAT: Este termo: *compulsão à repetição* aparece pela primeira vez nesse artigo 'Recordar, repetir e reelaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise, II)' (1914), contudo a tendência a colocar em ato o que não pode ser lembrado já havia sido descrito por Freud, desde 1905, em sua análise de Dora.

que faz com que, na grande maioria das vezes, ele atribua ao mundo externo aquilo que ele próprio incentiva, inconscientemente. E quanto maior a resistência, interna ou externa, mais intensamente a atuação substituirá o recordar.

Durante a análise, o indivíduo tende a repetir seus sintomas, e o analista deve compreender que nesta repetição está implicitamente presente sua forma de recordar, de trazer à tona as lembranças submetidas às resistências. Torna-se uma das funções do analista ser capaz de observar e interpretar de forma gradual essas manifestações que o indivíduo produz diante do mundo e até diante do seu analista sob transferência. Ajudá-lo a compreender que ele o faz, mesmo sem sabê-lo conscientemente é um dos primeiros caminhos para romper as barreiras da resistência e buscar uma retificação, em que o indivíduo possa se ver implicado nos atos que repete em suas relações.

A fantasia se coloca de forma ampla sob a condição de repetição. Primeiramente, como fantasia inconsciente constituída em formas de agir que tendem a colocar em atos situações experimentadas na infância e submetidas ao recalque. Segundo, como fantasia projetada para o ambiente que lhe parece reagir sempre da mesma forma com ele, sem que perceba que as reações são resultantes de suas próprias ações. Fantasia que se dirige também ao próprio analista, sob a forma de transferência, tentando repetir e encontrar na análise as mesmas reações geradas por suas atitudes. Para o analista uma das grandes artes de sua técnica está em ser capaz de acolher essa fantasia dirigida a ele e ir se deslocando gradualmente deste lugar que lhe é outorgado pelo indivíduo, possibilitando-o desvelar e abandonar, apesar das resistências, suas fantasias tão assertivas e confirmatórias de uma realidade psíquica que lhe foi imposta pela sua história, como determinante único de seu

destino e de seu Eu. Considera-se esse o maior desafio do analista: desmontar o sintoma em busca de novas formas criativas do exercício do Eu. Traduzindo-se em termos de fantasia, trata-se de desfazer uma crença de si e do mundo para construir outra, sempre de acordo com o princípio da realização de desejo, da qual não se pode escapar. Enfim, se trata de trocar uma fantasia mais repressora por outras que lhe permitam expressar de forma mais abrangente seus afetos e sua forma de estar no mundo. A fantasia que reprime pode se transformar em criativa. Assim, cumpre-se o destino da sublimação criativa.

O analista não deve focalizar essas repetições somente como processos vinculados ao passado, mas sim como forças atuantes na vida presente do indivíduo e sobre as quais ele tem de agir para modificá-las, na medida em que seu sofrimento é de uma experiência real vivida em tempo presente.

Porém, o trabalho psicanalítico começa a demonstrar que algumas compulsões à repetição apresentam barreiras intensas, em que os indivíduos resistem obstinadamente a abrir mão dos seus sintomas. Diante de tal dificuldade no caminho clínico, Freud (1920) inclui uma nova origem a essas repetições para além das lembranças encobridoras, e que se constitui numa compulsão à repetição independente, uma pulsão paralela ao Eros com uma tendência a cessar o desprazer, baseada no princípio de inércia: a pulsão de morte⁵⁹. E, ainda assim, mesmo sob a égide de uma tendência original e independente, e a que todo organismo vivo tende a cumprir seu destino de cessar o desprazer, a fantasia será a forma pela qual essa força ganhará seus contornos.

⁵⁹ Artigo "Além do Princípio do Prazer" (1920).

Esta construção teórica é analisada mais adiante.

Dora, fantasias e transferência

No artigo da análise de Dora (1905[1901])⁶⁰, Freud reafirma a concepção de que o sonho é um dos desvios, pelos quais o recalque pode ser evitado, tratando-se de um dos principais recursos da chamada *figuração indireta no interior do psiquismo* (EA,1905[1901]/2005:15)

Durante a descrição da análise de Dora, Freud chama a atenção para um mecanismo psíquico que tem muita dificuldade de elucidar e que é muito importante para o estudo das neuroses, que se trata da inversão de afeto ou seja, como é que o prazer se transforma em desprazer?⁶¹

Outra pergunta dentre as mais freqüentes sobre a histeria, mas que se estende à análise da relação entre o somático e o psíquico coloca a questão da origem dos sintomas entre esses dois pólos. Freud responde que *até onde lhe é possível ver* (ibid:37) há uma participação solidária de ambos. A submissão somática que se expressa corporalmente (ou relacionada ao corpo) pode estar vinculada a processos normais ou patológicos. No caso de repetição do mesmo sintoma encontra-se uma histeria. O fator de repetição requer uma intencionalidade psíquica, um sentido que é emprestado ao sintoma histérico, que busca expressar-se por essa via em virtude do recalque e podendo apresentar-se sob diversas formas, dependendo da natureza dos pensamentos.

⁶⁰ Artigo "*Fragmento de Análise de uma Caso de Histeria*" (1905[1901]).

⁶¹ NAT: Em nota de rodapé, Strachey, J. (1953/2005:27) assinala que esta seria uma das questões mais presentes para Freud e que o acompanharia ao longo de sua obra.

Na seqüência, Freud estabelece a relação da doença com seus ganhos primários e secundários, ao que ele chamaria de fuga para a doença. Algumas doenças são dirigidas a alguma pessoa e desaparecem quando esta se afasta. São resultados da intenção, como por exemplo, muito comum, das crianças adoecerem para ganharem o afeto e a atenção de seus pais.

Apesar de já ter colocado a questão da etiologia sexual nos sintomas histéricos, Freud, pela primeira vez formula - como universal - que um sintoma significa a representação, a realização de uma fantasia de conteúdo sexual. Retifica-se, logo após, ao ressaltar que "melhor dizendo, pelo menos um dos significados de um sintoma corresponde à representação de uma fantasia sexual...mas que nenhuma limitação desta ordem se impõe ao conteúdo de seus outros significados" (EA,1905[1901]/2005: 42).

Afetado por seus estudos sobre a sexualidade infantil, Freud começa a inserir a importância da cultura influenciando a natureza das neuroses e perversões e, com essa compreensão, passa a desvendar um dos mais importantes enigmas da constituição do psiquismo. Em princípio, analisa a contextualização dos sintomas de acordo com cada período sócio-histórico, por exemplo, o que para a sociedade vienense era considerado perversão - tal qual o amor sexual entre os homens - em outras culturas como a grega, que segundo seu julgamento era muito superior àquela, não só cultivada como considerada "digna de importantes funções sociais" (ibid: 45).

Em seguida, estabelece o conceito de perversão como não equivalente ao sentido patético de *bestialidades e degenerações* (ibid:45) , mas sim ao caráter transgressivo de certas condutas da função sexual em relação ao próprio corpo e ao objeto sexual. Subvertendo a noção da natureza da sexualidade e sua expressão na vida adulta, Freud afirma que, em sua origem, aquilo a que chama de perversões é a expressão da disposição sexual indiferenciada das crianças. Diante do sufocamento dessas forças pode emergir um redirecionamento para metas não sexuais por meio da sublimação, produzindo atividade cultural. O desenvolvimento da criança parece ter de seguir um rumo visando à inibição dessas disposições que, no caso de não ocorrer, revelam o caráter perverso do psiquismo em sua forma ulterior. Ou seja, ninguém se torna perverso; continua a sê-lo.

Os psiconeuróticos são aqueles cujo recalque incide sobre essas forças primárias, tornando-as inconscientes durante o desenvolvimento. As inclinações perversas estão presentes na base do psiquismo e constituem-se como fantasias inconscientes na formação das psiconeuroses. O psiconeurótico fantasia o que o perverso realiza. Assim, compreende-se que a psiconeurose é o negativo da perversão. E o "não" não existe no inconsciente, ele é um produto do recalque.

Nas fantasias e nos sintomas histéricos não é necessário que os diferentes significados dos sintomas sejam compatíveis entre si e se organizem num todo articulado, basta que este todo seja constituído pelo tema que deu origem a essas fantasias.

Freud relata, em nota de rodapé (EA,1905[1901]/2005:88) que os sintomas de Dora se organizavam em torno, inicialmente, de uma fantasia de vingança e, em segundo lugar

sobre uma fantasia de defloração. Ambas emergem nos sonhos, mas, como foi citado anteriormente, as fantasias não se complementam, mas há elementos de origem sexual presentes neles, o que os torna envoltos por um tema comum. Mais adiante, Freud relata uma terceira fantasia, a da espera de um noivo. E assim segue descrevendo as fantasias de Dora, algumas como complexos que reúnem uma série de outras fantasias produzidas diante da frustração e do fracasso de certos desejos.

Um ataque histérico como uma suposta crise de apendicite de Dora, leva-o a perceber que se trata de uma *fantasia de parto*, reforçando a teoria de que muitos dos sintomas histéricos ao atingirem seu maior grau de desenvolvimento⁶² podem representar uma situação fantasiada da vida sexual, tais como uma cena de comércio sexual, gravidez, parto, etc.

O fim da análise com Dora se efetua por meio de uma interrupção da jovem, quando Freud insistira em interpretar seus sintomas como um afeto não correspondido por Herr K. A primeira interpretação de Freud assinala que um psicanalista que "evoca os mais malignos demônios semidomesticados que habitam o peito humano e procuram combatê-lo, não pode sair incólume desta luta" (EA,1905[1901]/2005:96). Segundo, ainda pensando em Dora, afirma que os neuróticos, quando se vêem frente a uma realização de intenso desejo, buscam evitá-lo. Diante da realidade, se protegem sob o manto da fantasia, o que se pode interpretar como uma defesa contra a insuportabilidade do desejo. Os neuróticos são dominados pela oposição entre a realidade e a fantasia, e que a incapacidade para cumprir a demanda real de amor é um dos traços de caráter mais essenciais da neurose (ibid:96/97).

⁶² NAT: O termo desenvolvimento encontra-se presente nas duas traduções.

No epílogo deste artigo, retoma as questões ligadas à interrupção do tratamento de Dora e se dá conta que o amor de Dora não era dirigido ao Sr K, mas sim a Sra K. Ele não pode perceber isso, porque não tinha ainda estabelecido a importância da corrente homossexual nos neuróticos. Essa ignorância havia provocado algumas interrupções também em outros pacientes. No caso de Dora, ao insistir no amor pelo SR K, Freud reforçou o que seria um aspecto da resistência do analista.

Sobre a transferência, Freud assinala alguns de seus fundamentos mais importantes. Em princípio, descreve-a como recriação das moções (impulsos) e fantasias que, na medida em que avança a análise, vão despertando e tornando-se conscientes. O característico é a substituição de uma pessoa anterior pelo do analista, assim uma série de vivências psíquicas anteriores não são revividas como algo passado, mas sim vinculadas à pessoa do analista (EA,1905[1901]/2005:101).

A transferência deve ser descoberta pelo analista com as poucas pistas oferecidas pelo seu paciente e deve-se ter cuidado para não interpretá-las prematuramente. A cura psicanalítica não cria a transferência, apenas a revela, da mesma forma como faz com outros conteúdos ocultos do psiquismo. Na análise, todos os impulsos são despertados, desde os ternos e amistosos até os hostis. Tornar conscientes estes impulsos transferenciais é objetivo da psicanálise. Longe de ser um obstáculo, a transferência torna-se o mais poderoso aliado do analista.

Quando o paciente não consegue expressar suas fantasias e lembranças no tratamento, ele acaba *atuando*, ou seja, transformando em ato o que está na fantasia.

Ao final do tratamento de Dora com sua interrupção e a elaboração posterior de Freud, constata-se o quanto foi fundamental para o futuro da psicanálise a compreensão da dinâmica da transferência.

Fantasias, pulsão e sexualidade infantil.

Em 1905, Freud⁶³ introduz a formulação da existência de uma sexualidade infantil, em oposição radical ao senso comum da época e, inclusive, revendo as formulações que ele próprio havia proposto anteriormente sobre a idéia da eclosão da sexualidade apenas na puberdade.

Três termos tornam-se necessários ser compreendidos para a descrição desse processo que são a libido⁶⁴, a noção de *objeto sexual* para a pessoa de quem parte a atração e a de *objetivo sexual* para a meta à que a pulsão conduz.

Inicialmente, Freud descreve que, no imaginário popular, há a lenda de que os primeiros seres humanos foram divididos em duas metades - o homem e a mulher - e que visam a se reencontrar no amor. Então, como explicar os casos em que homens desejam outros homens e mulheres desejam outras mulheres?

⁶³ Artigo "Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade"(1905).

⁶⁴ NAT: O termo libido foi traduzido para a EA (2005:123) e a SEB (1972:135) do original *Lust*, em alemão seguindo apontamentos do editor James Strachey. Na tradução Imago, Hanns (2004:187) afirma que há uma contradição entre o uso freudiano e o seu uso no idioma alemão. O próprio Freud assinala numa nota de rodapé que, em seu uso psicodinâmico, *Lust* tem um duplo sentido, tanto a sensação da tensão sexual quanto a de satisfação (2005:194) e (1972:218).

Uma série de teorias são expostas para compreender a gênese e a classificação dos tipos de *invertidos* sexuais. Freud desconstrói a idéia predominante de que os *invertidos* sejam uma degeneração. Considera como uma manifestação normal da sexualidade, com importantes funções dentro de determinadas culturas, estando presentes em pessoas com excelente padrão cultural e intelectual e que padrões de masculinidade bem acentuados podem conviver com a *inversão*. Sua classificação primeira (1905), apesar de um pouco primitiva: invertidos absolutos, anfigênicos e ocasionais, já indica diferentes formas de manifestação da homossexualidade. Mais tarde (1920)⁶⁵, sob a sugestão de Ferenczi (1914) denominaria de homoerotismo. Ainda, ao longo dos anos, a questão da homossexualidade constituir-se-ia como um enigma para Freud.

A teoria da bissexualidade, contudo, é marcante nesse contexto. A escolha de um objeto quer seja masculino ou feminino em suas amplas possibilidades está inscrita tanto na infância, quanto nos estágios primitivos da sociedade e nos primeiros períodos da história (EA,1905[1901]/2005:132).

Outras escolhas de objetos sexuais aparecem, ainda, nesta organização dos desvios com respeito ao objeto sexual como os casos de sexo com crianças (sexualmente imaturas) e com animais como objetos sexuais. Freud destaca que a força da pulsão, diante de um alto grau de necessidade de descarga e que não encontra um objeto apropriado, pode pressionar o indivíduo para a uma escolha de objeto semelhante com a necessidade relativa à pressão

⁶⁵ NAT: Nota de rodapé datada de 1920 acrescentada ao texto de 1905 e referindo-se ao artigo "O *Homoerotismo: Nosologia da Homossexualidade Masculina*" de Sandor Ferenczi(s/d:89), publicado em 1914, mas referente a uma conferência feita num congresso da IPA em 1911 .

exercida sobre o indivíduo com fome. Os impulsos da vida sexual se encontram nas menos dominadas áreas da atividade superior do psiquismo, mesmo em pessoas normais.

"Segundo minha experiência, quem é psiquicamente anormal em algum outro aspecto, por exemplo, o social e o ético, o é regularmente na vida sexual. Contudo, há muitos que são anormais em sua vida sexual, apesar de em todos os outros campos responderem às normas e às leis, tendo passado pelo processo de desenvolvimento da cultura humana, sendo o ponto mais fraco, o da sexualidade" (EA,1905[1901]/2005:135).

Torna-se importante esclarecer que, dentro do conceito "perversão" encontram-se todas as manifestações da sexualidade que transgridem a norma da cópula. Freud estabelece uma série de desvios em relação ao objeto sexual, aos quais chamaria de rudimentos da perversão e perversão, propriamente dita.

Nos rudimentos da perversão Freud destaca os preliminares do ato sexual, como o sexo oral, anal, em outras regiões do corpo e os casos onde o objeto sexual pode representar uma parte do corpo tal como o pé, o cabelo por exemplo, e até por deslocamento um objeto inanimado, análogo aos fetiches dos selvagens que acreditavam estar encarnado em seus deuses; observa-se, então, o fetichismo tanto na história dos povos quanto no desenvolvimento da sexualidade infantil. Sobre fetiche e fantasia, Freud, em nota de rodapé, de 1920, acrescenta que o fetiche é uma "lembrança encobridora", uma eleição determinada constitucionalmente de um retorno a uma fase primitiva do desenvolvimento infantil.

O tocar e o olhar também ganham especial interesse. A visão, que é derivada do tato concorre para algumas das escolhas mais significativas do objeto sexual, em especial

quando se constitui o desenvolvimento da beleza. O ocultamento do corpo, tão diversificado nas culturas, também provoca a curiosidade sexual, procurando revelar o que está escondido.

A sublimação pela arte aponta um dos caminhos mais fortes para o fluxo da sexualidade. O interesse pelos genitais pode ser deslocado pelo corpo como um todo. O "belo" trata-se de um produto da excitação sexual, cuja origem significa "o que estimula sexualmente". A palavra alemã correspondente "*Reiz*"⁶⁶, significa tanto "*estímulo*" quanto "*encantos*" (EA,1905[1901]/2005: 142).

O prazer de olhar se constitui numa perversão quando o ato preparatório suplanta o objetivo sexual normal. Trata-se da escopofilia, por um lado e do exibicionismo, por outro. Ambos são constituintes passivos e ativos do ser olhado e olhar. O exibicionista mostra seus órgãos genitais com o desejo de ter uma visão recíproca dos órgãos genitais de uma outra pessoa. O sadismo e o masoquismo também comparecem no quadro das perversões, consideradas como as mais comuns: o desejo de infligir dor no objeto sexual e seu inverso. Freud considera que ambos caminham juntos, em maior ou menor grau, variando de indivíduo para indivíduo. Descreve como perversão no sadismo a satisfação inteiramente condicionada à humilhação e aos maus tratos do objeto. O masoquismo seria o mesmo, só que de forma passiva, onde a satisfação se condiciona ao sofrimento de dor física ou psíquica em mãos do objeto sexual.

⁶⁶ NAT: Segundo Hanns, *Reiz* tem uma conotação implícita de "uma relação entre a intensidade ou quantidade do estímulo e sua qualidade psíquica de prazer ou desprazer" (PO,2004:187)

Em 1905, Freud descrevia o masoquismo como se surgisse como uma transformação do sadismo⁶⁷. A agressividade emerge com um excesso pulsional, cujo funcionamento econômico Freud busca compreender. Entretanto, sem ter claro como se situam este elemento, prefere supor que no par de opostos presentes no *sadismo* e *masoquismo* encontra-se a oposição entre *masculinidade* e *feminilidade*, que se combinam na bissexualidade de forma mais incisiva do que os mecanismos de agressividade. A esses pares de opostos optou por trabalhar com os termos *atividade* e *passividade*.

A desconstrução das "anormalidades" da vida sexual e o reconhecimento de seus componentes, em maior ou menor grau, na constituição da sexualidade de todos os indivíduos, pode ser considerada como uma das maiores contribuições ao entendimento do psiquismo e de sua relação com os mais diversos tipos de sintomas.

As principais resistências que incidem sobre a sexualidade são provenientes da vergonha, da repugnância, do horror e da dor. Essas resistências são sobrepujadas em situações cujo objetivo sexual se desvia muito do protótipo do ato sexual, tal como estabelecer relações com cadáveres e lambar excrementos, por exemplo. Mesmo nesses casos considerados patológicos, esses indivíduos podem manter na sua vida social um comportamento absolutamente normal. A natureza patológica de uma perversão não estaria, assim, relacionada ao seu conteúdo, mas sim na sua relação com o "normal". Ela estaria vinculada a características de exclusividade e fixação. Quanto mais repulsiva é uma perversão, maior

⁶⁷ NAT: Em 1924, no artigo: "*O problema econômico do masoquismo*", essa postura se modifica com a elaboração de um masoquismo primário ou erógeno (masoquismo feminino e moral) e o sadismo, que não encontra aplicação na vida, retorna sobre o próprio indivíduo, como um masoquismo secundário. (EA.1924/2007:103)

é o grau de contribuição psíquica em sua transformação, mais intenso é o trabalho psíquico como um valor na idealização da pulsão e mais explícita se mostra a onipotência do amor em aberrações como estas.

Em 1915⁶⁸, retomando estas forças da repugnância, da vergonha e da moralidade que atuam como uma barreira ao desenvolvimento sexual, Freud acrescenta o papel do contexto histórico durante a psicogênese da raça humana e das influências externas e educacionais.

Em síntese, ao defender a idéia de que a neurose é o negativo das perversões, Freud instaura a perversão como originária e a neurose como um produto posterior desta, a partir das repressões produzidas pela repugnância, vergonha e moralidade. As causas ontogênicas dessas resistências vão sendo descobertas, gradativamente, com a contribuição da filogênese, do meio social e dos efeitos da educação.

E como as fantasias se vinculam nesses processos? Em nota de Strachey⁶⁹ destaca-se o que Freud formulara até então, quer dizer que nos pervertidos as fantasias conscientes podem tornar-se manifestas em circunstâncias que lhes sejam favoráveis; nos paranóicos suas fantasias temerosas se apresentam em forma de delírios que são projetadas sobre os outros com intenção hostil e nos histéricos se apresentam como fantasias inconscientes que são reveladas por meio dos sintomas. Nas três formas de organização psíquica, as fantasias coincidem em seus conteúdos e até em seus detalhes.

⁶⁸ NAT: Nota de rodapé (E.A 1905:2004:147)

⁶⁹ NAT: Nota do editor James Strachey em 1953 (2004:150/151)

A noção de pulsão sexual veio amadurecendo ao longo das reflexões freudianas. Ela surge na busca de explicar a fonte de onde emergem os impulsos que constituem a atividade sexual e podem aparecer sob a forma de sintomas como representantes substitutos dessa atividade.

"Por 'pulsão' podemos entender, em princípio, nada mais do que um agente representante (*Repräsentanz*) psíquico de uma fonte de estímulos intrasomática em constante fluir; ela se diferencia do 'estímulo' que é produzido por excitações singulares vindas de fora. Assim, 'pulsão' é um dos conceitos que se situam na fronteira entre o anímico e o corporal⁷⁰, entre o psíquico e o físico⁷¹. A hipótese mais simples e óbvia a respeito da natureza das pulsões seria esta: em si não possuem qualidade alguma, mas sim que tem de ser consideradas como uma medida de exigência para o trabalho da vida anímica/psíquica... A fonte de uma pulsão é um processo de excitação que ocorre no interior de um órgão e sua meta imediata consiste em cancelar esse estímulo do órgão." (EA 1905/2004:153).

Trabalhando com as idéias de que há algo de inato na base das perversões em todos os seres humanos e na crença de uma vida sexual normal, Freud assinala três direções para as pulsões. A direção da perversão que se desenvolve até converter-se em atividade sexual real; outra quando experimenta uma sufocação/supressão/recalque insuficiente, donde podem atrair uma parte considerável de energia sexual, como sintomas; e a terceira possibilidade na qual os casos mais favorecidos situados entre as duas primeiras permite, graças a uma restrição eficaz e algum outro processamento/modificação, constituir-se naquilo que se conhece como vida sexual normal. Surge assim, a fórmula que define que a sexualidade dos neuróticos permanece num estado infantil.

A segunda teoria é marcada pela descoberta da sexualidade infantil, algo que nem o próprio Freud conseguia conceber até a presente data (1905). Nos trabalhos anteriores, todas as

⁷⁰ NAT: Tradução da EA(1905/2004:153)

⁷¹ NAT: Tradução da SEB(1905/1972:171)

indicações sobre o surgimento da sexualidade se relacionavam com a irrupção da puberdade. Essa segunda teoria, assim como a primeira, foi sendo acrescida de notas ao longo da obra.

As dúvidas quanto ao fator hereditariedade sempre estiveram presentes na perspectiva freudiana, sendo que em 1915⁷² essa questão ainda se fazia presente, na medida em que buscava compreender o que é que realmente pertence à infância (EA 1905/2004:157) e com a convicção de que pouco se conhecia sobre a sexualidade infantil (ibid:177).

Ele toma para si a autoria e a responsabilidade de ser o primeiro autor a escrever ratificando a existência de uma sexualidade infantil. E se interroga o porquê dela não ter sido descoberta ou descrita antes dele. Começa a situar suas suposições na esfera da amnésia infantil, ou seja, por que as pessoas não se lembram de fatos relacionados à sua infância até o sexto ou oitavo ano de vida. Por que a nossa memória fica tão ofuscada pelas outras atividades da nossa mente, se é exatamente neste período em que nos encontramos mais abertos para captar e receber as impressões do mundo?

A retomada das lembranças infantis nos sintomas dos histéricos coloca a questão de que essas lembranças não desaparecem, mas sim, são reprimidas, afastadas da consciência e, assim, submetidas a uma espécie de amnésia infantil. E é essa amnésia infantil que Freud supõe ser a causa das pessoas não lembrarem das lembranças⁷³ de sua primeira infância.

⁷² NAT: nota de rodapé ao texto de 1905.

⁷³ NAT: *lembrarem das lembranças* soa redundante, entretanto, julgou-se necessário manter essa frase, para que o sentido fosse mais preciso. Freud acrescenta em nota de rodapé de 1924 que havia tentado solucionar

Ao descrever o início dessa sexualidade, situa no recém-nascido um marco originário destas moções sexuais que, no decorrer do desenvolvimento, vão sofrendo diferentes inibições, sendo modificadas pelos avanços do desenvolvimento sexual e por peculiaridades individuais. A observação da sexualidade infantil pode ser constatada por volta do terceiro ou quarto ano de vida. Considera-se haver um desconhecimento de uma sexualidade mais precoce, ou seja, uma impossibilidade em observar os primeiros traços da sexualidade do recém-nato, pelo menos, a princípio⁷⁴.

Retomando as exigências da civilização tais como a repugnância, a vergonha e as imposições dos ideais estéticos e morais, Freud descreve-as como um produto da educação, mas não exclusivamente. Contudo este desenvolvimento poderia ocorrer sem a presença da própria educação, na medida em que são "organicamente determinados e fixados pela hereditariedade" (EA 1905/2004:161). Com essa afirmação, observa-se uma dúvida compreensível para o processo e o período da descoberta entre o que é constituído pelo organismo e pelo meio ambiente. Dúvida, aliás, que se encontra presente em muitos autores contemporâneos, principalmente quando se trata da etiologia das neuroses, por exemplo. Este ponto está melhor estudado no terceiro capítulo desta tese.

essa questão no artigo sobre as "*Lembranças Encobridoras*" que é tema de análise nas primeiras páginas desse capítulo.

⁷⁴NAT: Consideração assinalada pelo autor da tese.

Esses impulsos sexuais infantis não desaparecem e, durante o período de latência, são desviados em direção a fins culturais. A esse desvio, Freud denomina de sublimação⁷⁵. Na medida em que as funções reprodutoras estão postergadas e que os impulsos provenientes de zonas erógenas geram desprazer, torna-se necessário criar diques, forças psíquicas opostas, impulsos reativos para represá-los: a repugnância, a vergonha e a moral.

O início da sexualidade infantil remonta ao sugar prazeroso infantil, como o protótipo do prazer. Trata-se de um período auto-erótico, que se inicia com o prazer provocado na alimentação pela satisfação proveniente do leite morno materno. Em 1915⁷⁶, afirmaria que, nesse início, a atividade sexual está vinculada a funções que atendem à finalidade de autopreservação cuja diferenciação ocorreria mais tarde.

A experiência de satisfação tende a ser repetida já deslocando da necessidade de se alimentar para o prazer do órgão. Um bebê satisfeito ao mamar, acaba por relaxar-se e dorme tranqüilo. Esta imagem sugere a importância do prazer na vida do indivíduo adulto cuja atividade sexual pode proporcionar o relaxar e o dormir, quando se obtém satisfação⁷⁷. Esse chupar sensual absorve completamente o bebê, como pode ser facilmente verificado, levando-o ao sono ou a um tipo de descarga motora parecida com um orgasmo. Os lábios do bebê constituem-se como uma zona erógena e sua tendência a repetir um prazer experimentado, provavelmente pelo seio materno, pode ser revivido com autonomia substituindo-o por uma parte de seu corpo, em geral, o polegar. Esta experiência provocada

⁷⁵ NAT: Em nota de rodapé de 1915, Freud caracteriza essa sublimação como formação reativa. Acrescenta ser importante distinguir ambas conceitualmente e que pode haver sublimação de forma mais simples por meio de outros processos (EA 1905/1915/2004:161).

⁷⁶ Artigo "*À Guisa de Introdução ao Narcisismo*" (EA 1914/2004)

⁷⁷ NAT: Freud levanta a hipótese de que os casos de insônia poderiam ser causados por dificuldade em obter esse prazer e, assim, relaxar e dormir.

pelo sugar remete a uma situação anterior de prazer. O bebê se torna independente do mundo externo, o qual não pode controlar, mas é capaz de obter prazer consigo próprio.

Mas, nem todos os bebês sugam desta maneira, nos diz Freud. Aqueles que persistem neste prazer, tendem a exacerbar o desejo de beijar os outros e a beber e a fumar, enquanto, nos casos de recalque deste prazer pode se desenvolver distúrbios de alimentação, constrictões de garganta e vômitos⁷⁸.

Uma outra parte do corpo pode ser escolhida para obter o prazer de sugar por deslocamento, ao se tocar em alguma parte diferente e sentir prazer neste ponto. Ao estabelecer uma analogia com a histeria, Freud assinala o caráter de deslocamento presente nesta última e a capacidade de substituir uma excitação genital por qualquer parte do corpo.

Em síntese, o objetivo sexual de satisfação é obtido por meio da repetição da experiência de prazer, o qual consiste na presença de um estímulo externo sobre a zona erógena e que remova aquela sensação de desprazer.

A segunda fase do desenvolvimento é a fase anal⁷⁹, na qual a criança percebe que algo que ela produz afeta o ambiente, a partir da retenção e da liberação das fezes; esse processo desempenha um importante papel nas primeiras teorias sexuais infantis, tal qual descrito no

⁷⁸ NAT: Em 1915, Freud passou a atribuir a qualidade de erogeneidade a todas as partes do corpo e a todos os órgãos internos. Nota de rodapé acrescida ao texto de 1905 (EA 1905/2004:167)

⁷⁹ NAT: A construção da organização infantil da libido foi sendo gradualmente construída no obra freudiana. Segundo nota de Strachey ao artigo de 1913, "*A predisposição à neurose obsessiva*", as fases da organização da pulsão podem ser resumidas em: fase auto-erótica (1899/1905); fase narcísico (1909/1911); fase anal-sádica (1913); fase oral (1915) e fase fálica (1923) (EA 2005/1913:335).

caso clínico de Hans, que supõe que os bebês nascem pelo ânus. Freud reconhece o prazer da mucosa anal nos processos de retenção e evacuação e o caráter de erogeneidade do ânus, funcionando como um processo masturbatório.

A ativação das zonas erógenas genitais é possibilitada pelo efeito de satisfação produzido pela micção, em sua passagem pela glândula e pelo clitóris.

A masturbação apresenta-se como um *continuum* submetido a três momentos: a lactância, aos quatro primeiros anos e a puberdade.⁸⁰ A masturbação parece ser o agente ativo da sexualidade infantil e sobre ela repousa toda a constituição da culpa sobre o prazer.

A enurese noturna pode ser considerada como um prolongamento deste prazer erógeno e a poluição noturna como uma manifestação da atividade sexual que se manifesta independente dos componentes ligados à sedução, na medida em que se trata de uma forma interna espontânea. Isto é reexplicado para fortalecer, por um lado, a idéia da compreensão das forças pulsionais presentes em cada criança e, por outro, de deslocar a idéia de sedução como causadora do despertar da sexualidade infantil.

Freud reafirma sua compreensão de que uma satisfação vivenciada com prazer, sempre retorna. Assim, as masturbações posteriores estão relacionadas às experiências anteriores, lembrando das singularidades provocadas tanto pelas causas internas quanto às contingências externas.

⁸⁰ NAT: Esta concepção foi acrescida em 1915 ao texto de 1905 (EA 1905/2005:171)

A disposição perverso polimorfa é outra contribuição extremamente importante para compreender a complexidade da sexualidade humana. Na criança, ainda, em virtude de uma não submissão às forças da repugnância, da vergonha e da moral, observa-se um comportamento sexual próximo ao que pode ser considerado como passível de transgressões. Esta possibilidade de estar aberto a todas essas disposições perverso-polimorfas, pode ser encontrada também nas prostitutas que, de forma infantil, estão disponíveis para exercê-las. Freud sustenta ser esta disposição perverso polimorfa constituinte fundamental e universal da sexualidade humana.

Sobre as pulsões parciais, Freud escreve que o prazer de ver, de se exhibir e da crueldade emergem na criança de forma autônoma, com certa independência das zonas erógenas. A satisfação em expor seu corpo, em especial os genitais e, posteriormente, com o advento gradual da vergonha, a curiosidade em ver os genitais de outros, fazem parte desta disposição perversa. De fato, a presença de um sedutor implica, de alguma forma, maior significação para este prazer. O interesse pelos seus próprios órgãos genitais dá lugar ao interesse pelos órgãos genitais dos colegas. Segundo Freud, o momento de ver os órgãos genitais de outros surge muitas vezes durante a micção e a defecação. O recalque desse prazer em ver, ver-se e ser visto, pode permanecer como uma forte pressão transformando-se em sintoma.

Outro ponto bem importante diz respeito ao surgimento dos componentes cruéis da pulsão sexual. Freud diz que esta é natural no caráter infantil e que o sentimento de piedade se desenvolve relativamente tarde, ou seja, após o sentimento de crueldade.

Crianças que apresentam particular crueldade com animais e com outros colegas parecem expressar uma precoce e intensa atividade sexual proveniente das zonas erógenas. "A ausência da barreira de compaixão traz consigo o perigo de que este vínculo estabelecido na infância entre as pulsões cruéis e as erógenas resulte indestrutível mais tarde na vida." (EA 1905/2004:175).

A pulsão de saber ou de investigar surge entre os três e os cinco anos. O estudo do caso Hans⁸¹ confirmou para Freud a capacidade que as crianças têm de falar sobre o simbolismo representativo que esses enigmas da vida sexual significam para elas e aponta para a capacidade infantil de escolha de objeto afetivo entre os três e cinco anos.

Em 1905, Freud afirmaria que o primeiro e maior enigma infantil diz respeito à questão das origens. Em 1925⁸², ele admitiria que esse "primeiro" não se aplica às meninas e nem sempre aos meninos. A diferença sexual não seria a primeira, na medida em que os meninos acreditam por um tempo maior, que só existe um único sexo, ou seja, todos têm um pênis porque são iguais a ele. O complexo de castração estaria vinculado à capacidade de a criança organizar a compreensão dessa diferença sexual. Nas suas resoluções conflituosas, o menino pode até mesmo negar a inexistência desse pênis nas mulheres. Introduz-se aqui a questão de uma certa superioridade masculina em construir a noção de que é possuidor de algo que a mulher não tem e não a compreensão de que a mulher não é seu negativo, mas diferente. Por outro lado, na menina se desenvolveria, ao contrário, a inveja pelo que não tem, a saber, o pênis.

⁸¹ Artigo "*Análise de uma fobia de um menino de cinco anos*" (EA 1909/2005).

⁸² NAT: Nota de rodapé (EA 1905/2005:177)

As teorias do nascimento se revelam por meio da curiosidade da criança em tentar desvelar o mistério do aparecimento dos bebês e por que não dizer deles próprios. A criança tenta elaborar essa compreensão com os elementos disponíveis ao seu alcance. Nos contos de fada, a cegonha tenta dar subsídio a esse entendimento infantil, mas tende a fracassar no seu intento. A criança busca interrogar e interrogar-se assim como fez Hans, pensando que os bebês nascem como cocôs. O fato da criança não ter acesso ao papel do esperma e do orifício sexual feminino faz com que esses dados inexplicáveis sejam passíveis de teorização, de compreensão. Por vezes, gera uma capacidade de pensar sozinho, na medida em que a moral e a vergonha a impedem de dialogar sobre estas dúvidas. Diante desse impasse, a criança começa a autonomizar seu pensamento em relação ao adulto. Na medida em que também não consegue por si só, compreender o enigma, pode abandoná-lo ou deixá-lo latente em seus pensamentos. O destino dessa pulsão de saber pode tomar diversos rumos, como o da sublimação e inclusive, o da renúncia de querer saber, dependendo da intensidade do recalque.

Em 1915⁸³, Freud descreve as fases de desenvolvimento da organização sexual. Afirma que, até este momento, destacava dois pontos importantes: o caráter auto-erótico, na medida em que se encontra prazer em alguma parte de seu próprio corpo; e o das desconexões das pulsões parciais que buscam obter satisfação de forma independente. Estabelece, então, a diferenciação das organizações genitais das pré-genitais. As pré-genitais são aquelas que as zonas genitais não atingiram seu caráter hegemônico e são

⁸³ NAT: Freud inclui, em 1915, um subtítulo "*fases do desenvolvimento da organização sexual*" ao capítulo "*Sexualidade Infantil*" (EA 1905/2005:179)

divididas em oral ou canibalesca, pois aqui a nutrição e a atividade sexual ainda não se separaram: o objeto de uma atividade é o da outra, também. A meta é a incorporação do objeto e serve como um protótipo do processo de identificação posterior. A sucção do polegar desvinculada da atividade nutritiva aponta para essa forma de identificação posterior, substituindo o objeto primitivo por outro do próprio corpo.

A segunda fase é a sádico-anal onde as oposições ativas e passivas da vida sexual já se apresentam. A ativa está relacionada à atividade muscular enquanto que a passiva à mucosa erógena do intestino. Em 1923, Freud passa a denominar uma terceira fase de fálica, na qual ocorre uma certa genitalização - na medida em que a criança passa a conceber a presença de um objeto sexual e a convergência das pulsões -; contudo, ainda se diferencia da genital, que é a mais madura, pela capacidade de ela ainda conceber somente uma classe de genitais, os masculinos (EA 1905/2005:181).

Sintetizando até este ponto, Freud estabelece que as fontes da excitação da sexualidade infantil surgem

"como a reprodução de uma satisfação experimentada em conexão com outros processos orgânicos, por uma apropriada estimulação periférica das zonas erógenas e como expressão de algumas "pulsões" cuja origem todavia não compreendemos bem, como a da crueldade e a de ver" (EA 1905/2005:182).

Relacionando reprodução de satisfação com processos terapêuticos, Freud começa a perceber sob qual influência se estabelecem certas práticas terapêuticas como a dos banhos quentes, por exemplo, com seus estímulos térmicos. Reconhece, também, uma produção de excitação sexual produzida por meio dos balanceios mecânicos e ritmados do corpo. Neste

grupo de sensações de prazer, Freud distingue três classes de influências de estímulo: as que atuam sobre o aparato sensorial dos nervos vestibulares, as que atuam sobre a pele e as que atuam sobre partes mais profundas, tais como os músculos e articulações. Relacionando "excitação sexual" e "satisfação" para a existência de excitações prazerosas, busca referir-se aos jogos infantis que causam enorme prazer às crianças, tais como balançar e serem jogadas para cima, que são mecânicos e passivos, e que elas buscam incessantemente repetir.

Esse balanceio pode ser exemplificado no efeito do ninar para dormir, no prazer pelo movimento demonstrado em reproduzir movimentos de trens, carruagens, e mais recentemente em imitar guiar carros de alta velocidade. Essa relação entre carro⁸⁴ e velocidade está relacionada ao caráter sexual do prazer do movimento e da potência em guiar, conduzir esses representantes. Freud descreve que essas vivências são experienciadas por meio da fantasia, e emergem no período anterior à puberdade e, sob recalque, causam enorme desprazer nos adultos, como tonturas, náuseas, ansiedade de viagem etc. Casos observados de agorafobia e perturbações da marcha podem estar relacionados à natureza sexual do prazer do movimento.

Muitas pessoas buscam, na vida adulta, experimentar essas sensações desagradáveis de horror, apreensão ou medo por meio de um mecanismo que as atenua num mundo imaginário da ficção, do teatro e do livro e mais contemporaneamente, do cinema e das experiências sensoriais virtuais como jogos de computador por exemplo.

⁸⁴ NAT: Essa referência a carros é deste autor, na medida em que Freud falava de trens e carruagens.

Freud compreende o jogo infantil como atividade sexual, mas não fica claro pra ele se o movimento passivo é de natureza sexual ou se é o produto de alguma excitação. Entretanto, lutas físicas com colegas podem provocar o despertar dessas primeiras sensações e desse esforço sexual que mais tarde pode ser observado nas disputas verbais. Sobre a educação moderna (1910)⁸⁵, assinala a função do uso dos jogos como um meio para desviar os jovens da atividade sexual, estando o prazer do movimento substituindo o gozo sexual o que também significa voltar a atividade sexual para um dos seus componentes auto-eróticos. Trabalhos intelectuais que exigem um grande esforço da atenção produzem aumento da excitação sexual e, em direção contrária, estados de excitação sexual influem sobre a atenção orientada.

Terminando este segundo ensaio, Freud conclui que, ao que parece, tudo se combina para pôr em movimento o processo de excitação sexual. Um processo, cuja natureza, reconhece ser ainda obscuro nesse momento de sua obra.

As transformações da puberdade

Neste terceiro ensaio sobre a sexualidade, Freud privilegia as questões relacionadas à puberdade sendo que, assim como em outros textos, o tema da fantasia emerge ora explícito e ora implícito.

E esse tem sido o maior desafio desta tese. Não se trata de pesquisar exclusivamente o uso do termo "fantasia" durante a obra, mas sim da compreensão de um conjunto de conceitos

⁸⁵ NAT: Em nota de rodapé acrescida ao texto (EA1905/1910/2004:209)

psicanalíticos que se constituem sobre a idéia de fantasia, implícita ou explicitamente presentes no texto freudiano.

Com a chegada da puberdade, tudo aquilo que se constituía como auto-erótico passa a ter um novo objetivo sexual, agora ligado à primazia das zonas genitais. Aqui, completa-se o ciclo desse desenvolvimento: oral, anal, fálico e genital.

A princípio, emerge a descrição que distingue uma corrente afetiva e uma corrente sexual visando a um objeto e a um objetivo sexual. A corrente sexual, parece estar ligada ao que "resta do florescimento primário infantil da sexualidade" (ibid:189). Essa divisão entre sensual/afetiva⁸⁶ e sexual não será revisitada durante o terceiro ensaio, mas retornará freqüentemente na obra freudiana.

A idéia de desenvolvimento sexual até as formas mais genitais serve, neste princípio, de paradigma para a organização do psiquismo. Observa-se tratar-se de uma referência possível entre a biologia e um padrão de uma meta sexual idealizada baseada na compreensão e observações do comportamento humano e seus sintomas psíquicos. E partindo dessa concepção, Freud passa a considerar, sob uma perspectiva mais ampla⁸⁷ que "*os distúrbios patológicos da vida sexual são, com justiça, inibições do desenvolvimento*" (EA 1905/2004:190).

⁸⁶ NAT: *sensual* na tradução espanhola da Amorrortu e *afetiva* na tradução da Standard Edition Brasileira.

⁸⁷ NAT: Porque até então a inibição do desenvolvimento era exclusiva dos sintomas caracterizados como perversão.

Retomando as explicações para compreender a estimulação sexual e, agora introduzindo o período da puberdade, Freud acrescenta mais informações:

"Os estímulos podem ser alcançados por três caminhos: desde o mundo exterior, por excitação das zonas erógenas que já conhecemos; desde o interior do organismo, seguindo vias que ainda temos que investigar, e desde a vida psíquica, que por sua vez constitui um repositório de impressões externas e um receptor de excitações internas. Pelos três caminhos se provoca o mesmo: um estado que se define como de 'excitação sexual' e se dá a conhecer por duas classes de signos, anímicos e somáticos. O signo anímico consiste em um peculiar sentimento de tensão, de caráter extremamente esforçado⁸⁸; entre os múltiplos signos corporais, se situa primeiramente, uma série de alterações nos genitais, que tem um sentido indubitável: a preparação para o ato sexual (a ereção do membro masculino, a lubrificação da vagina)"(EA 1905/2004:190).

A relação entre tensão desagradável e sentimento de prazer voltam a ser questões para Freud. O paradoxo de uma sensação que é desagradável, podendo também ser vivida como agradável, é tangenciado por Freud, adiando sua, até então, incompreensível explicação. Ainda assim, tenta respondê-la, ao exemplificar, por exemplo, a excitação que uma mulher sente quando tocam seus seios, mas que não pode levar adiante como um ato sexual. Há um aumento de tensão sexual provocado pelo estímulo das mãos com a pele dos seios que, inicialmente gera um prazer, mas se não puder ser satisfeita com a continuação do ato sexual, pode gerar um desprazer pelo aumento da excitação.

Os olhos também são motivo de reflexão na medida em que, sob a condição de ser a zona mais distante do objeto sexual, recebe a estimulação proveniente daquela qualidade a que chamamos de belo quando encontrada neste objeto. Afirma que não é sem propósito que denominamos de "atrações" o encontro destas qualidades no objeto sexual.

⁸⁸ NAT: Na Standard Edition, este termo é traduzido por "uma tensão de natureza extremamente compulsiva" e na edição espanhola da Amorrortu "em *extremo esforzante*". A tradução do texto é de responsabilidade deste autor.

Seguindo nessa reflexão prazer/desprazer/prazer, outra questão muito importante se faz presente: como é que uma experiência de prazer pode requerer uma experiência de um prazer maior ainda?

Com uma forma de pensar ainda marcada pela idéia de normalidade possível da sexualidade como uma meta a ser atingida pela via do desenvolvimento, estabelece que o prazer genital que une o pênis e a vagina num ato de descarga produz o prazer e a diminuição da tensão da libido. Nesta mesma linha de pensamento, distingue o pré-prazer (ou prazer prévio) do prazer final. O primeiro está ligado à satisfação infantil e o segundo à satisfação produzida a partir da puberdade. No prazer final, estão incluídas todas as modalidades do pré-prazer, ou seja, da pulsão sexual infantil.

Uma fixação no prazer prévio pode provocar uma diminuição da descarga no prazer final. Isso acontece, quando, numa específica fase da infância, uma determinada pulsão recebeu grande quantidade de satisfação, fazendo com que um prazer prévio tome o lugar do prazer final. Pode surgir uma compulsão em fixar-se nas fases preliminares do prazer prévio e não dar continuidade à descarga do prazer final, sob a forma genital. E para Freud o perigo está neste pré-prazer⁸⁹.

⁸⁹ NAT: Esse é, por excelência, o modelo de onde Wilhelm Reich partiu para construir sua *Função do Orgasmo* (1942/1975) e a *Análise do Caráter* (1933/com sua conseqüente noção de saúde equivalente ao caráter genital. O perigo para o qual Freud aponta sobre prazer pré-genital é considerado por Wilhem Reich como sintomas e couraças que devem ser desfeitas, via processos de descargas energéticas, visando à retomada de um fluxo energético originário ao qual denomina de *reflexo orgástico*.

Analisando vida sexual infantil e madura, Freud afirma que tanto a sexualidade normal quanto os seus desvios são marcados pelas manifestações infantis da sexualidade. O conceito de libido é redefinido em 1915 e traz em seu conteúdo a diferenciação das forças de autoconservação e as sexuais em sua origem.

"libido como uma força suscetível de variações quantitativas que poderia medir processos e transposições no âmbito da excitação sexual. Com relação a sua particular origem, a diferenciamos da energia que supomos na base dos processos psíquicas, em geral, e lhe conferimos assim, um caráter também qualitativo. Ao separar a energia libidinosa de outras classes de energia psíquica, damos expressão à premissa de que os processos sexuais do organismo se diferenciam dos processos da nutrição por uma química particular". (EA 1905/2005:198)

A segunda diferenciação assinala uma libido do Eu ou narcísica e uma libido de objeto⁹⁰. A libido de objeto está voltada para os objetos, compreendidos como representações psíquicas e não como objetos, no sentido comum. Esta libido do objeto dirige a atividade sexual do indivíduo para sua satisfação e extinção parcial e temporária da libido, por meio de fixações, concentrações, abandonos e substituições de objetos. O termo neurose de transferência nos proporciona uma visão dela. Quando é recolhida ao interior por alguma razão, torna-se libido do Eu ou narcísica. Ainda assim, em 1920⁹¹, Freud destaca não ser possível ir muito além deste ponto em relação a libido. Entretanto, sugere que a sua natureza é masculina pelo caráter de atividade e pode ser manifestada tanto em homens quanto em mulheres.

A idéia, de que o encontro de um objeto é na realidade um reencontro, está assegurada pela importância das experiências sexuais infantis e em suas marcas deixadas nas relações

⁹⁰ NAT: Esta diferenciação é acrescida em função das reflexões contidas no texto de 1914 *À Guisa de Introdução ao Narcisismo*.

⁹¹ NAT: Parágrafo acrescentado ao texto de 1905.(2004:225)

prototípicas amorosas. Este encontro com o objeto, Freud o denomina de "anaclítico" ou de "ligação" em virtude do fato de ser buscado nos protótipos da primitiva infância. Um segundo tipo de relação com o objeto é o "narcísico", que busca o Eu próprio e o reencontra em outros.

As primeiras relações da criança com a(s) pessoa(s) que cuida dela formarão a base sobre a qual se constitui as fontes de satisfação e erotização de seu psiquismo vinculados à experiência de satisfação. A pessoa que cuida da criança (geralmente, a mãe) expressará seus sentimentos amorosos de acordo com a sua própria vida sexual, tomando-a como um objeto que deve ser acariciado, beijado, embalado e, de forma bem clara, "toma-o como um substituto de um objeto sexual de pleno direito" (EA 1905/2004:230).

A qualidade dessa relação amorosa primitiva, que é sexual, tal como compreendida por Freud, será a base sobre a qual constituir-se-á toda uma relação afetiva posterior. Havendo excessos ou carências por parte dos pais, isto se refletirá no comportamento posterior da criança. O mesmo ocorre se a mãe se sentir muito culpada de exercer esses carinhos em seu bebê com medo das próprias sensações amorosas que lhe são dedicadas. Nessa base relacional primitiva, é descrito o protótipo da transmissão das sintomatologias da neurose.

A ansiedade infantil surge pelo medo da perda da pessoa que a ama. As crianças se assustam diante dos estranhos e têm medo do escuro, porque não podem ver quem as protege. O relato do caso de uma criança que dormia sozinha num quarto e pedia a sua tia - situada num outro cômodo da casa - para que falasse com ela, ajudou Freud a perceber a

importância desta presença. Na situação relatada, a tia do menino lhe dizia: Para que falar se você não me vê? Ao que o menino respondia: Não importa, se alguém falar, a luz vem.

Essa ansiedade de separação constituinte do psiquismo faz parte do desenvolvimento infantil. Adultos que se vejam insatisfeitos com sua libido ou sozinhos e separados da pessoa a quem amam, poderão sentir uma ansiedade que os remetem aos medos infantis.

A barreira do incesto surge como um dos fatores que cria um recalque dos sentimentos das pessoas que amou na infância e torna-se um protótipo para a separação amorosa da família e um caminho para investir o seu amor em outras pessoas.

O incesto é anti-social (1915, reforçando texto de 1897) e fundante da civilização⁹². Nesse curso de pensamento é que Freud compreende a importância do Complexo de Édipo como o núcleo da neurose e da grande tarefa de cada indivíduo, em suas histórias, que é a de dominá-lo. Em relação ao incesto, destaca a luta de cada indivíduo para tentar dominar suas tentações, e a frequência com que são transgredidos em suas fantasias e até mesmo na realidade.

Essa primeira escolha de objeto fica registrada como representação, e, diante da busca de reencontrar esse objeto primitivo o jovem tenta encontrar novamente, por meio da fantasia, uma resposta para sua vida sexual que resulta num encontro irrealizável. Supõe-se que essa busca permaneça como um protótipo de satisfação que acompanha todos os indivíduos ao

⁹² Freud em sua Correspondência para Fliess, Rascunho N de 31 de maio de 1897. (1986:253)

longo de sua vida e cujo destino, em grande parte, tende a ser uma renúncia⁹³. A renúncia do objeto prototípico idealizado e que está perdido, perdido para sempre.

As fantasias retornam na puberdade com a pressão exercida pelas novas forças sexuais. Fantasias cujas raízes encontram-se nos vínculos amorosos estabelecidos entre a criança e seus cuidadores⁹⁴. Como uma síntese dos escritos produzidos nesses três ensaios emerge a noção de fantasia como um instrumento que possibilita articular essas reflexões sobre a sexualidade: as chamadas perversões, a sexualidade infantil e a da puberdade. Mais ainda: é considerada como de importância primordial em vários sentidos para a compreensão do psiquismo.

Freud⁹⁵ destaca que o protótipo dessas fantasias que irrompem na puberdade é aquele das que foram abandonadas na infância e que, em muitos casos, já podem se presentificar no final do período de latência.

Sobre a consciência das fantasias, afirma que estas podem manter-se inconscientes no todo ou em parte, dificultando a exatidão do período em que se constituíram.

As fantasias estabelecem as formas nas quais os componentes da libido encontram satisfações. Assim, pode-se situar a sua origem nos primórdios das experiências libidinais de satisfação desempenhando, por suas disposições preliminares, um papel muito importante na origem de diversos sintomas. Na maioria das vezes, as reanimações dessas

⁹³ NAT: Argumento deste autor.

⁹⁴ NAT: Esse acréscimo foi escrito em 1920.

⁹⁵ NAT: Os três parágrafos dessa tese foram descritos em nota de rodapé de 1920.

fantasias prototípicas, sob a influência dos restos diurnos, são as que se manifestam nas fantasias noturnas que se tornam conscientes na qualidade de sonhos.

O caráter de singularidade pela universalidade e de uma certa independência do vivenciado pelos indivíduos introduz a idéia de fantasias que se constituem para além da experiência ontogenética, o que se poderia classificar como fantasias primordiais⁹⁶. Freud destaca entre as fantasias primordiais sexuais que irrompem na puberdade, as de ouvir os pais mantendo relações sexuais, as de ter sido seduzido em tenra idade por alguém que amaram e da ameaça de castração. Outras, de outra ordem, são aquelas nas quais o conteúdo é o de permanecer no ventre materno e/ou das experiências vividas dentro deste. Outra mais diz respeito ao denominado romance familiar, quando o "adolescente reage frente a sua atitude atual diante dos pais e aquela que tinha na infância (EA 1905/2004:206)".

Um dos mais dolorosos e importantes desafios da adolescência é a superação e repúdio dessas fantasias incestuosas da infância, que produzem um desligamento da autoridade dos pais e torna possível a oposição entre a velha e a nova geração, movimento tão importante para o progresso da civilização.

Alguns não conseguem nunca suplantam este estágio e ficam submetidos à autoridade dos pais, como num estágio de fixação num amor infantil. Nesse sentido, não amadurecem e podem desenvolver diversos sintomas como, por exemplo, um repúdio à sexualidade e um

⁹⁶NAT: O termo primordiais aparece no artigo ' *O Caminho da Formação dos Sintomas* ' das Conferências Introdutórias, em que Freud afirmará que "As fantasias possuem realidade psíquica, em contraste com a realidade material, e gradualmente aprendemos a entender que, no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a realidade material"(SEB, 1969:371). E as fantasias primordiais descritas são a de sedução, castração e cena primária.

desejo intenso de afeto, concomitantemente, porque estão aprisionadas pelo seu amor infantil pelos pais. Torna-se comum observar pessoas que, quando perdem seus objetos amorosos, retornam a estágios primitivos da infância como um sintoma.

A memória do afeto infantil da criança por quem o cuida (seus pais, na maioria dos casos) é o traço mais importante que se inscreve no indivíduo para a sua escolha de objeto futuro e que passa a ser revivido na puberdade. Por ser o mais importante não significa também que seja o único. Ao final desse artigo (1905/2004), a fantasia parece tomar três rumos diferentes: a perversão, o recalque e a sublimação. A diferenciação entre sexualidade e genitalidade cria um novo e radical campo de estudos para a constituição do psiquismo, e esse caminho somente pode ser viabilizado pelo papel da fantasia.

Fantasia, criação e delírio.

Ciência e psicanálise começam a ser questões bem relevantes nos textos de Freud que reflete sobre o que as aproxima e as distancia⁹⁷.

Em princípio retoma seu conhecimento dos povos primitivos acerca da crença na significação dos sonhos aos quais a ciência se opõe. Assim, como hoje ainda é debatido⁹⁸, Freud rechaça a idéia de que os sonhos sejam somente um produto de nosso mecanismo

⁹⁷ Artigo "O Delírio e os Sonhos na "Gradiva" de W. Jensen"(1907[1906]/2003).

⁹⁸ NAT: Discussão ainda atual e que traz consigo muitos enigmas não resolvidos. Este tema tem sido considerado um dos principais focos de reflexão entre a neurologia, a psiquiatria e a psicanálise. Testemunho disso é o interesse num dos vídeos mais requisitados da Amazon sobre o concorrido *Dream Debate: Freud's Dream Theory is Misguided and Misleading. It Should be Abandoned (O Debate sobre os Sonhos: A teoria de Freud sobre os sonhos é mal orientada e enganosa. Ela deveria ser abandonada)* com a participação de J. Allan Hobson e Mark Solms, na Conference for Consciousness, Universidade do Arizona, USA em 2006.

fisiológico, como grande parte da ciência atesta afirmando não ser um produto do psiquismo, nem ter significado próprio.

A concepção dos antigos de que poderíamos prever o futuro é rechaçada por Freud, dentro do contexto da interpretação simbólica. Por outro lado, essa idéia traz implícita a importância de um dos pontos principais da teoria freudiana dos sonhos que é a de que, sob certo aspecto, o sonho pode vir a ser um guia do futuro na medida em que se trata da realização de um desejo, da busca de algo que se quer obter num plano futuro.

Em princípio, introduz a idéia de questionar o livre arbítrio, na medida em que considera que muitas de nossas decisões são submetidas ao inconsciente, quiçá a sua totalidade. Muito daquilo que denominamos acaso e que consideramos como mera casualidade do destino, muitas vezes está regulado por leis que nossa consciência desconhece.

O uso do termo fantasia pode ser emprestado a muitas soluções para a complexidade e os desafios que nos impõe nosso psiquismo.

Em sua análise do protagonista de Jensen, Freud aponta que as fantasias que povoavam o psiquismo do jovem, nada mais eram do que, em suas origens, um conteúdo esquecido das lembranças infantis, sem que disso ele tivesse consciência. Nesse sentido, a origem das fantasias remonta às lembranças infantis. Esse mecanismo de esquecimento é possível em virtude do processo de recalque que incide sobre essas lembranças.

Freud estabelece uma diferenciação entre a memória e o recalque, demonstrando que o que é recalado não desaparece da memória, contudo não pode ter acesso irrestrito à consciência, em virtude das imposições dos motivos que geraram o recalque, geralmente de cunho erótico. Entretanto, a pressão do que é recalado retorna com toda a sua força, quando algum elemento externo assim o provoca, mesmo que, inconscientemente, e, muitas vezes, revestido de outra forma, numa outra linguagem, que não a original.

Enfim, o que foi recalado retorna, emergindo da própria força repressora, sendo que uma dessas formas, pode-se concluir, é por meio da fantasia. A fantasia cumpre uma função de dar sentido, mesmo que submetido ao recalque, ao conteúdo latente não consciente. Trata-se de um substituto, uma saída, um caminho para essas forças recaladas. Um dos produtos culturais que Freud destaca para defender a idéia da relação do sonho com conteúdos inconscientes emerge das construções produzidas pelo que ele chama de escritores criativos.

Quando aborda a produção de escritores criativos, Freud expressa que esses autores se situam à frente da ciência. Em outras palavras, antecipam, na arte poética, aquilo que vai ser compreendido pela ciência. Neste contexto, fantasia é um sinônimo de criação. Retrata a capacidade do autor de, mesmo sem ter consciência disso, refletir elementos da realidade. Realidade inconsciente.

Mesmo que o escritor determine que se trata de fantasia, lá estão presentes, em cada um dos personagens e do enredo, as leis, as marcas da história inconsciente daquilo de que se constitui o psiquismo humano.

E o acaso, esse acontecimento que nos parece tão inexplicável, pode muitas vezes ser produto deste saber inconsciente, donde aponta que "a fuga é o instrumento mais seguro para se cair prisioneiro daquilo que se deseja evitar". (EA 1907[1906]/2003). Em função dessas relações estabelecidas entre o saber inconsciente e os eventos externos, o vínculo entre a fantasia e a realidade passa a ser estreitamente próximo. Mas, como prová-lo pelos caminhos da ciência que não aceita as provas subjetivas da existência desse inconsciente?

Freud sugere que o psiquiatra não ignore os caminhos criativos trilhados pelo escritor, na medida em que estes podem guiá-lo a compreender o que parece ser incompreensível. Antecipa-se, neste ponto, o poder que a criação subjetiva exerce na direção da elaboração dos conflitos por meio da arte, inclusive nos delírios.

Particularmente sobre os delírios, esboçam-se pontos importantes na sua relação com as fantasias. Primeiro, Freud assinala uma divisão donde não se apresenta uma ingerência imediata sobre o corpo, mas sim somente como índices psíquicos, o que nos leva a crer numa compreensão onde ocorre uma divisão entre o corpo e o psiquismo. Segundo, a fantasia ocupou toda a primazia psíquica, governando as ações e se constituindo como crença. Crenças, que não se pode deixar de registrá-las, fazem parte de todo arcabouço mitológico, religioso, ideológico e político com os quais se constituem os humanos, também, em seus grupos. Pode-se dizer que as crenças fazem parte de um delírio coletivo, socialmente aceitável. Quando radicalizado, pode chegar aos fundamentalismos que cumprem o supremo objetivo de afirmar sua verdade como universal e único caminho para o exercício existencial da experiência humana, nem que seja necessário negar todas as

diferenças para se afirmar. Nesse sentido, os delírios socialmente aceitáveis se diferenciam dos delírios singulares pelo fato de que os segundos não se tornam coletivos.

Mais além, Freud⁹⁹ retoma esse aspecto da religião, restabelecendo uma conexão entre a neurose obsessiva e as crenças religiosas. Inicialmente, analisa o papel da compulsão para os atos obsessivos que o indivíduo realiza sem entender seu sentido principal que é inconsciente; e encontra tal analogia com os atos cerimoniais e ritualísticos que os indivíduos exercitam nas práticas religiosas, por vezes, compreendendo seu conteúdo simbólico - no caso, os sacerdotes - e, em outras, realizando tais atos sem ascender ao significado simbólico e consciente do mesmo. Mesmo ascendendo ao conteúdo simbólico ritualístico, suas intenções inconscientes permanecem desconhecidas. Como em várias partes de sua obra, Freud aproxima os processos mentais singulares dos processos mentais coletivos, sociais. Tema que será mais aprofundado no terceiro capítulo desta tese.

A noção de sentimento inconsciente de culpa emerge nesse texto para explicar a motivação que domina o indivíduo provocando compulsões e proibições. O inconsciente diz respeito, mais uma vez, ao fato de o indivíduo não ter consciência do porquê deve praticar tais atos. Entretanto, diante da sua percepção interna da tentação de realizar o proibido, surge o medo da punição, gerando angústia. Para evitar o desprazer causado por esta última, o indivíduo cria seus cerimoniais como uma defesa, uma proteção transformada em atos. Como essa pulsão inconsciente não cessa de insistir, o indivíduo se vê repetidamente diante de possíveis fracassos. Em função desses fracassos, seus atos têm de se manter cada vez mais reforçados e, assim, ele os repete incessantemente.

⁹⁹ Artigo "Atos *Obsessivos e Práticas Religiosas* " (1907).

Em seu sentido social, a formação da religião tem como base o recalque às moções pulsionais, por meio da renúncia. Não se podem definir essas moções reprimidas como de caráter eminentemente sexual, pelo menos, a princípio. Tais interdições tendem a estabelecer limites para pulsões egoístas que possam prejudicar a sociedade, mas que, no fim, trata-se de moções de ordem da sexualidade. Os cerimoniais religiosos funcionam de forma a permitir atos que até então estavam interditos e encontram permissão para poderem ser realizados, por um lado, como um casamento autoriza a prática das relações sexuais, ou, de outro, como mecanismo de penitência e expiação dos pecados, por meio de orações e outras formas de libertação da culpa. Provavelmente, estas são as funções dos rituais de passagens em diversas culturas. Articulando os sintomas neuróticos com seus correlatos sociais, Freud "concebe a neurose obsessiva como um correspondente patológico da formação da religião, qualificando a neurose como uma religião individual, e a religião, como uma neurose obsessiva universal" (EA 1907/2003:109). O funcionamento religioso parece tornar-se necessário como base do desenvolvimento da cultura humana, na medida em que promove uma renúncia progressiva das pulsões constitucionais que ativam o prazer primário do Eu.

O inconsciente não pode ser reduzido, exclusivamente, a um produto do recalque, e a obra freudiana vai demonstrar, a partir de 1915¹⁰⁰, que nem tudo que é inconsciente é recalcado. Em outras palavras, emerge um inconsciente que é anterior ao recalque. Articulando a ligação entre as forças psíquicas e os afetos, e sua relação com o recalque, destaca-se a compreensão de que o recalque das idéias ocorre em virtude do recalque dos afetos a elas

¹⁰⁰ Artigo "O Delírio e os Sonhos na "Gradiva" de W. Jensen" (EA 1907[1906]/2003).

associados e que devem ser evitados. Os afetos recalcados somente são perceptíveis por meio das associações com as idéias. E como ficam os conteúdos inconscientes destituídos da linguagem? Essa resposta será mais bem compreendida na segunda tópica freudiana.

Analisando a relação entre fantasia e ciência, Freud estabelece dois marcos que se consideram importantes. O primeiro diz respeito à ignorância da ciência em não reconhecer os processos inconscientes e, nesse sentido, quem ocupa o seu lugar é o escritor criativo. Freud chega mesmo a afirmar que "é a ciência que não resiste à criação do autor"¹⁰¹ (EA 1907[1906] /2003:45).

No segundo, emerge a construção do pensamento científico como um destino possível e conciliatório para as forças distintas que conflitam na mente. Marcadamente, como estando a ciência a serviço do delírio, na medida em que suas motivações seriam inconscientes. Deve-se considerar que este relato diz respeito ao personagem de Hanold na *Gradiva* de Jensen, mas que serve de exemplo para os destinos do funcionamento psíquico.

Relacionando fantasias com os recalques, Freud explica que as fantasias são precursoras dos delírios. Em sua origem e natureza são substitutos e rebentos de lembranças recalçadas que não conseguem atingir a consciência de forma inalterada devido a uma resistência, mas podem ser passíveis de se tornarem conscientes levando em consideração, por meio de alterações e desfigurações, a censura da resistência. Uma vez consumado esse compromisso, essas recordações recalçadas se transformam em fantasias, sobre as quais a

¹⁰¹ NAT: O autor da tese elegeu o termo *autor* como mais apropriado ao texto. Este é o mesmo uso na Standard Edition Brasileira. Na edição espanhola da *Amorrortu* a tradução é *poeta*

pessoa consciente incorre com facilidade em um mal entendido, isto é, pode compreendê-las no sentido da corrente psíquica dominante.

Refletindo sobre a fonte dos sonhos e delírios, afirma que ambos se originam do recalque e que *"os sonhos são os delírios fisiológicos das pessoas normais"* (EA 1907[1906]/2003:52). O delírio sempre triunfa a cada novo conflito entre o erotismo e a resistência.

Outro adendo muito importante da fantasia diz respeito a situações da vida cotidiana, quando se observam indivíduos muito pressionados pelos impulsos das moções afetivas de forte intensidade que exigem satisfação. A razão é capaz de aceitar idéias absurdas, mesmo que escapem ao domínio da lógica racional, fazendo com que, em várias situações, possam agir quase que como portadores de uma debilidade mental.

A sustentação da idéia da existência de fantasmas, espíritos e almas que retornam, tão presente nas religiões, afetam boa parte das vivências na infância, e muitas vezes é contemplada como convivendo juntas num paradoxo entre a razão e essas práticas espíritas. E naqueles que vivenciam fortes impactos emocionais, não raro retornam a crer na existência desses espíritos, mesmo se na vida consciente, são pessoas céticas e extremamente racionais.

O delírio não é uma farsa, uma mentira. Trata-se de uma produção apoiada na verdade de cada indivíduo e na sua inabalável convicção de fé. Retomando à discussão sobre a crença, podemos encontrar como suas características principais as motivações inconscientes, a

certeza e a fé no que afirma e, nesse sentido, há uma parcela de verdade inconsciente em cada um dos grupos que exercem suas crenças, por meio das identificações.

Os delírios de perseguição estudados em Schreber¹⁰² (1911 [1912]) apontam para a raiz infantil dos conteúdos manifestados. Eles são também criações que buscam reconstruir, de alguma forma, um sentido para o psiquismo.

No caso do objeto da perseguição, observa-se que se trata de uma projeção emocional de grande intensidade sobre uma pessoa que ocupa o lugar de uma outra mais precoce na história de vida do indivíduo, e com a qual ela se identifica. Aquele que num primeiro momento de vida era seu objeto de amor, passa agora a ser o seu objeto de ódio. Mas, qual o motivo para justificar a mudança da qualidade do sentimento e sua irrupção como um delírio? Ou seja, uma fantasia delirante?

Freud descreve que a essência do conteúdo da perseguição é a essência da própria fantasia de desejo (EA 1911-13/2005:45). O mecanismo que ocorre é de uma inversão qualitativa da emoção.¹⁰³ As fantasias geralmente repousam sobre os complexos produzidos no núcleo infantil. No caso da paranóia, Freud estabelece uma afirmação que tende a ser muito contestada por vários de seus seguidores de que, na paranóia masculina, a fantasia repelida é a de um desejo homossexual. Uma manifestação psíquica de profundo sofrimento diante

¹⁰² Artigo "*Sobre um Caso de Paranóia descrito autobiograficamente (Schreber)*".

¹⁰³ NAT: Sob formas mais brandas, pode-se observar esse comportamento projetivo em neuróticos com queixas de estarem sendo seduzidos por outra pessoa, quando na verdade são eles em cuja fantasia repousa os mais profundos desejos eróticos, tornando presente no outro aquilo do que é o real possuidor. Nos casos mais graves, pode-se pensar até em formas neuróticas limítrofes e/ou psicóticas delirantes projetadas para pessoas importantes que lhe perseguem em todos os lugares.

do recalque radical do desejo de amar outro homem¹⁰⁴. Uma fixação pulsional infantil que é posteriormente submetida ao recalque e ao seu conseqüente fracasso, desencadeia esse processo patológico com a irrupção do retorno do recalcado. Estes são os três momentos descritos por Freud como do recalque na paranóia (EA 1911-13/2005:55). O delírio na paranóia é uma criação reativa a uma fantasia homossexual.

O mecanismo de projeção passa a ser mais bem compreendido, não somente em relação à paranóia, mas também aos mais comuns dos sintomas neuróticos expressos na vida cotidiana. Essa compreensão absolutamente notável que Freud pôde descobrir sobre o comportamento humano revela as facetas de muitos sentimentos, desejos e compromissos que são colocados nos outros e no mundo externo, quando na verdade, são produções de nosso próprio psiquismo que mal suportamos, inconscientemente.

A fantasia e a criação merecem mais reflexões. Ao escrever sobre a criação literária dos escritores, observa-se que estes últimos o produzem como um conhecimento, não importando sua fonte. Os autores não têm consciência das leis e propósitos do inconsciente que regem suas produções. A criação é um produto transformado em arte daquilo que o autor vislumbra em sua própria alma, observando suas possibilidades de desenvolvimento, permitindo-lhe a livre expressão sem submetê-la a um sufocamento por uma crítica consciente.

¹⁰⁴NAT: Essas manifestações paranóicas são também muito presentes na clínica, em indivíduos neuróticos. A diferença com a psicose é que, nesta última, a barreira da **fantasia** se rompe em forma delirante.

Em oposição ao psicanalista, que foca sua atenção nos processos mentais alterados nos outros e em seus pacientes, o escritor se ocupa exclusivamente da criação daquilo que o psicanalista só pode observar por meio de outros, em especial das leis que regem o inconsciente. Nesse sentido, é que o escritor pode antecipar a ciência, pois as fantasias que sustentam a criação e os "pensamentos anormais" também são regidas por leis. A arte surge como uma oposição à consciência crítica, e a fantasia, nesse sentido, deve ser tratada como um conhecimento.

Sobre a relação entre corpo e conhecimento, Freud retoma a questão da sexualidade infantil que, embora ignorada ainda por grande parte dos adultos, implica que a criança compreenda aquilo que sente e percebe no seu corpo e no dos outros. Sente, pelas excitações produzidas nos órgãos de prazer que não necessariamente os de reprodução, mas sim naquelas fontes definidas em sua concepção ampla de sexualidade, que se estende para além dos genitais.

A criança, na ignorância sobre a origem dos bebês e da diferença sexual, por exemplo, tem que formular teorias para dar conta dessa compreensão do funcionamento biológico e, para além disso, organizar seus sentimentos e objetos diante da sua capacidade de amar que está presente desde os primeiros dias de vida.

No esclarecimento infantil, sempre há algo não dito que se supõe que a criança não esteja interessada ou preparada para tal informação. Entretanto entende-se¹⁰⁵ que não se trata somente de uma questão de cunho educacional, pois as questões do prazer e do amor são

¹⁰⁵ NAT: o autor da tese

muito difíceis de serem elaboradas pelo próprio adulto (pais, familiares, professores, etc) e assim tornam-se confusas, veladas, truncadas e ambivalentes na transmissão para as crianças, mesmo que inconscientemente. Afora isso, há o fato da moral sexual apontada por Freud que - embora seja negada por muitos profissionais em nossa contemporaneidade - mantém-se presente sob formas muito diversas da Viena do fim do século XIX e início do século XX, exercendo sua função (com outras características) de controle e domínio social por meio do recalque da sexualidade. Há, ainda, uma moral repressiva muito acentuada em diversas comunidades fundamentalistas mundo afora e, por outro lado, uma moral do imperativo do gozo nas sociedades ultracompetitivas, onde a constituição das identificações visam a exacerbar os individualismos narcísicos tensionando e dissociando de forma mais profunda e contundente a relação entre afeto e sexualidade. Se amor e sexo caminham juntos, ou não, não há como negar que cargas afetivas estão sempre presentes, mesmo no imperativo do gozo.

As fantasias infantis constituem-se a partir da elaboração possível com os elementos fornecidos por sua própria investigação da natureza de seu corpo e das informações vindas do mundo exterior, do qual a criança tem que dar conta em sua compreensão de si e do mundo. Faz parte essencial da adaptação¹⁰⁶ do indivíduo a si mesmo e ao mundo, a compreensão de seu ser no mundo. E, na maioria das vezes, a criança elabora psiquicamente com a associação do que sente, percebe e relaciona com linguagem ou não. Este é um terreno fértil para a construção das fantasias infantis sobre a origem da vida, a diferença sexual e a capacidade de amar. Vale lembrar que, embora possa ter informações, ainda lhe é distante uma compreensão vivenciada do funcionamento de uma vida sexual

¹⁰⁶ NAT: adaptação do inadaptável.

adulta, na medida em que suas funções sexuais secundárias ainda encontram-se não desenvolvidas.

Esse tema do surgimento da fantasia como compreensão de uma realidade cuja experiência não acompanha a informação é merecedor de uma importância que extrapola, em muito, as fantasias infantis, conscientes ou não. É intrigante como se formam as construções de realidade produzidas pela razão sem o auxílio da experiência. A produção do conhecimento científico, em última análise, também não seria sob esse aspecto, ela mesmo, uma fantasia?

Sintomas

Freud (1908) rediscute a relação entre fantasia e sintoma buscando aprofundar o tema visando a um maior esclarecimento sobre a dinâmica desse processo.

Retomando suas concepções já discutidas sobre a natureza dos devaneios,¹⁰⁷ busca demonstrar de que forma as fantasias estão presentes em diferentes tipos de estruturas psíquicas.

Na paranóia, observam-se as fantasias delirantes cujos conteúdos remetem a um sentimento de grandeza e aos padecimentos do próprio eu. Nas perversões, pode-se observar a obtenção da satisfação sexual em idéias ou em atos. Nas psiconeuroses, em especial na histeria, as fantasias históricas desempenham um papel muito importante como causa

¹⁰⁷NAT: O tema dos devaneios é abordado no segundo capítulo desta tese.

desses sintomas. Como já foi analisado anteriormente, as fontes comuns e protótipos normais dessas criações da fantasia são os chamados devaneios da juventude, sendo que os sonhos noturnos são produzidos com o mesmo núcleo das fantasias diurnas. Essas últimas aparecem de forma desfigurada e mal compreendidas pela instância consciente. *Deve-se perguntar qual o mecanismo psíquico que interfere nestas duas formas de fantasia, para que gerem resultados diferentes em seu material.*¹⁰⁸

Os ataques histéricos podem ser produzidos pela irrupção involuntária dos devaneios, consciente ou inconscientemente. Se essas fantasias se tornam inconscientes, podem se expressar em forma de sintomas e de ataques, ou seja, de forma patológica.

Freud se depara novamente com a questão de que o inconsciente não é somente fruto do recalque. Refletindo sobre as fantasias, afirma que nem todas foram conscientes um dia e se tornaram inconscientes após o processo do recalque. Há algumas que podem ter sido sempre inconscientes. Contudo essa indagação tem sua resposta adiada.

Partindo da idéia de que as fantasias inconscientes foram já conscientes/sonhos diurnos um dia, trazem consigo elementos mnêmicos, lembranças já vivenciadas como experiência de prazer, vinculadas aos atos sexuais mais primitivos como a masturbação. Estes, originariamente constituídos na ação auto-erótica, elegiam partes do corpo designadas como erógenas; posteriormente se fusionavam com a representação de desejo construída em seu ambiente objetal amoroso e encontravam mecanismos parciais de satisfação, em que esta fantasia culminava.

¹⁰⁸ NAT: grifo do autor da tese.

A renúncia a essa satisfação masturbatória e fantasiosa torna inconsciente essa fantasia outrora consciente. E se o indivíduo não encontra objetos para obter satisfações, cria uma abstinência, não consegue sublimar sua libido, quer dizer, não é capaz de dirigir sua excitação sexual até um alvo superior¹⁰⁹. Diante dessa impossibilidade, brotam as condições necessárias para que a fantasia inconsciente prolifere e se manifeste como um sintoma patológico, pelo menos em parte de seu conteúdo e com toda a pressão de sua ânsia amorosa.

Os sintomas histéricos são, propriamente ditos, as fantasias inconscientes expressas por meio da conversão. E, na medida em que se expressam como sintomas somáticos estão, quase sempre afetados pelo conjunto das mesmas inervações motoras e sensações sexuais, que acompanham a fantasia que, em sua origem, era consciente. Onde a satisfação consciente no perverso obtém gratificação, no histérico transforma-se em sintoma. Na histeria, a fantasia é a origem dos sintomas. Os histéricos que não realizam suas fantasias em sintomas, podem expressar, de forma consciente, encenando situações que gerem atentados, estupros ou atos de agressão sexual. Em síntese, sob a aparência visível dos sintomas, encontram-se as fantasias inconscientes, ocultas, de origem sexual.

A relação da fantasia com o sintoma é bem complexa, não podendo ser estabelecida uma relação biunívoca entre uma fantasia e um sintoma, mas sim entre várias fantasias e o sintoma. Isso não ocorre de forma arbitrária e obedece a leis inconscientes. A natureza dos sintomas histéricos é a realização de uma fantasia inconsciente, de origem sexual.

¹⁰⁹ NAT: "superior" na EA (2003:143) e "elevado" na ESB (1976:165).

Na histeria, o sintoma constrói-se como uma formação de compromisso entre duas moções pulsionais ou afetivas opostas. Enquanto uma delas se esforça em expressar uma das forças pulsionais ou algum dos componentes da constituição sexual, a outra se empenha em sufocá-los. Pode haver na representação do sintoma histérico moções inconscientes não sexuais, mas que não excluem seu significado sexual¹¹⁰.

Sobre a bissexualidade, Freud introduz a idéia de duas fantasias sexuais, uma de caráter masculino e outra de caráter feminino, de tal forma que uma delas sempre corresponderá a uma moção homossexual. A histeria pode constituir-se não somente como produto de uma moção libidínica e outra repressora, mas tenta responder a essa investidura contraposta reunida nessas fantasias libidínicas: a masculina e a feminina. A histeria passa a ser redefinida como a expressão dessa contraposição entre uma fantasia sexual inconsciente masculina e outra, feminina. E orienta aos psicanalistas que eles devem compreender o significado bissexual de um sintoma para poder lidar com ele.

Diante de tamanha importância da fantasia em todo o psiquismo, não dá para pensar as sublimações, as vicissitudes da pulsão e as formações reativas, tais como a vergonha, a repugnância e a moralidade sem que estes processos estejam acompanhados de uma

¹¹⁰ NAT: Caso clínico do autor da tese: *uma analisanda começou a trazer conteúdos de ordem homossexual referentes a amigos e à sociedade, em geral. Como essa insistência no tema apresentava-se repetidamente, perguntei-lhe se por acaso não estaria incomodando um possível interesse ou até mesmo um desejo homossexual nela mesma. Ela, então me perguntou: "o que foi que você disse?" Eu lhe repeti a frase. Ela me respondeu: "eu não estou ouvindo". Eu disse: "como?" E ela: "Não estou ouvindo nada".*

Essa cliente desenvolveu uma surdez histérica durante quase dois meses. Submeteu-se a todos os exames e nada foi comprovado. Pouco a pouco, sua audição foi sendo retomada. Freud explica que, nesse fenômeno, assim como na perturbação psicogênica da visão (1910) ocorre uma dissociação entre conexões psíquicas dos processos conscientes e inconscientes no ato de ver e de ouvir. São produtos de fortes conflitos pulsionais: os da preservação e os da satisfação.

significação inconsciente representada pela fantasia. Ou qual ideação poderia dar suporte a esses processos?¹¹¹

Diante de tais repressões morais impostas pela civilização, Freud afirma que os homens não são sinceros, de uma forma geral, no que diz respeito aos assuntos ligados à sexualidade. Grosso modo pode se dizer que as relações entre as pessoas são mantidas pelo viés da aparência. O reconhecimento da existência de fantasias inconscientes, pré-conscientes e conscientes que não são comunicadas, salvo em situações bem precisas e protegidas socialmente, parece estabelecer uma estética criativa onde o teatro de interpretação ocorre durante a vida cotidiana¹¹². Sobre a função e o destino da fantasia, Freud¹¹³ (1910[1909]) afirma que há uma estreita vinculação com os ideais culturais exigentes e as repressões constitucionais de cada indivíduo. Diante da incapacidade de atingir tal ideal, ele se depara com a realidade frustrante. Para dar conta dessa condição desprazerosa e insatisfatória, o indivíduo fantasia. E, é nessa fantasia que ele pode gozar e compensa o que não pode atingir na realidade idealizada. A fantasia cumpre mais uma vez a sua função de realização de desejos. Nesse sentido, pode estar mais vinculada a aspectos constitucionais do psiquismo de cada indivíduo ou ao recalque de seus sentimentos.

A busca de realizar o desejo é uma marca fundamental na compreensão do mecanismo psíquico do humano. Algum caminho criativo terá que ser tomado para poder constituir-se como meta econômica e fruição da libido. Diante das fragilidades subjetivas ou de pressões

¹¹¹ NAT: Reflexão do autor da tese.

¹¹²

NAT: Muito interessante é que, nas teorias das metodologias de pesquisas, tanto o pesquisador quanto o entrevistado são denominados, "atores sociais" . E, realmente, o são.

¹¹³ Artigo "*Quinta lição das 5 lições de psicanálise*".

externas bastante intensas, esse caminho pode tomar o rumo dos sintomas por meio de uma regressão da libido. Dois outros caminhos se apresentam nesse encontro do indivíduo com a frustração da não realização de desejos no mundo real: o da criação artística como uma sublimação possibilitando um desvio da neurose e o do isolamento diante da insuportabilidade da convivência com os outros.

O conceito de realidade psíquica fica restrito a uma condição de vida que não encontra uma essência material ou prática. Parece que a realidade prática é um produto sempre vinculado a uma dimensão imaginária social, constituída por padrões morais, éticos e estéticos, de significações diferenciadas em cada contexto sócio-econômico-cultural. A norma dos ideais coletivos parece constituir-se de fantasias sociais que afetam a subjetividade. A esse imaginário social não convém designá-lo como irreal. Como assunto já amplamente discutido, as fantasias têm um conteúdo enraizado no corpo.

No destino da sublimação, a criação artística aparece como um enigma não resolvido pela psicanálise. Muitos criadores das denominadas obras de arte consideram como insatisfatórias suas produções, na medida em que não conseguem realizar exatamente o que haviam idealizado. O artista diante de sua criação experimenta situações de incertezas, dúvidas, ambições, disciplinas, inibições, descasos e angústias que fazem parte da interação entre o indivíduo e o seu produto. A criação artística também pode ser entendida como um destino sublimatório da angústia.

Analisando os quadros e as narrativas de historiadores sobre Leonardo da Vinci, Freud¹¹⁴ postula que a genialidade do artista, em vastas áreas do conhecimento, era proveniente da pulsão de saber que brotava por todos os sentidos, movida por uma paixão focada na ânsia de investigar, de tal forma constituída, que não deixava espaço para a afetividade fluir em outras direções, a não ser a do trabalho intelectual e artístico.

Freud sugere que o ardor para a investigação apresenta a mesma analogia com o ardor para amar, no sentido de que são buscas de processos primitivos inscritos na infância que criam formas de realizar um desejo, de obter um prazer ou de exercer uma fantasia.

A capacidade de sublimar é um dos aspectos criativos fundamentais da constituição subjetiva. Por meio dela, pode-se construir um objetivo, como, por exemplo, o profissional, deslocado da pulsão sexual.

O recalque produzido pelas exigências da civilização fica cada vez mais desvendado, produzindo uma noção melhor fundamentada de que, em geral, somos todos neuróticos, e a capacidade do fazer artístico se configura como um dos processos mais primitivos do desenvolvimento, porém como enigma ainda a ser desvendado.

¹¹⁴ Artigo "*Uma Lembrança Infantil de Leonardo da Vinci*" (1910).

Fantasia, amor e sexo

As fantasias vinculadas ao amor e ao sexo vão se tornando mais complexas e diferenciadas em função dos entendimentos provenientes daquilo que Freud chamou de psicologia do amor. A primeira contribuição (1910)¹¹⁵ destitui a fantasia do amor romântico de que haja uma completude que se concretiza por meio do encontro entre as duas partes envolvidas. A incompletude do objeto amoroso pode ser manifestada pela não realização das exigências eróticas. Retomando o modelo dos romances familiares e do complexo edípico, Freud estabelece que os objetos amorosos são fixados desde a mais tenra infância e revividos na puberdade. A masturbação púbere fixa as fantasias nas quais o adulto buscará concretizá-las na vida erótica posterior. Contudo, em seu período pré-púbere, o jovem nutre pela mãe uma ilusão, um sentimento de ternura que permanece protegido pelos desejos incestuosos, negando-se muitas vezes a aceitar que sua mãe possa realizar um ato sexual com seu pai.¹¹⁶

A fantasia originária do nascimento aparece como a expressão de afeto prototípica da ansiedade. A mãe aparece como a salvadora da criança diante do perigo do ato de

¹¹⁵ Artigo "Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor I)"

¹¹⁶ NAT: Segue a história dessa descoberta por parte do autor da tese. *Certo dia, quando estava com cerca de sete anos de idade, alguns amigos reuniram-se no recreio das aulas. Um colega falou que descobrira que os homens colocavam o pênis na vagina das mulheres e saía um líquido que gerava um bebê. Eu, que não tinha plena certeza desse processo, encaixei todas as peças do quebra-cabeça, em alguns segundos, num insight que me aliviava, mas também decepcionava. Um colega que estava participando da conversa virou-se para o que revelara o mistério e disse: "Duvido de que a minha mãe faça isso com meu pai". O autor da revelação não se conteve: "você pensa que sua mãe não gosta, mas ela gosta efaz isso sempre com seu pai". O outro ficou vermelho, inchado, negando repetidamente, até que, por fim, começou a chorar dizendo: "não, ela não pode fazer isso!"* Essa passagem da infância ficou bem marcada na lembrança deste autor e a clareza dessa impressão veio à tona com a elaboração deste texto. Foi possível reconhecer a sensação ambivalente de alívio e decepção e, perceber no jovem colega, uma reação de desmoronamento, ao tomar conhecimento que sua mãe, assim como todas as outras, rompiam com o modelo amoroso e edípico de ternura e pureza que ele trazia dentro de si e a ruptura do ideal narcísico.

nascimento. Essa ansiedade do nascimento seria considerada por Otto Rank como a origem de todas as ansiedades posteriores. Essa questão ainda geraria muitas polêmicas que foram expressas mais tarde¹¹⁷ (1926[1925]).

A segunda contribuição (1912)¹¹⁸ reflete uma das questões mais vitais da existência humana e da constituição das fantasias. Freud aborda uma questão considerada universal que é a tendência à depreciação na esfera do amor. De forma mais clara, explica a distinção entre a corrente afetiva e a sensual¹¹⁹.

A corrente afetiva considerada como primária e vinculada à pulsão de autoconservação é carregada de erotismo por parte daqueles que cuidam do bebê. Freud usa a metáfora lúdica de que se trata de um brinquedo erótico. Diante das frustrações produzidas pelo princípio de realidade, a libido toma a direção da atividade imaginativa com o material produzido pela experiência de prazer vivenciado e se fixa nesses registros. Por meio do mecanismo de recalque (e da proibição do incesto), esses objetos primários se localizam no inconsciente como fantasias incestuosas e são substituídos por outros objetos que também se constituem como fantasias, só que admissíveis à consciência.

Partindo dessa premissa, as fantasias de amor e sexuais começam a ganhar contornos mais precisos. Freud parte do princípio de que a civilização, por sua renúncia aos objetos dessa satisfação primitiva, promove uma cisão entre a experiência primária amorosa e de cunho

¹¹⁷ Artigo "*Inibição, Sintoma e Angústia*".

¹¹⁸ Artigo "*Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor II)*"

¹¹⁹NAT: O termo *sensual* tanto aparece na edição argentina da Amorrortu (2003:69) quanto na ESB (1969:186).

incestuoso e uma corrente erótica que passa a ser direcionada a objetos substitutos e disponíveis ao prazer, na medida em que escapam desse recalque primário. Surge a fórmula de quando se ama, não se deseja, e quando se deseja, não se pode amar.

Essa regra aparece como uma tendência universal, de depreciação do objeto sexual e seus representantes que, por seu caráter incestuoso, não podem se tornar objetos amorosos. A mãe/esposa e a mulher/prostituta, objetos tão presentes na clínica psicanalítica, são apresentadas como conflitos da impotência sexual do homem diante de sua esposa/mãe e da degradação amorosa da sua mulher/amante ou de uma prostituta. Esse tácito acordo é paradoxalmente conciliado como uma defesa inconsciente em função do cumprimento desses desejos mais proibidos. Tudo constituído em fantasias de amor, de desejo, do proibido e da culpa, em alguns casos.

O ato sexual pleno restringe-se, na maioria das vezes, como algo degradante e que tem de ser realizado escondido, protegido socialmente. Quando consumado é porque atravessou por alguma brecha do recalque. Obviamente, que toda essa formulação deve ser contextualizada em diversas culturas, e se apresenta como uma dissociação verificada na sociedade ocidental. E deixa como marca, para uma reflexão existencial, a impossibilidade de conciliar a pulsão sexual com a moral civilizada. Trata-se de uma insatisfação constitutiva do humano em sua condição social: a renúncia e o sofrimento.

Uma nova concepção do psiquismo: o fantasiar diante do princípio de realidade.

A relação entre o princípio do prazer, a realidade e a significação do mundo real externo passa a se constituir um foco de interesse para melhor compreensão do funcionamento psíquico. O princípio do prazer¹²⁰ inscreve-se como instrumento necessário a esse entendimento, somando-se à noção já conhecida do princípio do desprazer (1911).

O princípio da realidade passa a ser observado com especial importância para a constituição do psiquismo, diante das premissas de que a neurose visa à constituição de um afastamento do mundo real, por considerar a realidade¹²¹ insuportável. A condição de estar consciente, ou seja, da formação da consciência, essa parte do sistema dinâmico pouco expressada no texto freudiano, também emerge como um processo defensivo que o indivíduo cria por meio do encontro do primado prazer/desprazer inconsciente com o mundo externo ou com a realidade assim denominada. A consciência é uma criação do indivíduo visando à evitação do desprazer e à manutenção de um equilíbrio econômico possibilitadas pela constituição de um *eu-realidade*.

No texto de 1911¹²², os limites entre a consciência e o inconsciente como processo dinâmico da constituição do psiquismo aparecem, por vezes, de forma não precisas¹²³, mas

¹²⁰ Artigo "Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico"(1911).

¹²¹ NAT: O termo realidade sugere uma certa objetividade do mundo externo com a qual Freud mantém afinidade. Contudo, ao formular mais incisivamente a realidade psíquica como composta de fragmentos da realidade experienciada, vai ficando mais difícil de vislumbrar o que é uma realidade objetiva ou prática que seja independente ou desvinculada da leitura subjetiva de cada indivíduo. Na EA, o termo correspondente é *real-objetivo* (EA, 1911:224).

¹²² Artigo "Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico " (1911).

¹²³ NAT: Porque o "aparelho psíquico" se encontra diante de novos desafios teórico-clínicos em relação ao modelo até então proposto. Mais uma vez, observa-se, num dos textos mais importantes da psicanálise, a descrição de uma experiência calcada na clínica buscando encontrar uma teorização. Como um excesso pulsional visando a uma saída, Freud deixa seu conflito exposto obrigando seus leitores a pensar junto com

já indicam alguns dos pressupostos mais importantes do funcionamento psíquico, tanto do ponto de vista tópico, quanto dinâmico e, especialmente, econômico. Além disso, lançam ao leitor pesquisador um olhar investigativo para analisar qual é o estatuto originário da consciência, considerando-se que este se encontra apoiado no princípio do prazer/desprazer inconsciente que não possui a característica de estar consciente. Essa articulação teórica se trata de um objeto de investigação universal de vários estudiosos, dentro e fora - e transdisciplinarmente - do campo da psicanálise.

Essas formulações incluem alguns pontos básicos que vinculam a origem, a construção e o destino do psiquismo em relação ao processo prazer/desprazer com o princípio da realidade. A consciência¹²⁴ capta, primeiramente, as qualidades de prazer e desprazer inconscientes que são as do funcionamento mais primitivo do psiquismo. Depois, integra como decorrência alguns órgãos sensoriais a ela vinculados em sua relação com a realidade externa¹²⁵. O protótipo da atividade psíquica é a alucinação. Esta resulta de uma resposta

ele as incertezas de quem trilha um caminho desconhecido, quer seja no mundo externo ou no interno; ou talvez em ambos ao mesmo tempo, assim como um indivíduo diante de sua própria análise (nota do autor).

¹²⁴ "...as novas exigências nos obrigaram a uma série de adaptações do aparato psíquico que, por termos um conhecimento ainda insuficiente ou inseguro, somente podemos assinalá-lo de maneira bem sintética" (EA, 1911/2005:225)

¹²⁵ NAT: A licenciosidade do autor da tese em articular esse texto (Freud, 1911) com estudos de outros autores se justifica pela analogia da classificação dos instrumentos da consciência definidos por Freud com as funções psíquicas da consciência encontradas na obra de L. S. Vygotsky, que os acolhe como funções psíquicas elementares (não organizadas por meio da linguagem mediadora verbal) e as superiores (organizadas por meio da linguagem verbal). Outros pontos que merecem destaque da influência de Freud sobre Vygotsky são a teoria do brincar e a da criação, além do não localizacionismo anatômico do psiquismo (ou da mente). Vygotsky rechaçou a idéia de recalque por meio da sexualidade e faz uma crítica a Freud de "infantilismo" como se este excluísse a importância do conceito de ambiente e dos processos sócio-históricos na constituição do psiquismo. Contudo sua perspectiva sócio-histórica e de subjetividade criativa formulam, por meio da imaginação e da capacidade de fantasiar, as bases do funcionamento mental que fundam a neuropsicologia de Alexander Luria produzindo um modelo de organização funcional psíquica de alta plasticidade da mente humana. Mais recentemente, constata-se que autores tais como Oliver Sacks (*subjetividade e criação nos sintomas neurológicos*) e Mark Solms (*fundamentos para pensar a neuro-psicanálise*) encontram argumentos para suas teorias em Vygotsky (Sacks) e Luria (Sacks e Solms). Pode-se fazer uma inferência ao traçar uma historiografia semântica, onde não seria surpresa observar que o que separa Vygotsky, Luria e Sacks de Freud é a noção de recalque e de sexualidade entre outros objetos de seus respectivos estudos. Contudo a

necessária criada pelo bebê para poder reapresentar o objeto do desejo que não comparece ou se oferece para suprir suas exigências internas. Freud considera a alucinação como uma forma primeva de pensamento e que se mantém inscrita no psiquismo por meio de resíduos mnêmicos, podendo ser observada nas psicoses e nos fragmentos dos pensamentos oníricos dos indivíduos. Depreende-se, pois que a alucinação é uma criação humana e, ao mesmo tempo, de cunho universal e singular. Universal, porque responde como uma defesa contra o desprazer presente em todos os bebês e singular, porque as formas alucinatórias, estando submetidas ao recalque, organizam-se distintamente. Esta é uma das questões que se indaga nesta tese: Qual o caráter originário dessa condição universal do pensamento humano? Por estar vinculada a uma exigência de auto-preservação acredita-se que haja alguma dimensão de ordem filogenética. A economia pulsional traz consigo os instrumentos que não somente buscam o prazer, mas também de se proteger da dissolução desse prazer sem fim. E o fim parece encerrar-se nela mesma. Por meio da alucinação, como uma fantasia primeva, constituída de marcas sensoriais primitivas ativadas diante das exigências internas, cria-se a defesa primordial. O termo defesa é compreendido muitas vezes como equivalente a sintoma, que, por sua vez, não deixa de ser, em última análise, uma criação também. A defesa, entretanto, pode tomar outros rumos que não os sintomas, mas os da sublimação. A criatividade pode se exercer como uma forma de defesa e parece que esta se encontra presente implicitamente na teoria freudiana pelas singularidades que sustentam o caráter alucinatório de cada indivíduo. As experiências de recalques na relação prazer/desprazer com o princípio da realidade estão constituídas por cargas afetivas de várias intensidades e

fantasia como estatuto basal não perde seu lugar na formação da consciência e vinculada com a experiência vivida.

diferentes qualidades, o que torna o conteúdo alucinatório completamente singular. Trata-se de uma experiência única de cada indivíduo e de todos os indivíduos, ao mesmo tempo.

Contudo a alucinação não é suficiente para preencher a demanda pulsional e a experiência de satisfação. O princípio de realidade emerge como constituinte do eu no psiquismo para poder representar essa realidade, mesmo que desagradável, tornando-se internamente o mecanismo pelo qual o indivíduo cria o mundo externo. E esse eu passa a mediar a relação do indivíduo com suas pulsões e a possibilidade de concretizá-las no mundo externo, criando uma nova realidade (Eu-realidade).

Diante das exigências produzidas pelo mundo externo, os órgãos sensoriais têm que se desenvolver criando mecanismos de proteção e estes estão vinculados à consciência. A alucinação, entretanto, não é capaz de suprir a satisfação esperada e o Eu-realidade passa a se constituir de elementos cada vez mais complexos. A função da *atenção*¹²⁶ desenvolve-se para encontrar no meio ambiente certas impressões sensórias, antes que estas possam afetar o indivíduo. Diante da necessidade de registrar essas impressões capturadas pela atenção desenvolveu-se a função da *memória*¹²⁷; ambas as funções possibilitam que o recalque se manifeste por meio de uma *passagem de julgamento imparcial*¹²⁸ que verifica idéias que possam se apresentar de acordo com a realidade inscrita na memória e decide sobre sua veracidade. A função de *ação*¹²⁹ comparece como resultante de uma descarga motora modificada diante da realidade, na medida em que, originalmente se apresentava como

¹²⁶ NAT: Grifo do autor para destacar as funções que se constituem a partir do princípio de realidade.

¹²⁷ NAT: Grifo do autor para destacar as funções que se constituem a partir do princípio de realidade.

¹²⁸ NAT: grifo de Freud na SEB (1911/1969:280) e traduzido como *fallo* imparcial na EA (1911/2005:226).

¹²⁹ NAT: Grifo do autor para destacar as funções que se constituem a partir do princípio de realidade.

mímica e manifestações de afeto. Também submetida ao recalque, a ação possibilita a criação do *pensar*¹³⁰ que se caracteriza pela capacidade de criar instrumentos que possam regular essas vias pulsionais. Contudo esse pensar, descrito por Freud, é uma forma de pensamento vinculada a fragmentos verbais que, talvez, possa ser descrito como *pensamento verbal*¹³¹ se constituindo da união de um pensar inconsciente formado por representações calcadas em impressões e relações de objetos não vinculados à palavra e esses resíduos verbais. Pode-se descrever um modelo hierárquico não esquematicamente explícito por Freud na seguinte seqüência ontogenética: percepção/pensar, atenção, memória, ação, pensamento/linguagem.

Do ponto de vista econômico, o psiquismo apresenta uma tendência à fixação a uma fonte de prazer que resiste fortemente a renunciar. Essa resistência diante do princípio da realidade cria uma cisão no pensamento e uma de suas atividades permanece vinculada ao princípio do prazer que é a fantasia ou, para seguir a mesma linha de argumentos, cria a capacidade de fantasiar. Sua origem se encontra no brincar infantil se transformando em devaneio, num período posterior com a característica de não mais prescindir de objetos reais.

Confrontado com a dificuldade de situar esse fantasiar como secundário sob o presente ponto de vista da psicologia genética, Freud acredita que ambas podem mesmo vir a se estabelecer ao mesmo tempo, sem que a consciência tenha tido possibilidade de percebê-la. A fixação da satisfação imaginária auto-erótica em relação ao objeto sexual, cria uma

¹³⁰ NAT: Grifo do autor para destacar as funções que se constituem a partir do princípio de realidade.

¹³¹ NAT: Grifo do autor deduzindo essa função de um processo de pensar secundário

tendência a retê-la, impedindo acesso à realidade e aos pensamentos racionais. Por um lado, o eu-prazer busca incessantemente o desejar, enquanto o eu-realidade se organiza em função de evitar danos, aspirando a benefícios. Observa-se a crença num fantasiar oposto ao pensar consciente, em que o princípio da realidade passa a proteger o princípio do prazer. Essa forma de organização endopsíquica constitui-se como um dos fundamentos do material necessário ao funcionamento do pensamento religioso. Trata-se da idéia de recompensa numa vida futura daquilo que se renúncia no presente sem contudo ser capaz de eliminar o princípio do prazer. A ciência se aproxima desse êxito ao produzir uma satisfação intelectual e tendo como um fim a promessa de um lucro prático (EA 1911/2005:228).

A educação também busca cumprir essas exigências do princípio de realidade em relação ao do prazer. A promessa está no amor dos educadores diante do esforço da renúncia do prazer e do desenvolvimento do eu-realidade. O encontro mais aproximado entre os dois princípios é possibilitado por meio da arte. Para Freud, o artista reluta em renunciar às exigências pulsionais em detrimento da realidade, permitindo-se mantê-los em liberdade na vida de fantasia. Por meio da arte, ele promove transformações na realidade que podem ser compartilhadas por outros, na medida em que se tratam de renúncias pulsionais a que todos estão submetidos e podem reencontrar o prazer por seu intermédio.

Os processos inconscientes constituem-se de uma realidade baseada no princípio do prazer com os quais tendem a interpretar a realidade externa e a projetar seus desejos. Com isso resistem a abandonar suas fantasias, as quais acabam por se confundir com as lembranças que se tornaram inconscientes. A fantasia que constitui o sintoma, por estar vinculada ao

princípio do prazer, não pode ser considerada como desprovida de realidade. Trata-se de uma produção imaginária vinculada às experiências de satisfação que um dia foram recalçadas.

A fantasia e a frustração (ou denegação)¹³²

O que desencadeia uma neurose ?

Pelo direcionamento da libido se pode constatar uma direção para a saúde ou para uma doença nervosa. A disposição neurótica é constituída de fatores presentes na história do desenvolvimento libidinal da primeira infância com a participação de variações inatas da constituição sexual e das influências exercidas pelo mundo externo.

A atitude do sujeito diante da frustração produz formas distintas de organização psíquica. Diante do tema das imposições que a civilização impõe aos indivíduos levando-os a uma série de renúncias pulsionais frente ao mundo real, tornam-se possíveis dois destinos: resolver essa tensão psíquica investindo com todas as forças no mundo externo e conseguindo satisfazê-la por meio da sublimação da libido direcionando-a a objetivos não eróticos e que escapam da frustração. Contudo, as respostas diante da frustração encontram outras variáveis em função de fatores potenciais presentes em cada indivíduo. Um dos caminhos leva a vida de fantasia como um processo de regressão até o material infantil gerador de prazer produzindo novos desejos. O outro indica o caminho progressivo que gera a formação do sintoma, na medida em que o conflito com a frustração tem de ser

¹³²

NAT: Frustração na ESB e frustração e denegação na EA (*versagung*)

resolvido como um embate entre a pulsão e a realidade. Fantasiar e formar sintomas se situam, neste momento, como direções opostas da libido. A concepção pode ser assim definida: ou se fantasia ou se produz sintoma, sendo que ambos representam satisfações substitutas.

Outras predisposições também são analisadas como as tentativas feitas por indivíduos em encontrar meios de satisfação na realidade, mas em virtude desta pressão excessiva ou pela baixa capacidade interna de enfrentar esses desafios, acabam por adoecer. Quando a pressão externa é muito grande e o indivíduo é incapaz de renunciar à satisfação, ele se mantém com uma estrutura inflexível que não anula sua libido devido a uma incapacidade de resistência (provavelmente firmada por meio de uma fixação) e com uma defesa implacável diante das exigências do meio externo. Por outro lado, a fragilidade do indivíduo diante do mundo torna-se um impedimento para efetuar tal modificação. Esta constatação leva Freud a afirmar que: "vemos as pessoas caírem enfermas tão freqüentemente quando se resignam frente a um ideal como quando buscam atingi-lo" (EA 1912/2005:242). Outro caso, ainda, apresenta-se quando o indivíduo encontra-se tão vinculado às fixações da infância que não consegue superar as dificuldades da vida, em virtude de um infantilismo. A questão econômica da quantidade de libido represada também é um dos fatores precipitadores das doenças, quando o Eu não consegue ser capaz de cumprir sua função de manutenção do equilíbrio pulsional ou de encontrar outra saída para tal quantidade. Trata-se de um conflito entre a libido e o Eu e que pode ocorrer em múltiplas condições, quando o Eu possa encontrar-se mais debilitado, não sendo capaz de suportar essa força interna.

Essas relações do indivíduo diante da frustração não devem ser compreendidas como excludentes umas das outras. Muito ao contrário, encontram-se presente sob formas combinadas. A psicanálise, nesse momento de reflexão, já pode considerar que se deve abandonar as idéias que contrapõem fatores externos e internos, entre a experiência e a constituição, numa clara alusão sobre a complexidade que envolve a tentativa de manter separados tão distintamente essas duas concepções de mundo. Ao mesmo tempo, coloca em xeque a idéia de uma realidade externa independente (1912)¹³³; tema que ocupou Freud até o fim da vida.

A masturbação infantil é incluída como um desses mecanismos no qual se mantêm presentificadas a satisfação experienciada de prazer da infância e é acompanhada pela fantasia. Tem início no auto-erotismo do bebê e segue se transformando, a partir desse primeiro momento, nas fases da infância e da puberdade. Freud afirmava¹³⁴ que a masturbação se coloca como fantasia a meio caminho entre o princípio de realidade e o princípio do prazer. A masturbação é uma realizadora da fantasia e, possivelmente, é constituída pela "fixação de objetivos sexuais infantis e a persistência de um infantilismo psíquico" (EA 2005/1912:261).

O Inconsciente, gradualmente, passa a se constituir cada vez mais do ponto de vista dinâmico e descritivo, importando na presente pesquisa o fato de Freud querer deixar bem patente que o inconsciente não se trata de uma consciência inconsciente, mas é o resultado de uma série de operações realizadas (no) e produzidas pelo psiquismo diante do recalque.

¹³³ Artigo "Tipos de desencadeamento da neurose" (1912)

¹³⁴ Artigo "Contribuições para um debate sobre a masturbação" (1912)

As fantasias inconscientes dos histéricos apontam a intensidade de sua força no sentido de produzir sintomas. O psiquismo inicial é inconsciente e pode manter-se assim ou avançar até a consciência, em função do encontro com as resistências. Com o surgimento desta última diferenciam-se os pensamentos que podem aparecer na consciência (pré-consciente) e os que não podem surgir (inconscientes).

A estrutura da psicanálise repousa sobre um fundamento básico que é o recalque. A resistência e a transferência são dois processos que se presentificam durante o caminho da resolução do sintoma.

Contudo, se, num primeiro momento, era o trauma e, num segundo, a fantasia, Freud passa a estabelecer que tanto as lembranças podem tratar-se de fantasias quanto de fatos realmente acontecidos na infância. Mais ainda, podem também se constituir de um misto de situações verdadeiras com elementos falsificáveis. Todo esse complexo de possibilidades que o indivíduo recorda traz consigo um emaranhado de fantasias que necessitam ser decifradas com muito cuidado. A fantasia que sustenta a fixação da libido pode estar calcada tanto num trauma realmente acontecido, quanto numa elaboração imaginária. Contudo, para o indivíduo o que realmente importa, em princípio, é que a sua realidade psíquica é aquela que o afeta e que tem estatuto de verdade para ele próprio.

Fantasias Primordiais

Diante da repetição de certas fantasias que se apresentam regularmente na clínica psicanalítica, Freud passa a postular a idéia das fantasias primordiais¹³⁵. A geração dessas fantasias de mesmo conteúdo levam-no a considerar que suas raízes repousam num acervo filogenético, em virtude do caráter de sua universalidade. São consideradas como primordiais as fantasias da cena primária, da sedução e da castração.

As constatações que levam a supor que essas fantasias possuem realidade psíquica são as descritas em análise, tais como a observação do coito dos pais, a sedução por um adulto e a ameaça de ser castrado. Sua atividade pulsional apresenta características de conteúdo semelhantes em todos os indivíduos e sua origem filogenética encontra-se nas experiências vividas pelos ancestrais, que as crianças buscam preencher em suas "verdades individuais com a verdade pré-histórica" (EA 1916/2005:338).

De um ponto de vista dinâmico, em relação à formação dos sintomas, pode-se dizer que as fantasias nunca desaparecem pois estão aderidas na relação da libido com certas posições de seu desenvolvimento. Quando o indivíduo se depara com situações de frustrações ou de impedimentos a sua satisfação, sua libido tende a regredir, a retornar até as posições abandonadas nas quais obteve gratificação e que são revestidas pela fantasia. As fantasias parciais, vinculadas à satisfação em certos objetos não desaparecem, deixam seus registros

¹³⁵ Conferência XXIII: *Os caminhos na formação dos sintomas* (EA 1916/2005:338) e (SEB 1916/1969:372). NAT: Adotou-se no texto a proposta da EA "fantasias primordiais". Na SEB o termo designado é "fantasias primitivas", mas como o termo "primitivo" aparece ao longo de outras noções, decidiu-se pela tradução argentina.

mnêmicos inscritos no inconsciente, tornam-se parte das posteriores ou são substituídas por outras. A fantasia cumpre um papel de conter a libido num sentido análogo ao homeostático. Numa visão econômica, a pressão tem um efeito decisivo no controle dessa libido. Torna-se necessário encontrar um escoadouro para sua força pulsional. Na luta contra o Eu, retorna para o inconsciente na condição de fantasias inconscientes até seus pontos de fixação.

Freud descreve que o caminho regressivo da libido para a fantasia deve ser designado como uma introversão. Essa retração é um estágio intermediário no caminho da formação dos sintomas (EA 1916/2005:340).

A questão quantitativa passa a representar um papel relevante na constituição do psiquismo para além da dimensão dinâmica até então concebida como primordial. A quota de libido que um indivíduo pode suportar e a capacidade para encontrar saídas para diferentes intensidades originárias da via sexual e dirigidas para a sublimada, torna-se foco de maior atenção em Freud. A dimensão qualitativa passa a se ocupar com a busca do prazer e a evitação do desprazer e a quantitativa com a manutenção das quantidades de excitação buscando conter seu acúmulo (que gera desprazer) no psiquismo.

Fantasias primordiais e filogênese

Na análise do "Homem dos lobos" (1918[1914]), Freud encontra-se diante de impasses produzidos pelas resistências encontradas para elaborar resíduos de uma infância muito primitiva e que não se constituem como lembranças, mas sim como fragmentos da história

do indivíduo. Frente a essa dificuldade, se depara com certos conteúdos que lhe parecem universais e que, no caso analisado, se apresenta na cena do sonho com os lobos. Para as dificuldades de elaboração do que não contém elementos recordados, cumpre ao analista construí-las em análise. Essas construções se deparam com novas fantasias que são as do próprio analista em busca de produzir significação em seu analisando.

Entretanto, as fantasias primordiais passam a merecer uma atenção mais cuidadosa de Freud.

Parece-lhe que seus conteúdos se aproximam de esquemas previsíveis produzindo em todos os indivíduos as fantasias da cena primária, castração e sedução. Na condição de universais e diante do impasse de vê-las sendo construídas por seus pacientes, independentemente de considerá-las como fantasia ou realmente vivenciadas, estabelece que só há uma compreensão possível para tal: as fantasias primordiais constituem-se como herança filogenética. Dentro de um contexto geral, essas fantasias são constituídas na ontogênese, mas caso essa falhe, a filogênese se impõe, produzindo, imaginariamente, os elementos que não se constituíram no psiquismo do indivíduo. Esse é, sem dúvida, um dos marcos mais importantes para compreender a origem de certo grupo de fantasias, a saber, as primordiais. Trata-se de uma questão tão fundamental que Freud (ibid) chega a afirmar sê-la a mais delicada em todo o domínio da psicanálise.

Dentre as primordiais, mais uma fantasia se apresenta, apesar de não ter sido descrita com tantos detalhes e cuidados quanto às outras três anteriormente apresentadas e freqüentemente discutidas ao longo desta tese. Trata-se da protofantasia que pode ser

compreendida como a fantasia de nascimento ou a de retornar ao útero materno. Elas são discutidas ao longo do texto sobre o Homem dos Lobos e reaparecem no texto sobre O Estranho (1919). Contudo não merece maiores considerações ao longo da obra e que possa ser equivalente às outras primordiais já apresentadas e discutidas.

O complexo de Édipo faz parte dessa herança e a forma como se dá essa transmissão pela via filogenética é abordada no terceiro capítulo dessa tese. A construção do psiquismo por meio do brincar é abordada a seguir.

Capítulo 2

A fantasia no infantil do adulto e em dois tempos do brincar: criação e defesa

"Passado, presente e futuro são como as contas de um colar encadeado pelo desejo"

(Freud 1907)

A importância do brincar na constituição do psiquismo é uma das contribuições mais importantes da teoria freudiana presente em outros autores¹³⁶ da psicanálise e influenciando decisivamente estudiosos de campos diversos.¹³⁷

A descoberta da sexualidade infantil abriu portas muito extensas para que se pudesse pensar toda a gama de construções que a criança realiza desde a mais tenra infância, ainda em seus primeiros momentos de vida, até a manutenção desse estado infantil no psiquismo adulto sob uma forma inconsciente e constituído pelo conteúdo imaginário denominado de fantasia. A psicanálise descobriu que a vida psíquica dos adultos tem sua origem na infância, o que levou Freud a reafirmar a máxima de que a criança é o pai do homem (1913).¹³⁸

A noção de desenvolvimento se inscreve na constituição do psiquismo e revela importância decisiva para compreender a construção dos processos constituintes da

¹³⁶ Melanie Klein, D.W. Winnicott, Françoise Dolto, Maud Mannoni, Jean Bergès, Bruno Bettelheim

¹³⁷ L.S. Vygotsky, Jean Piaget, Henri Wallon

¹³⁸ D- O interesse da psicanálise de um ponto de vista de desenvolvimento

infância. A idéia de uma ontogenia que repete a filogenia serve como um paradigma essencial dessa constituição do humano.

O brincar infantil é percebido por Freud como o processo que organiza a percepção da realidade por meio da realidade psíquica.

Considera-se necessário situar a raiz do conceito *brincar* que, na língua portuguesa, apresenta um significado particularizado em relação ao seu mesmo uso em outras línguas. Em português, diferenciam-se os termos *brincar* e *jogar*, enquanto em alemão (*spielen*), em inglês (*to play*), em francês (*jouer*) e em espanhol (*jugar*) o mesmo termo pode ser traduzido tanto como brincar quanto jogar (FERREIRA, 2000:11). Nessa escolha sobre a tradução do termo *brincar* para a língua portuguesa optou-se por designar *brincar* quando relacionado à atividade lúdica que se caracteriza pela função imaginária dos jogos de faz-de-conta, individuais ou coletivos; e *jogar* quando o termo se refere a alguma forma de competição ou exercícios motores de cunho representativo.

As primeiras abordagens sobre a importância do brincar têm seu início no ensaio (1905)¹³⁹ sobre a sexualidade infantil. Nesse texto, Freud descreve o prazer que as crianças sentem nos jogos infantis que remetem a experiências prazerosas de satisfação quando vivenciam (consigo mesmas ou com os outros) os movimentos mecânicos de balançar e serem jogadas para cima. Esse prazer pelo movimento se desdobra na percepção do ato de ninar e nas brincadeiras de faz de conta, sendo que

¹³⁹ Artigo "*Três Ensaios para uma Teoria da Sexualidade a sexualidade infantil*".

nesta última a fantasia já comparece de forma representativa (imitar algo ou alguém). Dentro desse contexto geral, o jogo é considerado como uma atividade sexual.

Um aspecto muito importante ressaltado no texto citado é que essas experiências fantasiadas pelas brincadeiras motoras que são vivenciadas de forma prazerosa pelas crianças podem causar imenso desprazer nos adultos. Freud compreende que tonturas, náuseas e ansiedades se manifestam em função da repressão desse prazer infantil. Alguns sintomas como a agorafobia e alterações da marcha podem estar relacionados à repressão ao qual é submetido o prazer sexual do movimento. Enfim, Freud inaugura a relação entre brincar, prazer, sexualidade, repressão, fantasia e psiquismo na criança e a sua manifestação como condição lúdica inconsciente no infantil do adulto. Abrem-se as portas para a compreensão da origem do psiquismo e sua relação com o brincar, como constituídos e constituintes da fantasia e a base sobre a qual repousa o inconsciente, pois este olhar esclarece e inaugura o trabalho psicanalítico infantil e revela a trilha para o trabalho clínico com adultos.

Fantasia, Criação e Devaneios

*Escritores criativos e seus devaneios*¹⁴⁰ (1908[1907]) é o primeiro artigo dedicado exclusivamente ao papel da criação, do brincar e da fantasia. Sobre a criação dos escritores criativos e dos poetas, Freud apresenta duas questões. A primeira trata de como

¹⁴⁰ NAT: No original *Der Dichter und das Phantasieren* ((1906[1909/1999]) teve sua tradução para o inglês como "Creative writers and day dreaming". A tradução espanhola de Ballesteros traduziu como "Creación poética y fantasia" e a argentina Amorrotu por "El criador literário y el fantasio". A tradução francesa "La création littéraire et le revê éveillé". A tradução da SEB é "Escritores criativos e seus devaneios" (Nota de Marialzira Perestrello in Correspondência Sigmund Freud e Sandor Ferenczi 1908-1911 (1994)

o escritor afeta o leitor, despertando emoções das quais este não seria capaz de supô-las dentro de si; a segunda é que não é suficiente estudar e compreender o papel da literatura e/ou de outras artes, para se tornar um escritor criativo. O criador não pode explicar como e porquê cria. Ele simplesmente o faz. Essa analogia da capacidade criativa pode ser estendida a profissionais de outras áreas (esporte, ciência etc) que produzem uma nova estética, rompem parâmetros já estabelecidos e criam novas formas de ser e agir. Pode-se estabelecer uma dimensão da criação para além dos escritores e pensar numa ampla compreensão da função da arte na constituição do psiquismo humano. E Freud, nesse texto, por meio da literatura, busca atingir outros patamares da esfera psíquica. Com o infantil novamente presente em seus arcaouços da constituição psíquica, apresenta um estudo sobre o papel do brincar e da fantasia, de extrema importância para a psicanálise, a psicologia e muitas outras áreas da educação e da clínica, de crianças e de adultos.

De onde vem o material criativo? Esta parece ser uma pergunta que insiste e persiste por toda a obra freudiana e, pelas de outros autores também. Trata-se, pode-se assim dizer, de uma indagação universal.

Torna-se necessário esclarecer que sob a denominação "escritores criativos" Freud reúne aqueles que conseguem produzir uma obra literária que alcance a expressão da complexidade do psiquismo humano em sua dimensão tragicômica presente em todos nós. De certa forma, a capacidade criativa é possível a todos. Nas nossas profundezas, somos todos poetas.

O Papel do Brincar

O brincar surge como o protótipo da capacidade criativa. Especialmente, nos elementos que constituem a sua atividade potencial do fazer poético¹⁴¹. E aquilo do que mais se ocupa a criança é o brincar¹⁴². Durante o ato de brincar, a criança não estaria se comportando como um poeta, na medida em que cria seu mundo próprio, melhor dizendo, não estaria introduzindo elementos de seu próprio mundo em uma nova organização criativa, de forma a obter maior prazer?

Contra-pondo-se ao senso comum em considerar como algo não sério, Freud propõe que o brinquedo/jogo¹⁴³ infantil seja extremamente sério e carregado de afeto. Se há algo a se contrapor na atividade criativa do jogo, não se trata da seriedade, mas sim da realidade efetiva¹⁴⁴.

Um dos pontos determinantes nessa contribuição teórica consiste em Freud afirmar que no brincar a criança diferencia claramente a brincadeira da realidade, utilizando elementos (objetos palpáveis e situações visíveis) de seu meio ambiente (o mundo real), mesmo com toda a carga afetiva que envolve sua atividade lúdica. É precisamente essa capacidade que diferencia o brincar do fantasiar.

¹⁴¹ NAT: O termo "*fazerpoético*" é a tradução da edição EA (1908[1907] 2003:127) enquanto na SEB encontra-se "*atividade imaginativa*" (1908[1907] 1976:149).

¹⁴² NAT: "jugar"naEA

¹⁴³ NAT: "brinquedo e jogo" na SEB e "jogo" na EA

¹⁴⁴ NAT: "realidade efetiva" (1908[1907]) 2003:127) na EA e "real" (1908[1907]) 1976:149) na SEB.

Aqui, colocam-se três dimensões do psiquismo: a criação do brincar, o mundo real e o fantasiar. Quais os desdobramentos dessa diferenciação?

Freud sugere que o poeta ou o escritor criativo faz o mesmo que a criança que brinca ou joga, ou seja, cria um mundo de fantasia levado a sério, investido de afeto e separado da realidade "efetiva"¹⁴⁵.

Sobre a função e o papel da fantasia, Freud disse que ambos, poeta e criança, constroem seus mundos a partir da fantasia, sabendo, entretanto, diferenciá-la de uma realidade efetiva, embora retirem os conteúdos de sua fantasia dessa mesma realidade constituída por objetos palpáveis e situações vivenciadas.

Sobre a significação em língua alemã da relação entre "jogar" e "criação", Freud nos aponta que a linguagem estabelece esse vínculo de forma muito interessante, por exemplo: "*Lustspiel*" que é a "comédia", pode ser traduzido literalmente como "jogo de prazer"; "*Trauerspiel*" que é a tragédia, como "jogo de duelo" e "*Schauspieler*" que é ator dramático como "o que joga o espetáculo". ((1908[1907])2003:128). O sufixo "*Spiel*"¹⁴⁶ significajogos.

¹⁴⁵ NAT: *Efetiva (EA)* é acrescentado ao termo realidade na SEB.

¹⁴⁶ NAT: Na SEB "*Spiel*" significa "peça, forma literária necessariamente ligada a objetos tangíveis e que pode ser representada. (1908 [1907]) 1976:150); "*Spiel*" na AE, significa as encenações do poeta que necessitam sustentar-se em objetos palpáveis e são suscetíveis de figuração.((1908[1907]) 2003:128).

A irrealidade do mundo do poeta/escritor tem um papel relevante para a criação artística. Criando um jogo de fantasia, o poeta/escritor pode afetar seus espectadores gerando prazer e muitas excitações, mesmo aquelas bastante dolorosas. Essas mesmas situações não causariam prazer se fossem reais.

Nessa mesma oposição entre realidade efetiva e brincar Freud assinala os esforços que, durante o crescimento, na passagem da infância para a vida adulta têm de ser feitos para encarar a vida com seriedade. Contudo a capacidade de brincar não desaparece e pode ser revivida como estratégia pelo adulto para suportar o peso imposto pela vida, suspendendo essa oposição sob forma de lembranças e, também, por meio do humor como via de acesso ao prazer - resquício das atividades lúdicas infantis.

Em princípio, o brincar causa prazer. O adulto se vê diante de abandonar este prazer para encarar as situações cotidianas. Mas, onde fica este prazer que, se foi experimentado, tem um registro mnêmico na vida psíquica a que não se pode renunciar? O que se pode fazer é trocar um por outro. O que aparenta um ato de renúncia transforma-se, assim, num substituto.

Seguindo esta linha de raciocínio inicial de que não se renuncia ao prazer e que um substituto se faz necessário para dar conta desta satisfação, a criança, ao ir abandonando os objetos do seu brincar, não pára, na verdade, de brincar. Os brinquedos são abandonados, mas o brincar se transforma no mundo dos castelos no ar, ou seja, em

fantasia. Mas, aqui, fantasia assume outro aspecto. Trata-se de um mecanismo presente na grande maioria das pessoas que pode ser chamada de devaneios/sonhos diurnos¹⁴⁷.

Comparando o fantasiar com o brincar, Freud assinala que, enquanto o brincar infantil é uma atividade que a criança pode realizar sozinha ou com outros companheiros, sem se preocupar se está sendo vista, ou não, brincando, o fantasiar adulto tem como característica principal, o fato de não ser revelado. O sujeito fantasia seu conteúdo, sem revelá-lo, por se sentir envergonhado por este, sendo capaz de expor publicamente mais as suas falhas do que seus devaneios. Assim como o brincar para a criança, o adulto cultiva sua fantasia como algo íntimo e profundamente valioso. Em virtude da não expressão da fantasia, o adulto crê que seu conteúdo seja único e que outros não compartilham desse tipo de pensamento.

Relacionando brincar, fantasiar e desejo, Freud retoma a questão do que está oculto e do que está explícito, ou seja, a criança busca no brincar o desejo de ser *grande e adulto*, construindo no seu faz-de-conta aquilo que lhe é familiar no mundo dos mais velhos. E não esconde esse desejo. O adulto, como descrito acima, não revela sua fantasia. Por um lado, há uma sociedade que exige que se comporte sem brincadeiras e fantasias e de acordo com as exigências do mundo real. Por outro lado, e bem mais importante do ponto de vista da constituição do psiquismo, entre os elementos dos quais se constituem suas fantasias, muitos têm que ficar escondidos, não revelados e ocultados. Conseqüentemente,

¹⁴⁷NAT: *Devaneios* é a tradução da SEB e *sonhos diurnos* da EA. Estes termos são traduzidos dessa forma em toda a obra freudiana a partir desse texto. Como o termo *devaneio* encontra-se mais presente nos textos psicanalíticos em português, optou-se por mantê-lo nesta tese.

compreende-se que o cerne dessas fantasias dos adultos é sempre infantil e, por meio da vergonha, proibido. (1908 [1907] EA 2003:129).

O que possibilita desvendar essas fantasias nos adultos é a necessidade¹⁴⁸ que eles têm de resolver seus conflitos neuróticos, vendo-se obrigados a elucidá-los por meio do tratamento psíquico.

Uma das compreensões mais importantes sobre o mecanismo das fantasias é a sua dimensão temporal. Freud demonstra toda uma relação da fantasia com o passado, o presente e o futuro. Essa lógica temporal estabelece uma conexão profunda do sujeito que fantasia com o tempo; tempo que se funde num complexo de impressões que se aglutinam por meio do desejo.

O sujeito que fantasia - devaneio e castelos no ar - é afetado pelos elementos da experiência vivida que vai deixando impressas as marcas temporais. A fantasia, como devaneio, vai se modificando de acordo com a passagem do tempo na história de cada sujeito.

A construção dos três momentos temporais por onde oscila nossas representações do fantasiar (devanear) são caracterizadas da seguinte forma: pelo motivo atual que provoca o despertar do desejo; pela lembrança que remonta à memória mais primitiva - geralmente as infantis - donde este desejo se viu gratificado e, pela projeção para o futuro da representação dessa realização. Nas palavras de Freud: "*Vale dizer, passado,*

¹⁴⁸ NAT: Em ambas as traduções, EA e SEB, o termo é *necessidade*.

presente e futuro são como as contas de um colar encadeado pelo desejo" (1908 [1907] EA 2003:130).

Quando as fantasias se proliferam muito e se tornam hiperpotentes para o indivíduo, criam uma sólida base para as formações neuróticas e psicóticas, tornando-se os estados preliminares imediatos e penosos dos sintomas de que os pacientes mais se queixam. Este é um ponto considerado desviante do fantasiar que é o gerador de "patologias" (1908[1907] EA 2003:131).

Freud descreve, então, a conexão entre os sonhos e o fantasiar/devanear. Segundo afirma, a sabedoria da língua, no seu caso a germânica, designa o devanear/sonhos diurnos (*Tagtraum*) como o referente aos castelos no ar dos fantasiadores, enquanto o sonho propriamente dito (*Traum*) é uma produção equivalente, podendo ser revelado mediante sua interpretação, via psicanálise. Os sonhos não são outra coisa do que os próprios devaneios, contudo mais obscuros, porque submetidos à repressão e tornados inconscientes. Como foi investigado na *Interpretação dos Sonhos*, a distorção a que estão submetidos os sonhos são produtos da desfiguração onírica. Tanto os sonhos, quanto os devaneios - essas fantasias diurnas que cada um de nós conhece muito bem - são realizações de desejo.

Articulando o devaneio com a criação literária, Freud reconhece o Eu, como o personagem central, o herói dos romances, que sobrevive a todas dificuldades por que passa. No caso dos personagens que encarnam os "bons" e os "maus", encontram-se aqueles que estão do lado do Eu e contra ele. A criatividade do escritor em construir

vários personagens na trama de um romance expressa a sua capacidade de observar o fracionamento de seu próprio Eu e de personificar as diferentes forças conflitantes que nele agem.

Os três tempos do desejo presentes na fantasia também se articulam na construção poética¹⁴⁹, na medida em que se supõe o autor ser despertado para uma ou várias situações temáticas que brotam provenientes das suas lembranças passadas, geralmente de raízes infantis, da qual arranca o desejo que busca sua satisfação dentro da criação poética. Dessa forma, não seria demasiado requerer que a criatividade dos escritores ou a criação poética, constituídas na base das lembranças infantis, não sejam mais do que produções comuns as do devaneio, ou seja, "continuação e substituto dos antigos jogos infantis"¹⁵⁰. (2003:134).

Dentro do conjunto de lembranças infantis provenientes do brincar ou dos jogos simbólicos, há que se considerar o papel desempenhado pela transmissão, organização e função imaginária dos mitos, lendas e contos de fadas. Sobre os mitos, Freud pensa, nesse momento de sua obra, "serem vestígios distorcidos de fantasias plenas de desejos de nações inteiras, os sonhos seculares da humanidade jovem" (1908[1907] SEB 1976:157).

¹⁴⁹NAT: Vale uma ressalva importante. Na tradução AE, o termo *escritor criativo* da ESB, aparece como *poeta*. E, também, usa-se mais indiscriminadamente os termos poesia, narrativa, romances e novelas.

¹⁵⁰ NAT: Jogos Infantis e brincar infantil, nesse artigo, diz respeito à atividade lúdica inserida na construção do universo simbólico característico do faz-de-conta. Os jogos muito primitivos do bebê com seu ambiente não estão representados e apreciados no referido texto. Contudo, pode-se pensar que o simbolismo se constitui sobre uma vivência primeva infantil, mais exatamente sensório-motora e desprovida de representação, que Freud viria a considerar posteriormente.

O psiquismo humano é fortemente influenciado pelo simbolismo das tradições e por isso também se apresenta nos sonhos (1916)¹⁵¹ sob uma forma inconsciente. A origem de tais tradições é transmitida por meio dos contos de fadas, das lendas, dos mitos, anedotas, das músicas, dos filmes e diversas outras fontes de produção cultural que são, muitas vezes, internalizadas inconscientemente. Esse reconhecimento do simbolismo na constituição da vida psíquica aponta para a importância das produções culturais no imaginário do indivíduo.¹⁵²

E como o poeta ou o escritor consegue afetar o leitor ou o espectador com sua criação?

Ao falar de sentimentos que estão presentes em todos nós e que se fossem revelados em aberto causariam repulsa ou frieza, o poeta utiliza-se de uma estética, que Freud chama de *ars poética*, cuja arte secreta se insere e é capaz de produzir prazer trabalhando com os mesmos elementos comuns do devaneio. Afirma ser um lugar de ficção que gera distanciamento estratégico das fantasias dos espectadores (proteção/defesa) e, ao mesmo tempo, revela algo que, de alguma forma, o indivíduo se identifica e se conforta, por reconhecer-se pertencente a essa dimensão tragicômica da condição humana.

O prazer do espectador é denominado por Freud de "prêmio de estímulo" ou de "prazer preliminar"¹⁵³, no qual está habilitado a obter prazer genuíno daquilo de que se envergonha ou censura.

¹⁵¹ Artigo 10 das "Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise Parte II: o simbolismo no sonho" (EA 1916/2003:136)

¹⁵² NAT: "Fico me perguntando se, antes de o cinema existir, era tão obvio para as pessoas que, quando fechavam os olhos e se lembravam de um acontecimento do passado, parecia-lhes serem quadros em movimento" (Dennett, 1995:50)

¹⁵³ NAT: Termos presentes no artigo "Os chistes e sua relação com o inconsciente" (EA 1905/2004:131)

A infância não é propriamente esse paraíso que os adultos costumam achar. A criança sente o desejo de crescer, pois quer fazer o que os adultos fazem e isso se reflete no brincar sob as mais diversas formas.

Os contos-de-fada funcionam como lembranças encobridoras para as memórias da própria infância em muitos adultos, sendo que, no caso das crianças, eles funcionam como um certo organizador do psiquismo, vividos com intensidade de realidade. A compreensão da importância desses contos populares na obra freudiana permite que se entenda a relevância do simbolismo cultural na constituição psíquica. Elementos que não pertencem ao meio da realidade infantil ganham, entretanto, estatuto de realidade para cumprir uma função, tal como se pode explicar o papel do lobo como um dos elementos causadores de medo, ansiedade ou fobia.

Certas reações que afetam o sujeito diante de uma obra de arte nem sempre são compreensíveis do ponto de vista racional. Pode-se comover com certas impressões artísticas sem, muitas vezes, ter-se a compreensão do porquê dessa afetação.

Em relação aos professores, Freud observa a tendência infantil de transferir-lhes o respeito e a expectativa correspondente a seus próprios pais e a tendência a tratá-los como tais. A ambivalência se mantém presente nessa relação mestre e aluno. Interessante observar que, como o interesse freudiano está centrado mais nos processos inconscientes e emocionais do que nos intelectuais, o que se constata na relação do indivíduo adolescente e adulto diante dos professores geralmente perpassa por uma transferência desta mesma ordem. Não raro, observam-se sentimentos de rejeição, desafio, agressões,

paixões, inibições, inveja, tentativa de destituição da autoridade e do saber entre muitos outros sentimentos que perpassam essa relação e que não são compreendidos por ambos.

Hans e as fantasias infantis

Como é bem sabido, Freud não teve oportunidade ou não se sentiu disponível para analisar crianças. Porém, seu texto clássico sobre a análise de uma fobia infantil com o "Pequeno Hans" (1909) trouxe muitas contribuições ao entendimento da construção das fantasias no psiquismo infantil e sobre estratégias de intervenções clínicas mais precoces. Esse trabalho foi possível por meio dos relatos feitos a Freud pelo pai do jovem menino. Algumas das teorias mais importantes do pensamento freudiano foram alicerçadas a partir desse caso clínico, sendo o tema das fantasias um dos seus principais sustentáculos.

Não se pretende reescrever o caso, mas apontar as contribuições que dizem respeito ao tema das fantasias. O complexo de castração com suas fantasias constituintes foi ganhando maior fundamentação teórica por meio das produções de Hans relatadas por seu pai. Em princípio, Freud mantinha-se atrelado à idéia do pênis como o representante dessa castração, vivenciada fantasisticamente pelo menino. Posteriormente, outros argumentos ampliaram e ressignificaram a idéia do pênis para o falo. Contudo, em nota de rodapé de 1923 (EA 1909/2005:9), Freud já consideraria castração a experiência primitiva do bebê na sua relação com o afastamento do seio materno. Essa separação é vivenciada como privação e perda de uma parte de seu próprio corpo, cujo protótipo se encontra na experiência do nascimento. Contudo, o complexo de castração relacionado ao

temor da perda do pênis era um tema recorrente nas suas análises com adultos e, com isso, não podia ser negligenciado.

No caso específico de Hans, considera-se¹⁵⁴ que havia uma ausência da função simbólica do pai demonstrada por sua excessiva condescendência para com o menino. Tudo tinha que ser demasiadamente conversado e demorado para ser compreendido. As dúvidas de Hans eram as dúvidas do próprio pai. Nesse sentido, a análise feita por intermédio do pai funcionou como a construção do lugar simbólico paterno que Freud ajudou a ser instaurado. A transmissão dessa função passa pelo simbólico do próprio Freud. Nesse sentido a castração passa a ser compreendida posteriormente, não remetida ao pênis, mas à interdição paterna como proteção e limite e era exatamente do que Hans sentia falta.

Contudo Hans apresenta uma fantasia de castração relacionada ao pênis que é muito característica das teorias infantis. Os meninos resistem a acreditar que "um outro" não possui o mesmo que ele. Isso porque a criança ainda não tem conhecimento suficiente para compreender a existência de dois sexos. Até então, só existe um: o dele (ou dela). A compreensão de que os meninos têm medo de perder o que possuem por entenderem que "o outro" possa ter perdido o dele é geralmente vinculada imaginariamente à transgressão das leis dos que cuidam dele. Dessa forma, passam a se proteger e, em muitos casos, negar a existência de uma diferença sexual. Essa constatação pode levar a uma fantasia de negação da mulher ou como um ser completo com pênis e seios. Estas são formas presentes no imaginário adulto que se constituíram na primeira infância.

¹⁵⁴ NAT: consideração do autor da tese.

A intensidade da restrição dos meninos à masturbação infantil e de tocarem em seu próprio pênis forma uma repressão que tem que se basear em alguma fantasia com os conteúdos justificados pelos adultos. Muitas vezes, os significados dessas fantasias se encontram nos resíduos do que foi dito: "vou arrancar e dar para o cachorro", "ele vai cair de tanto você puxar", "tire a mão daí que é muito perigoso"¹⁵⁵.

Outro tema importante sobre as fantasias trata-se da origem dos bebês. Freud já assinalara (1908)¹⁵⁶ essa construção infantil como resultado da tentativa que a criança faz de elaborar uma teoria que explique aquilo que lhe parece incompreensível.

A ansiedade infantil aparece regularmente sem objeto específico, como resultado de uma pulsão erótica recalcada. A criança pode apresentar diferentes comportamentos, tais como recusar-se a se afastar de casa, ficar sozinho e andar na rua mesmo acompanhada, por exemplo. Ela sente, mas não consegue expressar o que sente a não ser por formas de comportamentos interpretados pelos adultos¹⁵⁷. Pode-se dizer que há uma fobia infantil

¹⁵⁵ NAT: O tema da masturbação continua a ser uma preocupação constante para pais e educadores que se vêm confusos e conflitados diante de como reagir frente a este comportamento infantil. Nos cursos, palestras, assessorias a educadores e pais sobre sexualidade infantil, o tema da masturbação é onipresente. As propostas de educação sexual quanto à repressão ao ato de masturbar-se ganha outros contornos menos traumáticos no grau de intensidade, mas continua presente como algo que deve ser mantido privado e em sigilo. Apesar do discurso de que se trata de um prazer comum e universal em todas as crianças, seu efeito educativo denuncia o quanto a repressão à sexualidade é um fator presente na constituição da civilização, o que mais uma vez traduz a contemporaneidade de Freud sobre a sexualidade infantil. Não se trata aqui de discutir a validade moral ou não deste ato, mas sim da condição de interdição como algo que deve ser mantido escondido.

¹⁵⁶ Artigo "*Sobre as teorias sexuais das crianças*".

¹⁵⁷ NAT: História clínica: Joana, de 4 anos, não conseguia sair de casa. Sentia muita angústia quando tinha que atravessar qualquer porta que levasse à rua. Paralisava aterrorizada diante da iminência de ter que dar mais um passo fora de casa. Esse medo afetou toda a família. Observou-se, entretanto, que Joana era impedida, no seu dia a dia, de brincar com objetos que parecessem armas, representassem lutas ou expressassem agressividade, em virtude de valores religiosos familiares. Na primeira consulta, encontra uma espada no consultório e começa a lutar com "bichos" imaginários que se encontravam em todos os cantos da sala. Sua expressão agressiva começa a manifestar-se e, assim também sua capacidade de se defender. A brincadeira a ajuda a construir uma elaboração de potência por meio da fantasia de matar os bichos, incessantemente. Após um mês abandona a espada e quer brincar com outras coisas. Já consegue sair de casa e atravessar a porta imaginariamente intransponível. A possibilidade de expressar-se por meio da fantasia do brincar, permite-lhe contactar sua agressividade e capacidade de defender-se. Esse é um fragmento de um

que é estruturante do psiquismo e que pode ser verificada no desenvolvimento de quase todas as crianças.

Muitas críticas são feitas ao complexo de Édipo. Contudo o trabalho clínico confirma diariamente alguns pontos relevantes dessa dinâmica do psiquismo, dentre eles, a questão fóbica aos quatro, ou cinco anos de idade, e um certo retorno que emerge pelo período dos 8 aos 10 anos de idade, coincidindo com a entrada na puberdade e pré-adolescência. Os psicanalistas que trabalham com a clínica infantil e infanto-juvenil podem testemunhar a grande incidência de fobias em ambos os períodos, e os conteúdos quase sempre estão relacionados ao tema da separação e da incorporação de um pai que possa dar suporte de proteção e continente, por meio de cuidados e limites.

Numa passagem do texto, Freud reconhece na angústia uma característica muito importante e que, na contemporaneidade, vem ganhando maior expressão como o transtorno de ansiedade denominado de síndrome do pânico. Trata-se do fato de que o estado de angústia é capaz de absorver todos os outros sentimentos na medida em que "com o progresso do recalque, e com a passagem ao inconsciente de boa parte das outras idéias que são carregadas de afeto e que foram conscientes, todos os afetos podem ser transformados em angústia" (EA 1909/2005:39). Essa passagem diz respeito à primeira teoria da angústia de Freud, quando afirmava que o recalque é que produzia a angústia.

caso clínico muito mais amplo. Mas, a elaboração de uma parte desse complexo contribui para desfazer uma fobia aterrorizante que supõe-se estar relacionada ao medo de ter medo, de não ser capaz de expressar sua agressividade e, conseqüentemente, de se defender. .

Uma das formas de expressar a ambivalência do menino para com o pai é verificada por Freud por meio de duas angústias que se apresentam na relação edípica com o pai: a primeira é o medo de seu pai em função dos desejos hostis que lhe são dirigidos e a outra acontece em virtude dos sentimentos amorosos e ao medo de uma possível perda do amor do pai..

Novamente, o trabalho clínico revela que essa ambivalência pode permanecer por toda a vida do indivíduo. Contudo se observa que, quanto maior a dúvida sobre o amor paterno, maior ainda será a dificuldade em expressar suas discordâncias e insatisfações para com esse pai. Pode-se constatar, nos dias atuais, uma queixa muito comum das mães ao alegar que os filhos se queixam com elas de que os pais não cumprem o que prometem. Especialmente, em casos de pais separados com visitas "cronometradas" previstas na legislação, prescrita pela sociedade moderna. Nesses casos, é muito comum os filhos não conseguirem se posicionar com suas queixas diante do próprio pai. Os próprios jovens, em sessões de análise, apontam a dificuldade de expressar suas discordâncias mais firmemente diante dos pais. Temem perder seu amor e, em função disso, se submetem aos seus desejos. Pensa-se pois que, quando um filho reage confrontando muitas vezes seus pais com expressões de raiva ou demonstrando a sua , somente é capaz de demonstrar seu ódio, porque tem certeza do seu amor. O amor pode conter o ódio, pode suportar a indiferença e sustentar um lugar que legitima a autoridade.

A idéia de um indivíduo que nasce somente com impulsos amorosos dissociados dos de ódio parece não ter lugar na expressão infantil. Hans alega claramente que preferia que sua irmã estivesse morta, pois, assim, ele não perderia seu lugar de atenção exclusiva.

Esse ciúme entre irmãos é um dos temas mais antigos da civilização e apresenta-se diariamente na clínica infantil, muitas vezes, representando o ódio a um irmão mais novo sendo expresso nas tentativas de infligir sofrimentos, muitas vezes, ferindo e machucando-o. Ainda sobre esses impulsos agressivos, os educadores que trabalham em creches são testemunhas das medidas que as crianças costumam ter em relação a bater, morder, pisar, jogar objetos, empurrar etc. Como Freud afirma ao final de *Totem e Tabu* que, no princípio era o ato, podem-se comprovar esses 'atos' nos primórdios dos vínculos das crianças entre si. O que posteriormente será simbolizado e transformado em disputa verbal, tem sua origem em atos que buscam causar dor. Um dado mais significativo no trabalho em creches aponta o fato de que, em um grande número de vezes, o educador só percebe que uma criança foi mordida por causa de seus gritos. É impressionante mesmo como crianças tão pequenas (1 ano e 1 ano e meio) já percebem o controle e a censura do adulto e aguardam que este desvie sua atenção para que possam agredir ao colega.

Freud (1909) não acreditava que pudesse haver uma pulsão agressiva especial junto das de autopreservação e sexuais de mesma qualidade. Somente em 1920¹⁵⁸ é que passou a aceitar a existência dessa pulsão destrutiva.

Retomando a questão edípica, Hans expressa claramente num determinado momento, que queria ter filhos e gostaria de que sua própria mãe fosse a mãe deles. Seu pai seria o avô e a mãe do pai seria a avó. Como disse Freud, Hans resolveu sua questão edípica ficando com a sua mãe e sugerindo ao pai que ele ficasse com a mãe dele (do pai). Apresenta-se aqui um criativo destino da fantasia.

¹⁵⁸ Artigo "*Além do Princípio do Prazer*".

Esse drama familiar que se expressa pela trama edípica é observável na clínica psicanalítica. Pode-se argumentar que nem todos sintomas e conflitos que um indivíduo apresenta estejam exclusivamente submetidos à dinâmica deste complexo. Outras influências ambientais e experiências traumáticas também contribuem para a constituição do psiquismo, além da fantasia que Freud denomina de primordial e que escapa ao domínio da experiência vivida, pois é anterior a esta.

A imaginação está presente nas crianças em formas não arbitrárias de pensamento, ao contrário do que comumente acreditam os adultos. Ela é provida de sentidos e dúvidas que produzem afetações nas crianças. Não confiar no pensamento infantil, porque se revela como fantasia é equivalente a não confiar nos adultos em função dos seus preconceitos. A criança que pergunta já sabe a resposta, pois o motivo que a inquieta já se apresenta em toda a sua forma. O que ela busca, em geral, é a confirmação. E quando o adulto cria uma ficção ou uma mentira para explicar um fato que lhe cause estranheza, a criança recebe essa informação com uma dose de ceticismo e de descrença naquele que lhe fala. Julga que seu pensar infantil deve ser preservado por ela mesma, na medida em que não encontra uma confirmação ou resposta plausível na linguagem dos adultos.

Em função dessa busca de uma resposta compreensível, observa-se essa permanência do infantil na análise com adultos. A medida certa do que deve ou não ser dito, interpretado ou antecipado a um analisando somente pode ser construída na própria relação, contudo fica a importância de que, em maior ou menor grau, todos necessitam de uma

"representação aguardada"¹⁵⁹ ou uma acolhida interpretativa que possa ajudar a compreender um pouco o seu processo inconsciente. Hans pôde expressar e elaborar suas fantasias por meio daquilo que também lhe era transmitido pelos pais numa tentativa de ajudá-lo a compreender o incompreensível e que irrompia como angústia. O excesso de interpretação por parte do analista é que pode causar uma inibição subjetiva por parte do analisando.

A concepção de que uma fantasia - mesmo as designadas como originárias - que diz respeito a um único conteúdo, é um engano. Cada fantasia engendra outras muitas fantasias que, em um determinado conjunto, podem formar um complexo fantasístico de alguns dos temas originários e outros decorrentes das experiências da criança com seu meio, além daquela enigmática que Freud designa como primordial. Não se dissolve um sintoma revelando uma única fantasia, mas sim um conjunto de associações que vão se constituindo gradualmente no psiquismo humano. Nesse sentido é que a psicanálise não tem uma solução exata para cada sintoma, nem uma resposta imediata para resolver um conflito. Numa condição psíquica constituída por complexos de representações e afetos sob uma forma imaginária e em sua quase totalidade inconsciente, cada elaboração desvenda um novo sentido que encontra novos significados, transformando os sintomas de forma também gradual.

¹⁵⁹ NAT: Tradução do autor da tese. Na SEB encontra-se "assistência" (1909/1996:97) e na EA "representaciones-expectativas" (1909/2005:86)

O Homem dos ratos

O caso clínico aponta uma série de questões sobre a neurose obsessiva que são abordadas no primeiro e terceiro capítulos desta tese. Assim, decidiu-se optar por apontar os argumentos mais pertinentes à questão da constituição do pensamento obsessivo e suas relações com as fantasias, seus vínculos com o infantil e suas manifestações em obsessões e compulsões.

Na origem da sintomatologia, o paciente relata suas impressões infantis diante do fato de suas constantes ereções e das indagações frente à mãe sobre o motivo destas. Era sabedor, em algum nível, de que as ereções tinham algo a ver com outras idéias e indagações que o atormentavam como o desejo de ver nuas algumas moças que o atraíam e, ao mesmo tempo, que deveria evitá-las (as idéias) para que não acontecesse nenhuma desgraça a alguém. Para isso teria de criar mecanismos defensivos em relação a esses desejos. Falar com a mãe sobre as ereções equivalia a uma percepção (uma fantasia ou crença) de que seus pais eram capazes de ler seus pensamentos. E é nesse complexo de idéias e afetos que ele supõe ter iniciado seus sintomas.

A crença infantil de que os pais possam ser capazes de ler seus pensamentos apresenta-se como uma pré-condição universal. E isso parece ser bem provável, pois se inicia muito cedo na capacidade de a mãe em compreender (ou não) as necessidades de seu bebê. Esse diálogo inconsciente constituído de ícones, índices e símbolos primários é um precursor do pensamento que supõe que o outro possa ser capaz de compreendê-lo, quase como uma telepatia, uma comunicação baseada em vínculos primitivos e que podem ser ou não

mantidos durante a infância e o resto da vida. Acredita-se que a crença de que os pais podem ler os pensamentos e reconhecer os desejos não verbalizados é reciprocamente relacionada à capacidade de que a criança possui de também poder ler o que seus pais pensam, mesmo que eles digam outra coisa. Uma comunicação entre inconscientes é primária e passa a ser gradualmente substituída pelos mecanismos pré-conscientes e da consciência, apesar de serem duas formações diferenciadas de um todo maior que é o inconsciente.

A força dessa comunicação inconsciente e da capacidade de que a criança tem de reconhecê-la pode ser exemplificada numa história de um caso clínico de uma mulher que buscou uma analista com a queixa de que sua filha de três anos e meio ainda não falava. Na primeira entrevista, compareceram ambas, mãe e filha. A menina sentou-se numa cadeira e manteve-se calada e atenta à conversa entre a mãe e a terapeuta. A jovem mãe começou a descrever os antecedentes históricos da filha, sua gravidez, parto, enfim, sua história. Afirmava que todo o histórico da menina era excelente, sem problemas de saúde ou de desenvolvimento exceto o fato "de ele" não falar. Nesse momento, a terapeuta interrompe e pergunta à mãe: "de ele quem?" Surpreendentemente a menina responde de forma clara rompendo seu silêncio: "ela está falando 'dele', do meu irmão que morreu." Por um momento, parecia ter-se rompido, com suavidade, uma corrente aprisionante. A mãe olha para a filha completamente surpresa e emocionada. Após alguns instantes nos diz: "ela está falando do meu filho que morreu". E cai em prantos copiosamente, abraça a filha e chora durante longo tempo, profundamente emocionada. O terapeuta acompanha e testemunha silenciosamente a expressão de uma dor muito intensa que era mantida sob controle, um luto que não parecia poder ter se dado pela dimensão da perda. A perda de

um filho por parte de um pai ou uma mãe talvez seja uma das maiores dores de se suportar. E a menina silenciava sobre esse lugar de tamponamento de um irmão morto. Como se sabe, mortos não falam. Naquele momento, a menina rompeu com o silêncio e instaurou seu próprio nascimento. Provavelmente sentiu-se segura e pronta. Ela sabia o que a mãe pensava, mas não podia dizer e se calava. O sintoma da criança não era de fala, mas sim de interdição de falar. A criança dialoga com sua mãe inconscientemente. Nos primórdios da relação mãe/bebê, o que uma sente reflete-se no outro. Trata-se de um pensar constituído num diálogo tônico. E essa forma de pensamento inconsciente pode ser, em maior ou menor grau, mantida presente na vida adulta.

A fantasia como realização de desejo necessita de medidas protetoras, tais como sanções, para que não possam ser realizadas. E, na neurose obsessiva, essas sanções podem tomar um significado aparentemente desconexo, o que faz parecer que o indivíduo quase padeça de um delírio. Encontra-se pois duas formas de fantasias: a que busca realizar o desejo e aquela que se transforma em medida punitiva. Ambas articuladas a um traço de realidade. A primeira diz respeito à satisfação e à obtenção do prazer um dia vivenciado e, a segunda, como medida protetora do desprazer que sustenta em seus conteúdos, resquícios de interdição experienciadas subjetivamente.

As fantasias que os adultos lembram de sua infância remontam a cenas traumáticas nas quais estavam presentes e cujos conteúdos inconscientes encenados podem variar quando versões dessa mesma cena retornam sob transferência. Nesses casos deve-se ressaltar que não se trata de realidades históricas, mas sim de lembranças encobridoras que se encontram deslocadas em lugar de outras mais primitivas, geralmente constituídas de

desejos do próprio indivíduo e, em muitos casos, projetados sobre outros que foram seus objetos de amor. Muitas construções fantasísticas de atentados e seduções surgem como uma resposta para as atividades auto-eróticas e as carícias e punições que as estimularam. Há, entretanto, que se considerar que possam também haver fantasias de conteúdo sexual que se constituíram por experiências traumáticas agressivas do ambiente sobre a criança, tais como o abuso sexual e os maus tratos no cuidado infantil.

A fantasia, o artista e a introversão

Seguindo o rastro do artista em conseguir driblar a realidade sem perder o sentimento de satisfação, Freud (1916)¹⁶⁰ vai descrever uma introversão como um caminho regressivo que o indivíduo encontra ao se deparar com os impedimentos ao seu prazer; como um produto concebido sob uma perspectiva dinâmica da libido, na qual a fuga da realidade busca retornar ao ponto de fixação inconsciente, inscrito pelo prazer e revestido pela fantasia. Porém a vida de fantasia é compartilhada pelo artista ou por outros membros da humanidade como algo que se tem em comum, pois se trata de uma material primitivo constituinte do psiquismo dos indivíduos. O artista possui uma licenciosidade para expressá-la de acordo com normas sociais implícitas, em virtude de que o efeito da arte é passível de produzir satisfação nos outros indivíduos, quando se deparam com o mesmo conteúdo presente em seu inconsciente e que não tem acesso à representação. A repressão impele essas fantasias dos indivíduos para o campo dos devaneios, em que podem encenar suas experiências de satisfação e seus desejos, ao contrário do artista que tem a possibilidade de instaurá-las na realidade da obra de arte.

¹⁶⁰ Artigo da "Conferência XXIII, O caminho da formação dos sintomas" (EA 1916/2005).

A fantasia, o brincar e o para além do princípio do prazer

A preocupação de Freud com a repetição continua a ser um dos focos de suas indagações sobre a resistência que persiste em certos sintomas, especialmente pelas suas características de retornarem constantemente e serem de difícil elaboração. Em seu artigo de 1914¹⁶¹, já demonstrava que aquilo que não podia ser lembrado era atuado ou repetido em atos. E em complementação ao que foi anteriormente descrito sobre a introversão, o artista e o princípio do prazer, novas considerações se fazem necessárias.

O fenômeno da repetição se apresentava cada vez mais presente diante de sua clínica principalmente por manifestar-se por um conteúdo bastante resistente a mudanças e uma certa tendência dos indivíduos a se gratificarem com seus sintomas.

Visto sob a ótica do brincar infantil, uma certa repetição já se anunciara diante do prazer que elas demonstram diante dos jogos, das histórias que lhe são contadas e, mais contemporaneamente de filmes e músicas que tendem a repetir uma experiência de prazer que parece conter os elementos propícios às fantasias que sustentam uma experiência de satisfação; mesmo que dentre esses elementos se constatem enredos que possam causar sentimentos de desprazer, tais como medo, tristeza e raiva, por exemplo. Contudo esses elementos já discutidos nesse segundo capítulo e aqui retomados são manifestações que podem ser entendidas como estando a serviço do princípio do prazer. A diferença entre o

¹⁶¹ Artigo "*Recordar, repetir e reelaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise, II)*" (1914)

processo do brincar e a encenação artística dos adultos é basicamente ser esta última uma manifestação que se dirige a um espectador produzindo neste último a possibilidade de experimentar situações dolorosas sob uma forma prazerosa. Ambas se encontram sob o domínio do princípio do prazer.

Há contudo uma outra classe de jogos e brincadeiras que apontam para uma nova forma de repetição ao qual Freud (1920)¹⁶² denominará de compulsão à repetição. Contudo, antes de descrevê-lo, torna-se necessário esclarecer alguns pontos que contribuiram para esse novo olhar.

Diante das dificuldades relatadas, a tão presente hegemonia do princípio do prazer passa a ser questionada e Freud tem de reconhecer a existência de outras forças no psiquismo que se contrapõem à tendência exclusiva ao prazer. Ao introduzir a noção do princípio de realidade criou-se um mecanismo compensatório que visa, como um substituto, à obtenção do prazer por outras vias, incluindo uma tolerância provisória ao desprazer.

Observa-se, entretanto, que a direção das pulsões sexuais se encaminha sempre para a obtenção de prazer. Durante o processo de desenvolvimento, certas pulsões inatas, buscando sua satisfação, têm de ser submetidas ao recalque, em virtude das contingências que afetam os indivíduos diante das exigências e pressões do meio. Do ponto de vista econômico, as pulsões recalçadas, que insistem na busca do prazer, acabam por produzir um desprazer gerando muitas vezes uma perturbação no equilíbrio do Eu que delas tenta se proteger. A busca do prazer gera um desprazer de ordem neurótica.

¹⁶² Artigo "*Além do princípio do prazer*".

O desprazer pode vir tanto de dentro do psiquismo (pela pressão das pulsões insatisfeitas) quanto do mundo externo e é captado pela percepção. Essa perspectiva abala a convicção de um domínio do princípio do prazer sobre o psiquismo, na medida em que o desprazer denuncia forças internas que, ao prazer, se opõem. Se, com a introdução do princípio de realidade que não descarta o produto final de obtenção de prazer, não se obteve uma resposta coerente, resta encontrar o que possa constituir-se como uma fonte originária de desprazer.

O psiquismo, diante da percepção da pressão interna de desprazer ou da presença de uma ameaça do mundo externo desencadeia uma reação de alarme ao que possa ser reconhecido como um perigo. O perigo percebido pode se manifestar sob três formas: o medo, o receio e o susto. Todos podem ser expressões de ansiedade ou angústia, mas merecem ser discriminados para efeito de compreensão dos mecanismos que produzem os sintomas. O medo (*Angst*) é o estado de expectativa e preparação para o perigo, mesmo que seja desconhecido; o receio (*Furcht*) requer a percepção do perigo que causa um objeto do qual se tem medo (*Angst*) e o susto (*Schreck*) é o estado sentido, quando se é surpreendido por um perigo. Essas distinções contribuem, para que Freud aprofunde a reflexão sobre as dificuldades encontradas na clínica em relação às neuroses traumáticas e, em especial, às de guerra, motivo de tantas inquietações no meio psiquiátrico e psicanalítico durante aquela ocasião, após a primeira guerra mundial.

Durante a análise desses indivíduos, observa-se a intensidade que a força do trauma possui ao irromper em seus sonhos e remetendo-os ao evento originário do acidente. Essa

expressão onírica inconsciente colabora para a compreensão de que há algo no sonho que escapa a, até então, inabalável convicção da função de realização de desejo. Diante disso, reconhece que as experiências verdadeiramente traumáticas, passando a incluir as da infância, tendem a uma compulsão à repetição por não conseguirem ser dominadas pelo princípio do prazer. Considera a hipótese de haver uma força anterior à instauração e ao domínio do princípio do prazer e passa a situá-la como uma expressão pulsional que se situa para além do princípio do prazer.

No desenvolvimento infantil, pode-se articular qual a dimensão do jogo de forças que é possível ser estabelecido entre as pulsões produzidas por um psiquismo que ainda não possui um escudo protetor para poder estabelecer um controle sobre estas, além das pressões quantitativa e qualitativamente diferentes que chegam do mundo exterior. Nesse sentido, há inscrições em todos os indivíduos que são da ordem do traumático. Os traços mnêmicos das experiências vinculadas à sexualidade em seus diferentes períodos da ontogênese deixam marcas, em sua quase totalidade inconscientes, que submetidas a fixações, mantêm-se presentes no funcionamento psíquico da vida adulta. O indivíduo vê repetir-se em sua vida amorosa, profissional, familiar e sexual, entre outras, situações fatalistas que são compreendidas como um produto do destino. Freud denomina de "eterno retorno do mesmo" (OP 1920/2006:147) a esse fenômeno que o indivíduo pode vivenciar de forma ativa, na condição de agente da atitude, ou passiva, quando a fatalidade se repete como uma expressão externa na qual ele se encontra submetido, sendo que este último é apreendido como mais enigmático.

Estabelecendo uma analogia entre as neuroses traumáticas de guerra com a constituição do psiquismo infantil, Freud observa que, em ambas, ocorre um excesso pulsional que, no primeiro caso, atravessa o escudo protetor do Eu e, no segundo, interage com um psiquismo ainda desprotegido de suas defesas egóicas. Trata-se, pois, de uma questão de ordem pulsional e econômica.

O brincar infantil traz consigo um desses elementos tão significativos que representam essa compulsão à repetição vinculada às forças de amor e ódio, de Eros e de destruição. Sua descrição clássica é exemplificada pelo jogo do *Fort-da*¹⁶³. Observando as brincadeiras de seu neto, Freud se depara com uma ação lúdica que lhe chama a atenção por seu caráter repetitivo. O menino brinca com um carretel preso a um barbante que é jogado por cima de um cômodo e desaparece de seu campo de visão. Logo após, puxa de volta para perto de si. Esse gesto é repetido incessantemente. Concomitante a essa atividade, destaca-se o fato de esse menino nunca chorar quando sua mãe se afastava dele, o que é considerado fundamental para a interpretação da brincadeira. Segue-se na descrição da brincadeira o vínculo do ato de puxar o objeto com a expressão de alegria "*da*", enquanto que, ao lançar, mantinha uma aparência de prazer no ato realizado.

O conjunto das observações sobre a brincadeira, leva Freud a concluir que pelo processo simbólico do brincar realizava-se uma manifestação de renúncia pulsional por permitir que a mãe dele se afastasse sem que expressasse qualquer demonstração de desgosto. O ato de jogar o objeto representava a atitude hostil diante dessa separação e

¹⁶³ NAT: *Fort*, "foi-se"; Alt.: "desapareceu", "foi embora". *Da*, "aí"; Alt.: "está presente", "está aí", "está aqui". (HANNIS, 2006:185)

o puxar correspondia ao retorno da mãe. O jogo encena um ato de tornar ativa uma situação que foi vivida passivamente, como forma de apoderar-se do sentimento, repetindo uma vivência desagradável como forma de obter um ganho de prazer. Certas experiências dolorosas vividas por crianças comumente se repetem nas brincadeiras como forma de dominar o que lhe causou sofrimento provocando, por meio do jogo simbólico, a repetição da cena. A condição em que o indivíduo se coloca na cena já indica uma certa tendência a situá-lo diante deste trauma. A criança pode agir num contexto ativo expressando um sadismo que se dirige a outro ou pode ocupar o lugar do qual sofreu a dor como repetindo o mesmo lugar passivo que um dia experimentou. Pode estar em ambos os lugares ou até mesmo fora da cena, no lugar de observador ou diretor da brincadeira. Contudo essa brincadeira infantil encontra-se dentro do campo dominado pelo princípio do prazer, mesmo que se constitua no âmbito de uma forma particular de compulsão a repetição.

Logo, indaga-se sobre qual é a força que compele a uma determinada forma de repetição e que antecede ao domínio do princípio do prazer ? Retomando a relação entre a neurose traumática e a ruptura do escudo protetor, Freud descreve que um indivíduo despreparado para receber uma violenta pressão externa encontra-se numa situação de susto (*Schreck*) e desprovido de prontidão para o perigo. Nesses casos, o trauma ganha uma dimensão de choque psíquico caracterizado por uma ausência de prontidão para o medo. Os indivíduos necessitam de estar preparados para enfrentar o medo como forma de se defenderem do perigo e de um possível trauma. Os sonhos da neurose traumática e dos traumas psíquicos da infância rompem com a proteção erigida pelo princípio do

prazer e irrompem como repetições da experiência original na condição de representantes dessa nova força pulsional.

Brincadeiras, traumas infantis, neuroses de guerra, repetições, compulsões à repetição, princípio do prazer, da realidade e pulsões sexuais e desconhecidas vão se aglutinando num conjunto de dados complexos e, muitas vezes, contraditórios.

As pulsões se apresentam como representantes de "todas as ações das forças que brotam no interior do corpo e que são transmitidas para o aparelho psíquico. Entretanto, as pulsões são o mais importante e também o mais obscuro objeto da investigação psicológica" (FREUD, OP 1920/2006:158). E, é a partir das pulsões em sua dimensão econômica, que Freud começa a formatar esse quebra-cabeça. Retoma, inicialmente, a noção do processo psíquico "primário" com sua dimensão inconsciente, e o "secundário" que é o que se encontra presente na vida de vigília. O primário é caracterizado pelo livre fluxo das cargas de investimento, e o secundário pela capacidade de enlaçar, atar e modificar essa excitação das pulsões. Se o processo secundário fracassa na missão de enlaçar essas pulsões cria-se uma perturbação equivalente a um trauma. No caso de cumprir a missão de processar a excitação é estabelecido o domínio do princípio do prazer (e da realidade).

Partindo dessa primeira premissa, compreende-se a compulsão à repetição típica das brincadeiras infantis como uma vivência fundamental e necessária para a constituição do princípio do prazer. Por meio do brincar, a criança insiste em retornar ao controle ativo da situação passiva como um apoderamento pela via do prazer o que foi vivenciado

como desprazer. Uma alteração nos mecanismos que participam do jogo, da brincadeira ou das estórias infantis provoca uma resistência equivalente a uma produção de desprazer. Na repetição, a criança confirma, por meio do idêntico, sua ação no mundo. Trata-se da construção de seu Eu que está posta no tabuleiro da vida. E essa capacidade de transformar o desprazeroso em prazeroso é possível mediante a poderosa força que a impele a criar um meio de reconhecer-se como sujeito. O Eu é uma criação universal e singular, como resposta possível ao conjunto de forças que afetam a infância.

No caso de adultos que, resistentes, apresentam uma compulsão à repetição em análise (e na vida), pode-se compreendê-la como uma fixação ao modelo primário infantil, não passando pela elaboração secundária, ou seja, não tendo acesso a se inserir no princípio do prazer. Nesse sentido, pode-se pensar a pulsão como uma força que tende a restabelecer um estado anterior, no qual o indivíduo se viu protegido das forças externas que o perturbaram. Com essa nova concepção, passa-se a reconhecer uma nova função pulsional como "manifestação da natureza conservadora do ser vivo" (ibid:160). Como uma herança filogenética, as pulsões cumprem o objetivo de um retorno ao inanimado, que já existia antes do vivo. Essa nova característica pulsional é denominada de pulsão de morte. Sua manifestação em cada indivíduo pode ser observada pela tendência a "reduzir, manter constante e suspender a tensão interna provocada por estímulos"(ibid: 176).

O jogo de forças pulsionais parece tornar-se mais complexo ao reconhecer que as pulsões basicamente se reúnem em dois grandes grupos: as de vida (Eros) e as de morte. As de Eros visam a todo custo a obtenção do prazer e insistem em suas pressões

internas, perturbando a tranqüilidade do Eu¹⁶⁴. Eros é o produtor da desorganização pelo excesso de excitação que busca incessantemente um alívio que vise ao prazer. Por esse prisma, o princípio do prazer parece estar a serviço da pulsão de morte.¹⁶⁵

Com a elaboração posterior das instâncias psíquicas Id, Eu e Supereu (1923)¹⁶⁶, Freud contribui um pouco mais para compreender esses conflitos que são abrigados em nosso psiquismo. Seguindo o rumo das investigações sobre os processos primários e secundários e das forças pulsionais, descreve o Id como a instância originária da qual se originam as pulsões¹⁶⁷. O Eu se constitui como uma diferenciação do id em função da influência do mundo externo e ocupando um papel de mediador entre ambos: Id e mundo externo. Como já foi descrito, o Eu é o responsável por tentar transformar o princípio de realidade do princípio do prazer. O Eu, concebido em sua dimensão espacial como uma superfície, é um eu-corporal, de onde partem percepções internas e externas.

Além dessa mediação entre o Id e o mundo externo, o Eu tem de aprender a conviver com uma outra forma de Eu, chamada de Supereu¹⁶⁸. Este último é o produto da

¹⁶⁴ NAT: A que propósito corresponderia um Eu que não fosse perturbado ?

¹⁶⁵ NAT: Freud escreve sobre essas hipóteses que: "poderiam me perguntar se, e em que medida, eu mesmo estou convencido das hipóteses desenvolvidas aqui. Minha resposta seria a de que nem estou convencido, nem peço aos outros que acreditem nelas. Para ser mais exato, eu diria que não sei até que ponto acredito nelas...penso que é perfeitamente lícito que o ser humano persiga o fio da meada de alguma hipótese até onde quer que seja, ou por simples curiosidade científica, ou no papel de *advocatus diaboli*, que nem por isso vendeu a alma ao diabo"(OP 1920/2006:178).

¹⁶⁶ *O Eueold* (FREUD, OP 1923/2007).

¹⁶⁷ NAT: No apêndice II ao texto *O Eu e o Id*, Ernest Jones assinala as contradições nos textos freudianos sobre qual instância seria, propriamente dita, o reservatório da libido: o Id ou o Eu. (OP 2007: 68/71).

¹⁶⁸ NAT: Luis Hanns assinala que o termo mais correto para a tradução de "*Uber-Ich*" para a língua portuguesa é Supra-eu, pois, sua conotação refere-se a uma instância que se instaura após, acima ou como observadora do Eu. Sua crítica ao termo Supereu é em função de erroneamente parecer que este é um ego muito poderoso (OP 2007:25).

consciência moral e herdeiro do complexo de Édipo. Com sua entrada em cena, o Eu passa a ter de mediar as forças provenientes do Id, do Supereu e do mundo externo.

As pulsões de vida e de morte ganham o estatuto de construção e destruição, respectivamente, podendo constituir-se de formas completamente diferentes na vida dos indivíduos, ou seja, podem se apresentar sob as mais diversas formas de fusão e defusão. Em outras palavras, o componente destrutivo pode juntar-se ao construtivo e se encaminharem para sublimações infinitas. Por outro lado, podem também aparecer defusionados com a pulsão agressiva voltada para a destruição e a violência. Aliás, Freud deixaria bem claro até o fim de sua obra que a pulsão tornara-se um conceito muito impreciso e o de mais difícil compreensão para a psicanálise.

O Supereu como um representante do pai busca submeter o Eu a todas as suas imposições, muitas delas bastante cruéis, dependendo da história de cada indivíduo. Na melancolia, o Eu assume a ira do supereu por identificação e se submete às punições. Na neurose obsessiva, o Eu tenta afastar o sentimento de culpa pela via das formações reativas, e na histeria, o Eu recalca o sentimento de culpa. No terceiro capítulo, há uma abordagem sobre o masoquismo e suas fantasias que podem complementar o estudo dessa entrada no psiquismo da representação paterna.

No Id as pulsões de morte buscam manter aquela tendência ao estado de repouso que se mantém ameaçado constantemente por Eros. Todas essas hipóteses sobre a constituição do psiquismo não podem ser pensadas excluindo o papel que o imaginário e as fantasias desempenham para sua contextualização. A fantasia, sobre todos os aspectos, protege o

indivíduo do real interno e externo. As vivências das crianças mantêm-se presente, no infantil do adulto.

Diante de tanta destrutividade e crueldade produzida pelos homens em toda a história da humanidade e presente até nossos dias, Freud vai firmar cada vez mais a idéia da presença da coexistência das pulsões de vida e de morte produzindo aquilo que, do ponto de vista social, viria a chamar de o mal estar da civilização.

Ao final da vida, escrevendo sobre as pulsões (EA 1940[1938] 2004:148)¹⁶⁹, Freud antecipa uma preocupação bastante presente nos dias atuais, relacionada com o meio ambiente e a sobrevivência humana. Citando a força da pulsão destrutiva afirma que, em casos extremos, seu efeito pode ser mortal. Se dirigida cruelmente contra o próprio indivíduo, pode levá-lo à morte, mas mesmo sob formas mais brandas acredita que, de maneira geral, todos morrem em virtude de seus conflitos internos. Considerando a relação da espécie humana com o mundo externo, destaca ser possível suspeitar que aquela também poderá atestar seu próprio óbito, caso não seja capaz de adaptar-se às mudanças provenientes deste último. E sua morte será o resultado de sua luta mal sucedida.

¹⁶⁹Artigo do "*Capítulo II do Esboço de Psicanálise*"(1940 [1938]).

Capítulo 3

Fantasia, sua relação com o ambiente e com a transmissão geracional

"O incesto é anti-social - a civilização consiste nessa renúncia progressiva"¹⁷⁰

O enigma da transmissão geracional e do papel que o ambiente desempenha na constituição do psiquismo, por meio da fantasia, introduz um dos temas mais discutidos não somente na psicanálise, mas também no vasto campo do conhecimento humano.

Em toda a obra freudiana, encontram-se referências às tentativas de explicar como se dá a questão da origem do psiquismo, sua relação com os sintomas e com o processo criativo, entre outros. O tema da fantasia primordial nunca esteve ausente das formulações sobre o inconsciente e a consciência. A presença da idéia de como uma geração é capaz de transmitir certos sentimentos e interdições para outra geração foi uma busca incessante até o fim de sua obra. Há passagens bem representativas dessas indagações. Neste terceiro capítulo, buscou-se selecionar as investidas de Freud na tentativa de elaborar as questões que estabelecem relações com o ambiente e o mito na constituição do psiquismo e, em especial, das fantasias primitivas e da fantasia primordial.

¹⁷⁰ Freud em sua Correspondência para Fliess, Rascunho N de 31 de maio de 1897. (1986:253)

Refletindo sobre o ambiente e a sexualidade: Moral sexual "cultural" e doença nervosa moderna

O texto de 1908¹⁷¹ inaugura uma série de reflexões sociais, especialmente, no sentido de contrapor a moral sexual civilizada à vida sexual das pessoas em suas respectivas comunidades.

Trata-se de um texto bastante atual, na medida em que Freud analisa uma série de autores que estudam o impacto causado pela e na sociedade modificada pelos avanços da tecnologia, dos meios de comunicação, de transporte, da agricultura, do comércio e da indústria etc. Baseado principalmente em W. Erb¹⁷² (EA 2003:164-5) aponta a influência dessas transformações na relação dos indivíduos consigo mesmo e com o seu meio ambiente.

Freud não nega que essas causas possam oportunizar maior grau de neuroses e de doenças nervosas. Se este texto fosse remetido aos dias contemporâneos, excluindo as datações, pareceria ter sido escrito para a sociedade atual, com alterações em seus ritmos de sono, de trabalho, a falta de tempo, de recreação e de lazer, a busca de maiores e mais intensos estímulos, a superexcitação visual e auditiva a que estamos submetidos, entre outros fatores. Tudo isso, como para muitos autores contemporâneos, são as causas de

¹⁷¹ Artigo "*Moral sexual "civilizada e doença nervosa moderna "*

¹⁷² NAT: A única referência a esse autor é que se encontra na *Bibliografia e índice de autores* do volume IX (EA:232): Erb, W. (1893) *Über die wachsende Nervosität unserer Zeit*, Heidelberg.

uma maior incidência dos chamados transtornos do déficit de atenção, das depressões, das síndromes do pânico, dos transtornos alimentares etc.

Freud, supõe-se, diria que sim, mas que estas causas seriam insuficientes para explicar o porquê desse processo, como haveria dito em 1908, sobre os avanços da sociedade cada vez mais industrializada e com maiores recursos tecnológicos, dentre eles, os meios de transporte e comunicação. Por exemplo, comparar o tempo de informação de uma carta com um telefone ou telégrafo, como apontou Freud, significa um impacto radical na dinâmica social das pessoas, especialmente em relação à administração do tempo. Hoje, o que poderíamos dizer em relação à Internet e a comunicação via satélite. Para um jovem deste século XXI, uma carta escrita à mão parece ser um instrumento quase pré-histórico.

Freud reconhece esses sintomas como resultantes das exigências da civilização e as constituições das pessoas gerando as doenças nervosas modernas (que seria o equivalente, nos dias atuais, as chamadas doenças contemporâneas). Contudo, insatisfeito com essas explicações sociais, Freud diria que a etiologia dessas doenças, ou desses sintomas, estaria nos esforços do indivíduo moderno (contemporâneo) em submeter sua sexualidade a mecanismos regulatórios, cada vez mais sofisticados, e que se apresentam nas formas vistas no parágrafo anterior.

Universalizando a temática da cultura, afirma que esta se edifica sobre o recalque das pulsões. Por meio da sublimação é possível substituir uma meta sexual originária por outra, não sexual, sem perder sua intensidade. Contudo, nem toda essa força pulsional é passível de sublimação, alternando em intensidade, de indivíduo para indivíduo. Uma

parcela dessa força deve encontrar saída como meta sexual, propriamente dita, visando ao prazer e a um funcionamento satisfatório do psiquismo¹⁷³. Caso contrário, estaremos diante de fenômenos subjetivos, variáveis de indivíduo para indivíduo, produzindo sintomas. O comportamento sexual individual constitui-se freqüentemente como protótipo de suas relações com a vida e de todos seus outros modos de reação no mundo.

Nas fantasias que acompanham a satisfação, o objeto sexual é de tal forma idealizado em sua perfeição que dificilmente será encontrado na realidade.

Considera-se esse texto uma reflexão de Freud para a importância que o ambiente físico e social podem desempenhar na constituição psíquica dos indivíduos, mesmo que essas condições sócio-históricas se apresentem como sobredeterminadas em relação à sexualidade. Nessa perspectiva, acredita-se que uma teoria como a de Donald Winnicott encontra bases para apresentar o papel fundamental que o meio pode representar na constituição dos indivíduos, para além da sua dimensão sexual.

Transmissão e fantasia

A questão da transmissão é um dos pontos mais importantes da psicanálise gerando muitas dúvidas sobre as formas como se produzem esses processos geracionais. Ainda hoje, a ciência luta para compreender a origem de uma série de sintomas e, como já foi

¹⁷³ NAT: o que já foi citado anteriormente nesta tese.

dito nessa tese, com os mais diversos instrumentos que a engenharia genética e a tecnologia de informação buscam decifrar.

Ao relacionar as lembranças da infância como um produto de experiências infantis e conteúdos que se superpõem ao longo da história do indivíduo, transformando em fantasias ou lembranças encobridoras essas primitivas cenas, Freud estabelece uma analogia com a filogênese, ou seja, como na tradição das memórias primitivas dos povos esses processos se equivalem.

Os povos da antiguidade, assim como as crianças, não se preocupam em escrever suas histórias. Em seu início, a vida era vivida e não historicizada. A luta pela sobrevivência dos primitivos e o não surgimento da escrita tornavam suas vidas experiências que se transformavam com o decorrer do tempo. Freud chega mesmo a dizer que "foi uma época de heróis e não de historiadores"¹⁷⁴ (EA.2005:78). As lendas ajudam a compreender a história de um povo, assim como as lembranças da infância ajudam a tentar decifrar a experiência infantil. Entretanto, ambas são atingidas pelas barreiras do deslocamento e do esquecimento das situações desprazerosas; processos que tanto servem ao indivíduo, quanto à história de um povo. Sua forma mais característica se aproxima da fórmula da fantasia: uma parte de conteúdo vivenciado pela experiência de sexualidade e outros resíduos mnêmicos e uma outra composta pelas significações que vão sendo construídas ao longo do caminho.

¹⁷⁴ Artigo *"Uma Lembrança Infantil de Leonardo da Vinci"* (1910).

Na interpretação da fantasia de Leonardo da Vinci¹⁷⁵, Freud objetivava atingir o objetivo real da fantasia do milhafre que aparece no quadro. Contudo, parece-nos que a interpretação também é uma fantasia de Freud sobre a história contada por alguém, num tempo posterior, sobre Leonardo. A tentativa de separar os traços mnêmicos primitivos e reais dos conteúdos e forças posteriores que modificam e distorcem aquilo a que ele mesmo considera como fantasia, transforma-se numa hipótese, uma elaboração imaginária, enfim, pose-se dizer quase um conto sobre Leonardo. A História é uma história sobre a história, poder-se-ia dizer.

Freud busca no simbolismo da mitologia compreender as bases imaginárias sobre as quais se fundam o imaginário da civilização. A androginia nos deuses egípcios e gregos é interpretada como a combinação do masculino e do feminino e expressam simbolicamente a força e a perfeição divinas. No processo de desenvolvimento infantil, a criança vivencia um período de indiferenciação, quando ainda não compreende a diferença sexual.

O menino, ao descobrir seu pênis, julga que todos sejam iguais a ele. Alguns resistem a aceitar que outros, no caso as mulheres, não o possuam. Uma das fantasias criadas é a da fantasia da mulher com pênis, presente também na deusa-mãe egípcia Mut que combinava seios com pênis. A fantasia da completude.

Compreender a pré-história da civilização é considerado por Freud um fator de extrema importância para perceber como a história da sexualidade na civilização passou do

¹⁷⁵ Artigo " *Uma Lembrança Infantil de Leonardo da Vinci*" (1910).

orgulho e adoração aos genitais por tudo o que representam para a vida humana, para um recalque, uma atitude de desprezo. E essa é uma das razões pelas quais há uma resistência em aceitar a sexualidade infantil. Pode-se deduzir, que nos cultos secretos para iniciados, ainda se preserva a força dessas pulsões mais primitivas, totalmente reprimidas pela religião oficial, o que vem a ser observado claramente nos dias atuais, tanto pela atitude dos cristãos católicos e protestantes, e dos fundamentalistas muçulmanos, entre outros, em relação a dirigir condutas que restrinjam a atividade sexual dos humanos.

Retornando a Leonardo, Freud acredita que a arte triunfou sobre a infelicidade da infância do artista. Como uma suplência da função paterna, sua arte cumpriu a função de ampará-lo diante da vida. Não somente a arte produzida é produto da **criação**, como o desenvolvimento da capacidade de poder criar. Esse sim, é um elemento vital para compreender a construção de um sentido para a vida. Em especial, para a própria conduta analítica: contribuir na descoberta e no desenvolvimento do potencial criativo como forma de fluxo da pulsão. Essa última dedução não está escrita por Freud, mas pode-se interpretá-la como tal.

Retomando o vínculo entre a ontogênese e a filogênese¹⁷⁶, parece-nos surgir à primeira suposição da importância da autoridade paterna como imperativo para a constituição de

¹⁷⁶ NAT: Em sua origem, os termos ontogenia e filogenia (instituídos por Haeckel) remetem ao conceito de evolução em Darwin produzindo a idéia de desenvolvimento, passando a distinguir-se por meio de: "Esses dois ramos da história orgânica do desenvolvimento - ontogenia, ou a história do indivíduo, e filogenia, ou a história da tribo - mantêm-se em estreita conexão causal, e um não pode ser compreendido sem o outro" (Haeckel (1876[1868] apud RITVO, L.B.(1990/1992:31).

um povo e de um indivíduo. Em sua falta, ocorre um desmoronamento, uma perda de sentido. Seria pois o pai quem daria o sentido a vida ?¹⁷⁷

Estudando também o papel das deusas-mães nos povos orientais, Freud¹⁷⁸ (1913) descreve a ambivalência de seus papéis tanto de criadoras, quanto de destruidoras representando a vida e a morte. Com esse olhar para o simbolismo, acredita que essa substituição pelo oposto deve-se a um retorno muito primitivo.

Sobre a questão darwiniana: a ontogênese e a filogênese

O enigma da transmissão de constituintes psíquicos sempre foi uma das grandes questões da humanidade e de muitos cientistas. Os processos, pelos quais é possível transmitir conhecimentos e comportamentos, foram e continuam sendo objetos de estudos da maior relevância para a ciência como, mais presentemente, a importância do projeto genoma¹⁷⁹ na tentativa de desvendar os enigmas da constituição do humano e da sua relação com outros animais, por meio da decifração do código genético.

Contudo, há algo que se coloca para além dessa transmissão que ocorre nos cromossomos, que é genética no sentido de gênese (origem), mas não de uma redução a aspectos de ordem fisiológica pura e simples. O Gênesis da bíblia que funda o criacionismo despe de qualquer conteúdo biológico a origem da vida e vem se opor ao

¹⁷⁷ NAT: Frase do autor da tese.

¹⁷⁸ Artigo "*O tema dos três escrínios*" (SEB 1913/1969) ou "*El motivo de la elección del cofre*" (EA 1913/2005)

¹⁷⁹ NAT: "Há também problemas com a evolução de genomas. Se é a adaptação que reina, por que será que mais de 90% do material genético de nossos organismos não codifica nada ? O que acontece dentro dos sistemas genéticos? Há tanta coisa que não sabemos!"(Stephen Jay Gould in KAYSER,W. 1995:117)

conceito darwiniano de evolução. Em síntese, a contemporaneidade parece se dividir entre o Gênesis do criacionismo bíblico e o evolucionismo de Charles Darwin descrito em *A Origem das Espécies* (1859).

Charles Darwin¹⁸⁰ exerceu um papel fundamental no pensamento freudiano. Juntos, Darwin, Freud e mais Copérnico formam a tríade que produziu os três golpes narcísicos para a natureza autocentrada da humanidade : o golpe cosmológico (Copérnico) com a ruptura da concepção geocêntrica, o golpe biológico (Darwin) com a ruptura da concepção antropocêntrica ao aproximar a descendência humana de outros animais mantendo maior estreiteza com umas e distanciamentos com outras¹⁸¹, e o golpe psicanalítico que é o narcísico propriamente dito com a ruptura da primazia da razão do eu da consciência¹⁸² destituído pelo inconsciente.

Desde os *Estudos sobre a Histeria* (1895), Freud já mencionara a influência do texto sobre a Expressão das Emoções¹⁸³ em sua associação entre os efeitos somáticos e a linguagem. A relação que um histérico produz entre uma idéia emocionalmente simbolizada e seu correlativo somático encontra suas raízes fincadas no campo da experiência humana, em cuja origem possuíam um significado e serviam a uma finalidade. Por exemplo¹⁸⁴, quando alguém diz que "recebi um soco no estômago" para manifestar um efeito de contração diafragmática abrupto e dolorido e, apresenta, na

¹⁸⁰ NAT:Essas influências foram profundamente analisadas no livro de "A Influência de Darwin Sobre Freud" e por Strachey, J, na Introdução do texto "Inibição, Sintoma e Angústia"(1926[1925]) na SE.

¹⁸¹ Artigo "Uma dificuldade no caminho da psicanálise" (1917).

¹⁸² "O ego não é senhor nem mesmo em sua própria casa, devendo, porém, contentar-se com escassas informações acerca do que acontece inconscientemente em sua mente" (1917/2005:261)

¹⁸³ DARWIN, C.- *A expressão das emoções nos homens e nos animais* (1872/2000)

¹⁸⁴ NAT: Exemplos análogos a outras expressões descritas por Freud, tais como "apunhalado no coração" e "uma bofetada no rosto" (1895:193)

prática o que pode ter sido uma grande decepção, assim, está revivendo por meio da linguagem as sensações, às quais a expressão verbal deve sua justificativa.

Outra importante referência a Charles Darwin ocorre no texto sobre o esquecimento (1901) quando Freud (1912)¹⁸⁵ assinala a possibilidade de relacionar os modos de formação da tradição de um povo com as das lembranças de um indivíduo. A analogia estabelecida sugere que, na construção das lendas de um povo, encontra-se uma tendência a esquecer tudo o que resulta de penoso para o sentimento nacional. E foi Darwin que, segundo Freud, estabeleceu essa "regra de ouro" que trata da tendência de se esquecer o que é desprazeroso.

A concepção de que o tabu do incesto não é inato, faz com que Freud tenha que pensar em outras hipóteses para tentar explicar a função dessa lei universal que, em suas próprias palavras, é a fundante da cultura. Encontra uma resposta no mito da horda primeva¹⁸⁶ como constituinte da organização social, concepção também retirada do pensamento darwiniano. A expectativa de que, no futuro, com o avanço da química e da fisiologia, muitos sintomas psíquicos poderiam ser mais bem compreendidos, a idéia de que a compreensão do presente está fundada no passado, a hipótese de um princípio inorgânico fundante da vida, do papel dos conflitos¹⁸⁷ e da luta pela sobrevivência como inerentes ao humano fazem parte da herança darwiniana no pensamento freudiano¹⁸⁸.

¹⁸⁵ adendo de 1912 ao texto de 1901, "A- *Esquecimento de impressões e conhecimento*", do capítulo VII da *Psicopatologia da Vida Cotidiana*.

¹⁸⁶ Artigo "O retorno do totemismo na infância, in *Totem e Tabu*" (1913[1912-13])

¹⁸⁷ NAT: Sobre os conflitos, Daniel Dennet afirma "Tentar casar duas idéias incompatíveis, as idéias de informação e significado, por um lado, e as idéias de tensão e pressão, por outro...ele tem esse casamento impossível de conversa de significado, intenção, intencionalidade, com empurrar e puxar, pressão e tensão....Parte do gênio de Freud foi dar-se conta de que você precisa juntar essas coisas, porque elas são

Totem e Tabu

No entanto, no artigo Totem e Tabu¹⁸⁹, Freud apresenta sua construção sobre o mito do surgimento da civilização. Baseado principalmente em diversos estudos antropológicos, articula uma analogia entre a mentalidade dos povos primitivos e aquela dos neuróticos da sociedade moderna, em questão, as que ele já conhecia¹⁹⁰.

Desde 1897¹⁹¹, Freud já concebia a idéia de mitos endopsíquicos, projetando para o *exterior, o futuro e o além-mundo* (1987/1986:287) aquilo que é uma produção psíquica do próprio indivíduo. Contudo, levaria algum tempo para ver articulada essa compreensão.

No prólogo da edição em hebraico (1930), Freud descreve uma das questões mais importantes e enigmáticas da psicanálise que trata dessa transmissão originária e inconsciente que se busca discutir nesse capítulo. Até o fim de sua vida, admitiria não compreender o que, em seu próprio psiquismo, deveria ser a sua própria essência, o fato de ser judeu, mesmo ignorando a linguagem sagrada da sua religião e dos ideais

inseparáveis. Alguns pensamentos são mais difíceis de pensar do que outros, não porque contêm mais informação, mas porque machucam. Alguns pensamentos são agradáveis de pensar, não porque tenham em si menos componentes, ou porque sejam de um tipo diferente de estrutura de dados, ou porque são mais prontamente acessíveis. São mais fáceis de pensar, ou mais difíceis de pensar porque há pressões. Há forças que empurram as coisas de um lado para o outro na mente, impedindo-as de movimentarem-se da maneira que você gostaria de que se movimentassem. É preciso ter no fim uma teoria que incorpore essas forças em todos os níveis profundos de teoria"(1995 in KAYSER,W. 1995:79).

¹⁸⁹ Acrescido ao título original -" *Alguns pontos de concordância entre a vida psíquica dos selvagens e dos neuróticos*" (EA(1913-14)/2005:1).

¹⁹⁰NAT: Importante ressaltar que, nesta data, Freud já havia estado nos Estados Unidos e mantinha uma rede de pesquisa e informações com diversos estudiosos da psicanálise em vários países europeus.

¹⁹¹ Carta 78 para Fliess

nacionalistas. Como uma identificação inconsciente, o mistério dessa essência talvez somente seja possível desvendando as origens da fantasia originária.

Uma das questões principais que Freud tenta responder é como se transmite de uma geração para outra os seus estados psíquicos. Não bastam as explicações centradas sobre a comunicação e a tradição, pois há algo de muito mais profundo que se incorpora e que não se encontra no dito. Como um inter-dito presume que essa transmissão é da ordem do inconsciente. Mesmo que uma geração tente esconder algo de seus processos psíquicos, o conhecimento até então adquirido sobre o funcionamento do inconsciente demonstra a capacidade - também inconsciente - de interpretar as reações, as defesas, os costumes, cerimoniais e dogmas recebidos por meio dos afetos. Na origem dessas expressões, encontra-se a relação originária com o pai. O pai da horda primitiva. O totem e o tabu merecem uma breve descrição, para que se possa dar continuidade à construção do mito freudiano.

Partindo do princípio que a interdição do incesto é universal e encontra-se presente em todas as sociedades humanas, Freud analisa a função do totem nos primórdios das organizações sociais. O totem é o antepassado comum e o espírito protetor de um clã e pode ser representado, em geral, por um elemento da natureza que mantenha alguma forma de relação com todos os membros do clã. O totem de um clã não pode ser destruído pelos seus membros sendo considerado como algo sagrado e que merece ser sempre reverenciado. Um animal, por exemplo, pode ser o representante de um totem. Nesse caso, este se mantém protegido por todos os membros do clã que, por sua vez o elegem como o seu protetor. Logo, uma lei fundamental do totemismo é a de que se

torna eminentemente proibido matar um totem. Nos princípios do totemismo, encontra-se a exogamia que impede o casamento entre as pessoas de um mesmo totem; essa interdição ao incesto tão primitiva é severamente punida por aqueles que infringem essa lei. Trata-se de uma equivalência a transgredir a lei totêmica e colocando em risco todas as crenças depositadas sobre a função do totem: a proteção e a punição para aqueles que desobedeçam às regras. Para que a lei seja tão rigorosa, é necessário que a força que move os indivíduos a transgredi-la seja muito poderosa. E essa força é o amor primitivo que o menino tem por sua mãe e, em certos casos, por sua irmã. Esse investimento é universal e submetido ao recalque. A interdição ao incesto já presente na origem das organizações sociais antigas reencontra-se na constituição do psiquismo individual.

O tabu é considerado "como o código de leis não escrito mais antigo do homem" (Wundt apud Freud (EA1913-14/2005:27) e anterior a qualquer concepção religiosa. Uma das suas principais características é a quase impossibilidade de compreender sua significação representativa de um temor a algo que receba o estatuto de proibido dentro da cada cultura. O indivíduo que transgredir um tabu, transforma-se ele próprio em tabu também. Uma das principais analogias dos princípios que regulam o tabu e o funcionamento psíquico é o fato de a coisa proibida ser considerada como tal, sem que dela possa ser possível compreender sua causa. Essa crença em algo que não encontra substrato em fundamentos materiais dão suporte a sustentar idéias sobrenaturais, tais como a existência de espíritos e fantasmas.

A fantasia originária dos povos fundamenta-se no tabu como uma herança destituída de explicação física sustentando-se numa transmissão de experiências inibidoras de certos

comportamentos e criadores de outros mais cerimoniais. Ambos comportamentos vinculam-se à proibição e às práticas expiatórias para se protegerem da leis que foram transgredidas. A descrição do funcionamento psíquico dos povos primitivos em relação ao tabu encontra analogia com o *modus operandi* da neurose obsessiva que poderia ser designada como "doença do tabu".

Articulando tabu e neurose obsessiva, Freud estabelece importantes contribuições para o entendimento de ambas e abre um importante foco para tentar desvendar o mistério desse originário que trata de um estatuto de fantasia¹⁹².

Dentre os pontos mais significativos, podemos destacar a característica de que, em ambas, as proibições são incompreensíveis e enigmáticas quanto a sua origem. A certeza da punição encontra-se internalizada não necessitando de encontrar justificativas externas, ou seja, a convicção de que uma transgressão vai gerar uma desgraça encontra-se incorporada, psiquicamente falando. Observam-se práticas expiatórias, tais como certos rituais particulares, para poder se libertar das sanções. E dentre as principais transgressões, destaca-se o que é encontrado em seus núcleos: uma fobia de contato. Contato concebido em sua dimensão mais ampla possível, não restrita ao contato físico e vinculada às variadas aproximações que um indivíduo pode realizar diante de certo objeto proibido, inclusive pela própria atividade de pensamento. Uma das principais ameaças a entrar em "contato" é a punição de transformar-se, a si próprio, em tabu e, conseqüentemente, ser rejeitado/evitado pelos outros.

¹⁹²NAT: interpretação deste autor

Entretanto a neurose obsessiva pode encontrar uma saída expiatória para livrar-se da punição e o seu caminho passa pelos atos obsessivos, medidas defensivas e ordens obsessivas funcionando como penitência e purificação pelo contato proibitivo. Esse conflito é constituído na mais tenra infância, quando a criança é reprimida em seus atos de entrar em contato com..., em tocar. A repressão não anula esse desejo, mas o impele para o inconsciente gerando um conflito permanente entre o impulso e a sua proibição. Uma ambivalência que projeta sobre o objeto que deseja e que, por estar interdito, também é detestado. Freud afirma que o objeto do gozo encontra seu prazer no inconsciente, enquanto a proibição é expressamente consciente. O prazer do contato, que não cessa de insistir é inconsciente, e o indivíduo nada sabe sobre ele (EA1913-14/2005:37). Nessa batalha de forças psíquicas antagônicas, as obsessões surgem como uma tentativa de uma conciliação inconciliável, buscando encontrar descargas que possibilitem amenizar o sofrimento e diminuir a tensão pulsional.

O medo de violar o tabu é profundamente ameaçador e mais forte que o desejo. Desejo daquilo que mais gostariam de poder fazer: tocar¹⁹³ o objeto proibido. Assim se constituem como as mais antigas interdições-tabu aquelas leis que fundamentam o totemismo: não matar o animal totêmico e evitar relações sexuais com membros do sexo oposto do próprio clã totêmico. E ambas se apresentam no desejar infantil constituindo-se como núcleo da neurose.

¹⁹³NAT:Tocar é uma analogia do autor da tese equivalente à abrangência que Freud estabelece para o termo contato.

Diferenciando tabu como instituição e criação social e a neurose, Freud aponta que, enquanto no tabu, a punição recai sobre quem o viola, nas neuroses geralmente é deslocado para outra pessoa, quando não recai sobre o próprio indivíduo. A importância do tabu na constituição da organização social repousa no fato de exercer um controle sobre as ações que se constituem como um fundamento básico de controle mútuo dentro do grupo. O sistema penal tem sua origem no tabu, pois aquele que viola as leis de uma determinada comunidade deve sofrer as sanções por sua transgressão. Trata-se de uma estratégia do grupo em punir o indivíduo que desrespeita o tabu. A medida punitiva cumpre o papel de manter sob controle os impulsos comuns a todos os membros da comunidade. Ambos, comunidade e criminoso são portadores dos mesmos impulsos transgressivos e por isso necessitam de legislações e punições como forma de não dissolver a ordem social. Nas neuroses obsessivas, a proibição tem sua origem na transgressão do contato de origem sexual, como é demonstrado pela psicanálise.

As neuroses e as instituições sociais são formas muito próximas ao funcionamento do psiquismo humano, sendo que as primeiras se constituem basicamente em fugir, por meio da fantasia, da realidade que lhe impede a livre expressão pulsional. Como mundo real, Freud designa a realidade instituída pelo grupo social com suas legislações. A neurose, como uma fantasia, é uma defesa que permite ao indivíduo negar, sob certos aspectos, essa realidade impositiva, criando por meios particulares sintomas que equivalem às instituições sociais, tais como a histeria sendo uma caricatura da arte, a neurose obsessiva da religião e o delírio paranóico de um sistema filosófico. Sob uma condição associal, esses sintomas são realizações individuais daquilo que no grupo é constituído sob forma coletiva. Pode-se resumir considerando que o indivíduo necessita

criar fantasias particulares que representam seu desejo para suportar a pressão das fantasias coletivas que significam um controle do funcionamento do grupo.

Em relação ao funcionamento psíquico outro mecanismo básico que se encontra tanto nas crenças dos povos primitivos quanto nos primórdios do pensamento infantil é o animismo. Do ponto de vista social o pensamento anímico funciona como a primeira cosmovisão que o homem constrói para compreender o funcionamento do mundo, em especial, buscar compreender as forças que agem em tudo aquilo que se denomina natureza, quer seja interna ou externa. Freud descreve uma seqüência nas formas que o pensamento vai tomando a partir da compreensão e do domínio gradual das leis que regulam o universo: o pensamento anímico, o religioso e o científico.

Um dos elementos que compõem o animismo é o pensamento mágico¹⁹⁴ que tem como função a proteção dos homens dos perigos naturais e de seus inimigos. Na sua origem, a magia funciona como um instrumento psíquico que visa, primordialmente, a ajudar no controle das forças incontroláveis e desconhecidas em função da proteção, da autopreservação. Freud credits essa força do pensamento mágico dos primeiros povos ao poder creditado aos seus desejos. Aquilo que funciona como magia é uma manifestação do desejo. Assim, observa-se no pensamento infantil essa mesma formação primária. O animismo constitui uma das bases sobre a qual se constrói o pensamento humano. No humano, a alucinação funciona como o processo mais primitivo do pensar e

¹⁹⁴ NAT: Uma observação sobre o funcionamento do pensamento mágico na criança é quando ela está jogando, e o adversário ganha a brincadeira. Quase sempre ela sugere: vamos trocar de cores (ou de pinos, ou de lado etc) ? Sua compreensão sobre a capacidade de ganhar repousa nos atributos dos objetos e não do seu adversário.

tem sua continuação no plano do brincar, em que os indivíduos, por meio do faz-de-conta submetem as coisas ao seu desejo, via imitação com intento principal de obter satisfação.

As mudanças iniciais passam a ocorrer quando diante da realidade aquilo que é desejado não se realiza, em virtude das frustrações contingentes da vida, e as incertezas emergem como um elemento gerador de novas formas de lidar com o desejo e a realidade. Diante da resistência ou das dificuldades em aceitar ou compreender os limites impostos pela realidade, o pensamento é inflacionado como instrumento de retenção da satisfação e busca submeter a realidade às idéias. A esse processo de funcionamento psíquico denomina-se de "onipotência de pensamento".

Na organização da neurose obsessiva se pode observar a força que essa onipotência exerce na dinâmica do pensar, aproximando o seu processo mais primitivo aos limites da consciência. Assim acontece, também, com outras formas de neurose. Novamente, a fantasia cumpre sua função de construir uma realidade psíquica que não se confunda com a realidade objetiva vivenciada.

Como já apresentado no primeiro e segundo capítulos desta tese, a fantasia cumpre uma função imaginária defensiva e criativa, ao mesmo tempo, que não pode ser totalmente destituída de realidade. Realidade inconsciente.

Os atos obsessivos, assim, apresentam-se como um caráter mágico, cuja função está vinculada diretamente aos desejos inconscientes, tanto do que se busca como gratificação, quanto do que se almeja alcançar como proteção ou penitência.

Relacionando as fases do desenvolvimento infantil com as da cultura, Freud estabelece que o pensamento anímico está vinculado à onipotência de si mesmo. A segunda fase que é a religiosa, os desejos passam a ser projetados para os deuses como responsáveis pela gratificação, frustração e proteção. A terceira fase traz consigo a visão que relativiza a onipotência humana diante do desafio imposto pelo conhecimento científico. Mesmo no campo da ciência, observa-se em muitos casos a presença da onipotência da razão, tentando se impor à realidade como um resquício, por mais paradoxal que pareça, do pensamento animista.

A arte, novamente, toma um lugar onde a onipotência do pensamento pode exercer uma aproximação maior com a realização dos desejos. A ilusão produzida pela arte aproxima a emoção da realidade, o que gera a idéia da "magia da arte". Cumpre-se por meio da fantasia que a arte engendra a aproximação dos desejos inconscientes e a possibilidade de criar novas formas de ação e interferência tanto na realidade subjetiva (psíquica), quanto na realidade do grupo.

O mito da horda primitiva é elaborado a partir das idéias psicanalíticas sobre o totem, sua representação do pai e ambivalência dos membros de um clã em relação a ele, por um lado, e por outro com as teorias darwinianas sobre os primórdios da organização social. Segundo Freud, os filhos que foram expulsos por um pai que possuía todas as

mulheres da tribo se organizaram e assassinaram-no. Como um ritual canibalístico comeram o pai numa refeição totêmica com o significado de incorporar a força desse que era tão temido e invejado. Com a satisfação pela morte do pai que criava barreiras para a plena realização de seus desejos sexuais, também, veio a culpa e o remorso pelo ato cometido. O pai representava a ambivalência de amor e ódio que os filhos nutriam por ele. O pai, agora morto, tornou-se ainda mais forte e presente. Os irmãos vendo-se diante de uma forte rivalidade entre si no embate para poder ter todas as mulheres que quisessem, assim como era com o pai, decidem renunciar a esse desejo em detrimento de uma sobrevivência comunitária e instituem a lei do incesto.

O totem que é o primeiro representante do pai passa a ser, posteriormente, concebido como um deus que recebe aparência humana. E a religião se funda sobre a saudade do pai. Tal qual como concebido o mito cristão do pecado original, cada indivíduo já nasce submetido a esta herança arcaica como uma fantasia originária; o sentimento de culpa originário tem de ser expiado. A celebração totêmica da comunhão cristã reencena o ato culposos que lhe é muito anterior.

Uma das questões relevantes desta tese se coloca: como é então transmitido esse sentimento de uma geração para outra ? Como pode se constituir essa fantasia de culpa por algo que não se cometeu ? Como os processos psíquicos se estabelecem na continuidade das gerações ?

Freud sustenta que essa transmissão se exerce pela via do inconsciente de uma geração para outra pela via da emoção. A fantasia originária que traz inscrita o sentimento de

culpa inconsciente dos neuróticos trata-se de constituinte de uma realidade psíquica e não concreta. A fantasia neurótica provém de intenções e não de execuções. Intenções vivenciadas na infância por todos os tipos de impulsos, dentre eles os de profundo amor e ódio que foram submetidos à moralidade. A função histórica se inscreve nessa construção moral que é anterior ao indivíduo moderno; que foi fundada com aqueles cuja inibição moral não existia, quando, no início, não era o verbo, mas sim o ato, no período em que o princípio da realidade psíquica coincidiu com a concreta.

A civilização funda-se nas repressões das gerações passadas e as transmite às mais novas como estratégia de manter-se a si própria. Cada recém-nascido tem que se submeter às renúncias pulsionais. Os indivíduos constituem-se não somente sob a pressão experimentada em seu meio ambiente, mas também à influência sócio-histórica das gerações passadas. Freud reconhece uma herança recebida dos antepassados como algo originário. Nesse sentido, abre o espaço para a existência de uma fantasia que é originária.

De uma não aceitação inicial que os indivíduos pudessem vir ao mundo constituídos de uma fonte independente destrutiva, Freud vai revendo, pouco a pouco, essa concepção. Em 1914, já haveria de afirmar que os impulsos humanos não são nem bons, nem maus. O efeito de suas qualidades estaria diretamente relacionados às necessidades e às exigências da sociedade. Aquilo que, geralmente, é considerado como mau se refere a natureza primitiva como os impulsos egoísticos e cruéis (1914/2006:317/318). Alguns anos mais tarde, Freud reveria esses seus conceitos ao conceber duas pulsões originárias

que, em múltiplas combinações, se apresentam como heranças filogenéticas que se presentificam no psiquismo humano: a pulsão de vida e a de morte.

Fantasia, masoquismo e sadismo

Diante dos desafios colocados pelos diferentes rumos que a agressividade pode tomar na constituição do psiquismo Freud estabeleceu as hipóteses da pulsão de vida e de morte como foi visto no segundo capítulo desta tese. Seguindo a reflexão das heranças filogenéticas, outras fantasias se constituem em esquemas que se configuram singularmente em função das experiências vividas por cada indivíduo.

As fantasias masoquistas e sádicas ganham estatuto de imanência na medida em que passam a se constituir como decorrentes de forças que se contrapõem ao princípio do prazer. As formas assumidas por estas fantasias se constituem primordialmente como uma questão de ordem econômica e pulsional. Diante do prazer provocado pelo aumento de tensão e do desprazer pela diminuição desta, contradizendo sua formulação sobre o princípio do prazer, Freud formula hipóteses nas quais reconhece a existência de não somente dois, mas três princípios: o de Nirvana ou da pulsão de morte que se coloca como uma força que estabelece complexas combinações (fusões e defusões) com a pulsão de vida ou o princípio do prazer e o princípio de realidade constituído pelo mundo externo. O princípio do prazer constitui-se como o guardião da vida como um

todo. Freud (1924)¹⁹⁵ estabelece a existência de três formas de masoquismo: o erógeno ou primário, o feminino e o moral.

O masoquismo erógeno ou primário é constituído pela ação da pulsão de morte que, se antecipando ao princípio do prazer, permanece como uma parcela fixada libidinalmente entre a dor e o prazer, enquanto a outra parcela pulsional se dirige ao mundo externo como sadismo vinculado à pulsão sexual ou como pulsão de apoderamento. O sadismo original como pulsão de morte, pode também ser compreendido como análogo ao masoquismo; no caso de sua investida no mundo externo não encontrar escoadouro pode retornar como reintrojeção sob a forma de um masoquismo secundário.

O masoquismo feminino é abordado inicialmente como uma posição passiva constituída pela submissão ao amor do pai¹⁹⁶ por meio da fantasia de espancamento. Ele é constituído em três tempos. No primeiro, revela-se que "o meu pai está batendo numa criança"¹⁹⁷ ao que Freud acrescenta "que eu odeio"; o segundo tempo é uma construção em análise na medida em que é inconsciente e revela "estou sendo espancada pelo meu pai". O terceiro tempo representa "provavelmente estou olhando". Considera-se o segundo tempo o mais importante por ser o revelador da fantasia de masoquismo vinculada à questão amorosa/pulsional. Essa fantasia é constituída pelas barreiras impostas à afeição da criança por seus pais diante das conseqüentes contingências que a vida produz durante seu processo de desenvolvimento. Necessariamente, uma criança

¹⁹⁵ Artigo " *O problema econômico do masoquismo*" (OP 1924/2007).

¹⁹⁶ Artigo " *Uma criança é espancada*" (SEB 1919/1976) - " *Pegan a um nino*" - " *Contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais*" (EA 1919/2006).

¹⁹⁷ NAT: Há uma diferença significativa entre a tradução da EA com a SEB. Na EA, aparece "El padre", enquanto na SEB o termo é "meu pai". Decidiu-se pela tradução da SEB.

não precisa ser espancada para sentir-se privada e rechaçada em função da sua demanda de amor. Diante do desmonte da onipotência infantil emerge um quantum pulsional que retorna sobre o indivíduo encoberto pela fantasia de ser humilhada, espancada, na medida em que a dor sentida é equivalente a esse desejo amoroso/libidinal. O texto desse segundo tempo pode ser retraduzido por "o meu pai não ama essa outra criança, ama apenas a mim". A origem dessas fantasias está vinculada a uma ligação amorosa com o pai. Centradas sobre a relação amor/ódio/rivalidade, a indagação fundamental encaminha para a questão: O que se quer de um pai ?

O masoquismo erógeno, com sua característica herdada, participa de todo o processo do desenvolvimento infantil constituindo diferentes fantasias. Freud destaca que o medo de ser devorado pelo pai (totem) tem sua origem na organização primitiva oral; o de ser espancado, na anal-sádica; as fantasias masoquistas de castração na fase fálica e a da submissão feminina (para ambos os sexos) na da organização genital. De todas as fantasias descritas até o presente momento, estas parecem ser as mais difíceis de serem compreendidas e aceitas. Contudo, pressupõe-se¹⁹⁸ que esta resistência deve-se a um dos conteúdos mais inconscientes na constituição do psiquismo e revela-se freqüente na clínica psicanalítica diária. Trata-se de uma tentativa de negar que haja tal prazer em sofrer por submissão ao que pode representar o amor paterno e o que este significa para o sujeito. Constituída sobre uma forte ferida narcísica, submete-se passivamente ao lugar fantasiado daquele que sofre com medo de perder esse amor.

¹⁹⁸NAT: Comentário do autor da tese.

A terceira forma de masoquismo é constituída a partir da construção da noção de Supereu (1923)¹⁹⁹ ao qual denomina de masoquismo moral. Esta constituição é considerada como "um perfeito testemunho da existência de uma fusão pulsional" (OP 1924/2007:115), originando-se da pulsão de morte, sob a forma de destruição e de uma representação erótica que desenvolve uma atuação violenta das forças destrutivas voltadas para o si-mesmo, como uma clara expressão auto-destrutiva de satisfação libidinal. A expressão dessas forças que ocorrem no psiquismo é constituída basicamente por uma atuação sádica do Supereu sobre um masoquismo inconsciente do Eu. O Eu anseia pelo castigo proveniente do Supereu que se apresenta como um representante das influências exercidas pelo passado e pela tradição visando a constituir-se como uma consciência moral exacerbada, em virtude de uma necessidade de punição.

No desenvolvimento infantil, o Supereu cumpre ocupar esse lugar de consciência moral ativa que traz consigo as interdições e a idealização, pelo Eu, de um modelo a ser seguido. As interdições produzidas pelos pais são transferidas para outros atores da vida do indivíduo, tais como outros parentes, professores, autoridades e ideais constituídos socialmente. O meio exerce uma influência não somente reprodutora do modelo original, mas também constituinte de outros valores dessa consciência moral. Assim internalizados, Freud destaca a importância do efeito produzido por essa instância no psiquismo que, em geral, costuma-se denominar de poder do Destino. Essa queixa tão presente na clínica aponta para as dificuldades e resistências encontradas para que os indivíduos possam compreender que os problemas que julgam partir dos outros ou do destino, encontram-se internalizados dentro de cada um.

¹⁹⁹ Artigo "*O Eueo Id*" (OP 1923/2007).

No que tange às fantasias masoquistas inconscientes, não se pode excluir o conteúdo do desejo de ter uma relação passiva com o pai que substitui o de ser espancado como forma de expressar o sentimento inconsciente de culpa/necessidade de punição. A fantasia masoquista concorre para que o sujeito aja de forma transgressiva ao modelo primário, repetindo-a, com o intuito de ser castigado sadicamente pela ação "inadequada"²⁰⁰. O masoquista trabalha em oposição a si próprio aniquilando, nos casos mais graves, sua própria existência real²⁰¹ (1924/2007:114). O sadismo proveniente da própria pulsão destrutiva diminui sua ação em direção ao mundo externo e volta-se para o Eu. E, mesmo quando proveniente do exterior, se une ao Supereu e sua consciência moral para torturar mais ainda o Eu. Nesses casos, quanto mais um indivíduo tenta reagir diante das pressões do mundo, mais se torna suscetível de receber como retorno uma nova punição.

Com a análise das fantasias masoquistas e sádicas, estabeleceu-se um ponto de interrupção deste capítulo que buscou focar as idéias que se vinculam às hipóteses filogenéticas e ontogenéticas que acompanharam Freud até o fim de sua obra.

²⁰⁰ NAT- Reafirma-se a pergunta fundamental: o que se quer de um pai ? Qual é o valor do castigo ? Pode-se responder como a busca da inclusão na ordem fálica, ser reconhecido pelo pai como seu herdeiro por identificação.

²⁰¹ NAT - aniquilar se refere tanto a sua posição de sujeito, quanto à sua própria vida, em casos extremos.

Conclusão

Nesta conclusão retorna-se ao tema principal da tese, sua pergunta e pressuposto.

O tema

Sobre a origem e a função da fantasia constata-se que o termo é utilizado sob vários matizes semânticos, nos quais identificaram-se quatro direções principais que se decidiu designá-las como as da realização alucinatória, as constituintes da investigação sexual infantil, as da relação entre trauma e erogeneidade e aquelas que se caracterizam como os sonhos diurnos. O critério utilizado para estabelecê-las tentou aproximar o percurso da descoberta de Freud com o desenvolvimento da fantasia no psiquismo humano. Torna-se relevante afirmar que esta classificação emergiu ao longo da pesquisa e que, em função dos prazos rigorosos impostos para a entrega da tese, não oportunizou a inclusão de outras fantasias que, mesmo sendo descritas ao longo dos capítulos, não puderam ter sido detalhadas numa organização final, mas que continuarão a ser objetos da investigação deste autor após a apresentação do trabalho que aqui se concretiza. Neste grupo, estão as fantasias que sustentam os delírios individuais e coletivos (religiosos, políticos e os decorrentes das histerias coletivas, entre outros) e as fantasias de cunho eminentemente destrutivas.

Deve-se ressaltar, acima de tudo, que toda tentativa de classificação é sempre um recorte imperfeito da realidade interna e externa. Espera-se que o leitor compreenda que os critérios adotados se agrupam em torno de quatro eixos distintos, mas que não podem ser compreendidos como excludentes uns aos outros. Há algo que os une em seu conjunto, cumprindo uma finalidade fundamental da fantasia que se acredita seja a proteção do indivíduo diante da realidade ou do real, termo mais abrangente e, supõe-se, mais adequado a que Freud queria se referir diante da obscuridade da pulsão, até os seus últimos testemunhos no "Esboço de Psicanálise" (1940 [1938]).

Fantasia como realização alucinatória

Sob o eixo das fantasias que se constituem como realização alucinatória do desejo, descrevem-se aquelas presentes nos pensamentos oníricos e a prototípica ontogenética da fantasia: a alucinação propriamente dita.

Fantasia, pensamentos oníricos e sonho

Os processos oníricos e o sonhar são formas especiais de imaginação, contudo ambas se diferenciam pelo fato de o primeiro estar submetido ao processo primário, enquanto o sonhar já se trata de uma elaboração secundária.

Compreendidos sob o primado da segunda tópica, Freud²⁰² (1940[1938]) define "elaboração onírica" como o resultado da pressão exercida pelos conteúdos inconscientes do Id que, forçando uma passagem até o Eu, constituem-se como pré-conscientes. Diante da barreira imposta pelo Eu, esse material transforma-se numa deformação onírica.

Os sonhos, nas últimas formulações freudianas, emergem durante o sono que já poderia ser compreendido como produto pulsional de uma profantasia de nascimento, ou melhor dizendo, do retorno ao útero materno.

A memória dos sonhos possui uma dimensão muito maior do que a vida de vigília, utilizando-se de uma série de elementos lingüísticos, em sua grande parte desconhecidos por quem sonha como resíduos de estágios muito primitivos da infância. Os sonhos trazem lembranças que foram esquecidas ou recalcadas e, mais ainda, o material oriundo de uma herança arcaica, "antes de qualquer experiência própria, influenciada pelas experiências de seus antepassados"²⁰³ (EA 1940[1938] : 165). Os sonhos representam, assim, um resíduo da pré-história do homem, tal como as lendas e os costumes sobrevivem na filogênese.

A fantasia como realização alucinatória do desejo pode ser descrita como a primeira fantasia na ontogênese e o protótipo do pensamento humano. Sua constituição é possível por meio das primeiras experiências de satisfação do bebê frente ao encontro com o

²⁰² Capítulo V do Esboço de Psicanálise. Um exemplo: A Interpretação dos Sonhos.

²⁰³NAT: Relação filogênese e ontogênese que permanece até o último trabalho de Freud.

objeto externo e diante das exigências da pulsão. Ao buscar recatexizar a imagem mnêmica da satisfação convoca a percepção que havia sido constituída na experiência original por meio do desejo; se esta, porém, reaparece, constitui-se como realização do desejo. Contudo, diante do teste da realidade, outros caminhos têm de ser tomados pela pulsão. Uma dessas direções move-se para a atividade muscular corporal, donde buscará descarregar e obter satisfações possíveis. Outra parte retorna como sonho, por meio dos pensamentos oníricos, que se transformam em fantasias, buscando a realização de desejos.

Fantasia, trauma e erogeneidade

Diante da clínica das histerias, Freud acreditava, inicialmente, que as lembranças de sedução que eram mencionadas durante o tratamento constituíam-se como causa precipitante na etiologia das neuroses. Assim, cria que a causa dos sintomas histéricos era de origem traumática, por uma cena realmente vivida de sedução na tenra infância e, muito provavelmente, pelo próprio pai. Com o decorrer da clínica começou a se questionar se essa cena primária teria realmente ocorrido. Se assim fosse, pensava, a perversão seria mais universal do que a neurose. Refletindo sobre a sua auto-análise e nos profundos diálogos nas cartas com Fliess, Freud chega à conclusão de que se tratam de fantasias, produtos de desejos reprimidos e não de cenas reais propriamente ditas. A fantasia substitui o trauma. No entanto, o trauma retornaria com toda a sua força pulsional, no período da elaboração de sua segunda tópica, quando reconsidera o papel que o trauma desempenha nas neuroses, em especial, nas neuroses traumáticas de guerra e nos traumas realmente vividos na infância. A fantasia cumpre uma função defensiva de

proteger o psiquismo da força do trauma, buscando enlaçá-lo, para que a intensidade de sua força possa ser amortecida. Quando a força dessa pressão é extremamente danosa ao psiquismo, as defesas mantêm essa lembrança no inconsciente e seu retorno, geralmente nos sonhos, apontam que o choque causado manteve-se fora do domínio do princípio do prazer. Mais tarde, Freud²⁰⁴ (1933[1932]) retornaria ao princípio da sua teoria (1896)²⁰⁵ ao admitir a existência de uma fantasia de sedução que se constitui na pré-história edípica que é a produzida pelos cuidados maternos ou das pessoas que cuidam do bebê. Em oposição ao papel do pai como o sedutor, na primeira teoria, aparece a mãe (ou sua representante) como o agente da sedução. Na precisão das palavras de Freud destaca-se : "Aqui, a fantasia toca o chão da realidade.." (EA 1933 [1932]: 121). Os cuidados maternos com o corpo do bebê criam uma erogeneidade muito peculiar a cada mãe, estimulando de múltiplas formas e despertando as sensações de prazer em cada criança. A qualidade e a quantidade desse diálogo tônico²⁰⁶ travado entre mãe e filho criam um sustentáculo primitivo da consciência corporal, nesse lugar em que Freud diria que se constituiria um Eu, que, antes de tudo, é um Eu corporal. A sedução materna referente à forma erótica na feminilidade, tal como descrita na Conferência XXXIII, assume um lugar que se estende aos meninos também. Essa erogeneização do corpo do bebê é fundamental para a construção dos vínculos primários e fundantes do psiquismo. Certamente que essa satisfação por parte da mãe, pode ser exercida como excessiva ou faltante, o que sempre leva a diferentes marcas afetivas que incidem sobre cada sujeito. Particularmente, observa-se que, no excesso ou na falta, a

²⁰⁴ Artigo "*Conferência XXXIII-A Feminilidade (Novas Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise)*"

²⁰⁵ Artigo "*Etiologia das Histerias*".

²⁰⁶ NAT : "*Diálogo tônico* " é um termo cunhado por Henri Wallon para explicar a comunicação que existe entre mãe e bebê. Esse termo passou a ser utilizado no campo da psicomotricidade como referência para compreender essa fase do desenvolvimento infantil.

experiência de sedução materna primária é traumática, o que leva a reuni-las numa única articulação: a sedução traumática. A privação a que são submetidos muitos bebês abandonados, e/ou os maus-tratos recebidos por outros se constituem como impressões muito primitivas que afetam o sujeito em sua relação consigo mesmo e com os outros. Dependendo de outras contingências da vida, as defesas atuam como um suporte para a existência. Os rumos possíveis são imprevisíveis, podendo se constituir desde a decisão de abandonar (e abandonar-se) a capacidade de desejar, quanto decidir (inconscientemente? Isso sim constitui um mistério) pelo caminho da resiliência. Interrompe-se essa análise nessa passagem descrita por Freud, contudo, essa discussão apresenta muitos e complexos desmembramentos em outros autores, cuja importância, tanto do tema quanto dos autores, constituem-se um dos focos fundamentais na busca da compreensão do complexo psiquismo humano.

Fantasia como atividade psíquica: sintoma

Optou-se, nesta conclusão, por situar a fantasia e o sintoma sob três dimensões constituídas historicamente. A primeira surge na compreensão de que os sintomas e traumas dos histéricos remontam a ficções, a cenas fantasiadas²⁰⁷. No entanto, essas cenas não eram destituídas totalmente de realidade prática e se constituíam como realidade psíquica. Os sintomas histéricos são formações produzidas pelas fantasias inconscientes que se expressam por meio da conversão. As fantasias podem tanto ter sido sempre inconscientes, quanto tornadas como tais diante da ação do recalque. A vinculação com a vida sexual é de fundamental relevância, no sentido em que a fantasia

²⁰⁷Artigo "Fantasias Históricas e sua Relação com a Bissexualidade" (1908).

inconsciente do adulto é idêntica àquela que lhe serviu de satisfação sexual durante o conjunto de condições reunidas sob o denominado período de masturbação. A fantasia auto-erótica e as seqüentes vinculadas à do amor e do desejo objetual recobrem diversos sintomas de acordo com as constituições e contingências singulares associadas (poder-se-ia dizer fixadas) à obtenção do prazer e a evitação do desprazer.

Num segundo momento, observa-se uma certa digressão nos caminhos tomados pelo desejo quanto aos sintomas e a fantasia. Freud²⁰⁸ (1916) afirma que o sintoma é fruto de um conflito de forças dentro do psiquismo. As fantasias construídas em análise são - em sua maior parte - uma produção composta de verdades e falsificações. Certas vezes, os sintomas podem representar algo que realmente tenha sido experienciado, produzindo uma fixação da libido recoberta por uma fantasia. De uma forma geral, "as fantasias possuem realidade psíquica, em contraste com a realidade material...no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a realidade decisiva" (EA 1916-1917/2005:336). Mas, diante da tentativa de responder como a libido encontra formas de reencontrar estes pontos de fixação, retorna aos objetos e tendências ainda mantidos na fantasia. Porém, com o aumento da pressão produzida pelo armazenamento dessa libido e buscando realizar seus desejos, o Eu interfere reprimindo-as. Há uma retração para as origens da fantasia inconsciente que passa a ser chamado de "introversão" que se torna, assim, um processo intermediário para a formação dos sintomas. Freud dirá que um introvertido não é bem um neurótico, mas que, diante das forças conflitadas, poderá ainda encontrar esquadros para sua libido represada. Caso contrário, produzem-se sintomas. Está

²⁰⁸ Artigo "Conferência XXIII das Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise: Os Caminhos da Formação dos Sintomas" (1916-1917)

estabelecida a dimensão econômica do psiquismo. O artista é o exemplo referenciado de introversão que pode realizar o encontro da fantasia com a realidade por meio da criação artística. O que entra em jogo na dinâmica do psiquismo é o que fazer com o excesso pulsional. Seria possível a sublimação responder a essa demanda libidinal ? Responder a esta questão torna-se a principal ocupação de Freud até o fim da sua obra: compreender esse obscuro objeto que é a pulsão.

Contudo, um terceiro momento parece distinguir-se dos dois primeiros, especialmente por romper a relação de continuidade entre a fantasia e o desejo. Trata-se do estatuto das fantasias descritas em "Bate-se numa Criança", e em especial no seu segundo tempo, cuja fantasia é uma construção em análise. Esta fantasia encontra-se fora do estatuto da neurose, pois se trata de uma fantasia masoquista.

Três formas de constituição do masoquismo (1924)²⁰⁹ retomam o aspecto traumático sob a forma de um imperativo categórico, ao qual o sujeito se vê submetido. Descritos como erógeno ou primário, feminino e moral, são postulados como rumos que a pulsão agressiva assume em três momentos distintos do desenvolvimento. O primeiro é devido a um trauma por um excesso pulsional que retorna ao próprio corpo do sujeito, o segundo constitui-se como uma agressividade que postula um lugar de submissão do sujeito em relação ao amor do pai, numa união de amor e ódio, e o terceiro diz respeito à relação do Supereu com o Eu, mais particularmente nos casos em que a identificação superegóica é extremamente cruel com o Eu. Estas três formas de fantasias masoquistas

²⁰⁹ Artigo "*O Problema Econômico do Masoquismo*" (1924)

estão presentes como os sintomas mais resistentes ao trabalho de análise, tendo que ser, muitas vezes, elaboradas a partir da construção do analista.

Em um de seus últimos textos, Freud²¹⁰ (1937) se pergunta se a fantasia que possibilita uma construção do analista não é equivalente ao delírio no sentido de ser faltosa da realidade. Construções efetuadas no tratamento analítico buscam, a partir de fragmentos de realidade, um sentido de explicação e de cura do sintoma pela recuperação de material da experiência perdida. Ao analista cabe enfrentar a tarefa de revelar as conexões entre o conteúdo que é rejeitado no presente e aquele do recalque original. A humanidade também construiu delírios que contradizem a realidade, mas que exercem um enorme poder sobre os homens. Em sua inacessibilidade à crítica lógica, a verdade histórica desse poder delirante tem sua origem no que é revelado a partir do recalque do passado esquecido e primevo. Novamente, se presentifica o poder da transmissão geracional.

Fantasias primordiais: filogênese e ontogênese

As fantasias primordiais se constituem como esquemas presentes no psiquismo humano cuja origem remonta à transmissão geracional, ou à filogênese, como Freud preferiu manter até o fim de seus escritos.

As denominadas fantasias primordiais são as da cena primária, da sedução, da castração e da vida intra-uterina. Sua importância é constatada como algo constitutivo e

²¹⁰ Artigo "Construções em Análise" (1937).

constituente da experiência humana pela sua universalidade e singularidade. Seus esquemas imaginários são recebidos por transmissão como uma herança de outras gerações.

O enigma da transmissão é que se torna causa de inúmeras discussões e de diferentes pontos de vista. Diante das diversas funções da fantasia, acredita-se que esta herança é produzida por uma via afetiva/pulsional inconsciente. Certamente, se inscreve pela interdição cultural que, por sua vez, remonta a um ato anteriormente vivido pelos antepassados ou, como Freud prefere dizer, pela pré-história humana.

Mas, qual a função essencial que faz com que estes esquemas imaginários, constituídos de afetos e de representações inconscientes, tenham de comparecer na constituição do psiquismo humano ?

A hipótese que se considera a mais significativa é a compreensão de que esses esquemas transmitidos dizem respeito às condições a que a humanidade, ao longo de sua história, teve de se submeter para sobreviver diante das adversidades da natureza, interna e externa, e das dificuldades impostas pela própria necessidade de conviver em comunidade. Em sua origem, as leis que regem a ordem social, também se encontravam vinculadas à sobrevivência do grupo. Talvez, por este motivo, possa estar sendo retransmitida, de geração a geração, o cerne da experiência primeira de desamparo (da humanidade) e as defesas organizadas em forma de esquemas primordiais.

Como articular a fantasia da cena primária sob esta ótica? A cena primária é uma ficção, mas uma ficção que está relacionada diretamente à questão da origem com que qualquer

ser humano se depara para poder compreender o "como" se está nesse mundo. Diz respeito a uma necessidade fundamental de se situar na existência. Arrisca-se a frase: "Sou! Como?". A cena de sedução é universal pois diz respeito ao funcionamento da pulsão e sua relação com os afetos, ou se preferirem ao amor e ao sexo. Alguém há de ocupar um lugar para ser investido dessa demanda pulsional de amor, como uma necessidade de amparo, de proteção e de acolhimento. Sob o manto da fantasia, constitui-se a imagem do objeto do amor e do desejo. A fantasia da castração, inicialmente vinculada à perda do pênis²¹¹, se amplia para uma perspectiva que coloca o sujeito diante das frustrações impostas pela realidade ao seu impulso que busca o prazer. A realização da fantasia do prazer tornada ação passa a ser interdita como impedimento, constituindo-se como uma fantasia de castração. O sujeito que, na sua busca de prazer, impõe ao outro sua satisfação, negando qualquer mecanismo de interdição, atua como um perverso. Contudo, parece que uma barreira sempre será produzida pela filogênese, para poder suprir aquilo que o meio não pode oferecer na ontogênese.

A fantasia da vida intra-uterina aparece em raros momentos da obra freudiana, mas tem uma importância significativa ao buscar respaldar a fantasia que acompanha a experiência de ansiedade que surge com o ato do nascimento. Este momento, em que um ser passa a respirar e a se deslocar em outro meio ambiente completamente diferente,

²¹¹ NAT: Freud retomaria essa questão da perda do pênis como um fato real ocorrido nos primórdios da humanidade. O que era real transforma-se em fantasia.

tende a responder com todo o seu psiquismo²¹² a essa mudança brusca. Esta experiência originária deixaria um traço mnêmico muito primitivo.

A investigação freudiana sobre as fantasias primordiais também pode ser acrescida de uma questão que intrigava Freud até o fim de sua vida e que se encontra na epígrafe desta tese em que ele mesmo se pergunta e responde :

"O que há de judeu em você, se não compartilhas as questões nacionalistas e religiosas de seus compatriotas? Acho que muito e, provavelmente, o principal. Porém, no presente, não poderia responder o que é esse essencial com palavras claras. Seguramente, no futuro alguma compreensão científica haverá de explicá-la" (EA 1930/2005:9)²¹³

Diante desta indagação, poder-se-ia supor a existência de uma fantasia originária para além das primordiais, para explicar o que é essa essência, ou esta resposta teria explicação por meio das fantasias primordiais ?

Fantasia como lembranças encobridoras

As lembranças encobridoras sustentam uma série de fantasias que atuam como um véu para as impressões traumáticas da infância, por meio de um processo de deslocamento. Essas lembranças revelam a cena na qual o sujeito se vê, e esta visão denuncia aquilo que não pode ter acontecido, na medida em que é espectador, ator e diretor. Estas fantasias constituem-se como uma proteção diante da realidade por meio de uma construção ficcional e, nesse sentido, velam o conteúdo original. O recalque impede que

²¹³ *Prólogo a edição em hebraico de Totem e Tabu* (1913/1914).

a lembrança original de forte carga pulsional se manifesta e constrói outra por associação.

Pela via do esquecimento ou da retenção das lembranças mais remotas da infância se pode observar um tamponamento do que é traumático por uma via substitutiva que representa aquela recordação mais precoce possível de ser lembrada. O esquecimento encobre o que não pode ser lembrado. Lembra-se de uma cena para esquecer outra cena. O vínculo do que é encoberto e que não pode ser recordado pode encontrar referências na identificação de grupo no campo cultural por meio do simbolismo literário e religioso, por exemplo. O esquecimento está vinculado ao desprazer produzido pelo recalque. A lembrança que encobre o insuportável da recordação original atua como um mecanismo repetitivo diante da ameaça interna ou externa. Na medida em que não pode recordar o conflito original em virtude da representação da lembrança encobridora, o sujeito repete. Repete, atuando, porque está impedido de elaborar o insuportável da memória de desprazer. A ficção da cena, tanto individual, quanto coletiva, encobre aquilo que deve ser esquecido.

Parece-nos que ao final da obra freudiana, a fantasia que mais permanece é uma lembrança encobridora de algo que nunca existiu: a da castração feminina como um ficcional. Uma construção imaginária do desconhecimento da vagina por um limite cognitivo da investigação infantil e revestida das mais complexas "compreensões".

Fantasia como investigação sexual infantil

Um dos usos do termo fantasia diz respeito à função que ela desempenha no esforço infantil para compreender o funcionamento do seu meio ambiente, dos outros e de si próprio. A criança busca compreender qual o seu lugar no mundo e necessita do apoio desse instrumento imaginário que lhe auxilia a construir uma teoria infantil sobre a sexualidade. A tentativa de responder para si mesma questões fundantes do psiquismo encontra nas teorias infantis fundadas sobre as fantasias a elaboração significativa que sustenta esse "estar" no mundo e, não raro, mantêm-se presente consciente ou inconscientemente no psiquismo adulto. Uma das funções do Eu é estabelecer um equilíbrio psíquico que possa elaborar a dúvida das origens. A fantasia que constitui a investigação infantil é o resultado da articulação entre os fragmentos da realidade experienciada pelo psiquismo e as incompreensões cognitivas desse funcionamento. A criança é um agente ativo e busca, por meio do surgimento das dúvidas, elaborar processos de construção do pensamento que vão se tornando cada vez mais complexos durante o seu desenvolvimento e das mudanças que é capaz de perceber em seu próprio corpo e no dos outros. Compreender é necessário para poder interagir e se situar nas relações com o meio físico e social.

Dentre as principais teorias infantis, destaca-se o pensamento mágico, animista e onipotente que, como já foi dito por Freud, são formas de organizar e compreender o funcionamento do mundo para poder controlá-lo e sentir-se mais seguro. Essas teorias primitivas que se constituem como fantasias, seguem a mesma trilha traçada pelas primeiras formas de funcionamento mental dos povos mais primitivos, trazendo consigo a dimensão do desamparo de se ver só no mundo²¹⁴. Sob um olhar menos cuidadoso parecem desaparecer durante o desenvolvimento do psiquismo, em especial na vida adulta. Contudo, essas teorias são arcabouços do infantil no pensar consciente e inconsciente dos sujeitos ao longo de sua vida. Resíduos do pensamento mágico, animista e onipotente estão presentes como fantasias impregnantes dos sintomas neuróticos e constituem-se como resistências a ser removidas para a retificação do Eu, que é o mediador desses conflitos presentes nas instâncias e nas pulsões. No caso da persistência destas três formas de pensamentos descritas e baseadas nas teorias iniciais da investigação infantil - constituídas como fantasia - o adulto se depara com a tendência a uma fixação primitiva que se constitui como um dos pontos nodais dos sintomas neuróticos. Consideram-se sintomas o conjunto de sinais deflagrados como resultantes dos conflitos do psiquismo. Se, em um determinado ponto da obra freudiana, a manutenção dessa forma de fantasiar é considerada como uma introversão, inibição ou como o processo que sustenta o princípio do prazer diante da realidade, o autor desta tese compreende que todas estas nada mais são do que formas também sintomáticas e necessárias para dar suporte ao conflito inevitável da constituição do humano.

²¹⁴ NAT: Perceber que ser só é diferente de estar só.

Quanto aos conteúdos presentes nestas fantasias destacam-se aqueles que tentam explicar as teorias sexuais infantis; essas insistentes tentativas de compreender os enigmas da existência humana, a partir da percepção da precocidade de seu próprio corpo e da força das pulsões. A concepção da existência de uma sexualidade infantil ainda é uma das descobertas mais importantes da psicanálise. Constituindo-se em fantasias que buscam dar suporte a esse conflito das pulsões com o mundo externo e diante da precocidade e do desamparo infantil, a criança vai construindo por meio de seu mundo imaginário o seu Eu, as suas fixações, elege seus objetos de amor e temor e tenta dar uma ordenação para esses conflitos que se constituem como o cerne do psiquismo adulto.

Dentre algumas das teorias que se constituem como fantasias, cobrindo lacunas do real, destacam-se a tentativa de entender a diferença entre os sexos, a origem dos bebês e a mentira dos adultos sobre esses temas, por exemplo; e, mesmo que lhes seja dita a verdade, ainda lhes resta uma insuficiência da precocidade do próprio corpo, longe das compreensões da puberdade, quando então vai tornar possível a compreensão do papel que o esperma e os ciclos de menstruação desempenham nestas teorias, por meio do próprio corpo.

A denominada pulsão epistemofílica que se constitui como um dos destinos sublimatórios da pulsão canalizados para a investigação das origens e funcionamentos das coisas, tem seu principal marco no fracasso da compreensão do que lhe é incompreensível, tal como descrito acima, e é o que introduz o sujeito na latência. Dependendo das histórias de vida dos sujeitos, essa busca de saber pode ganhar

diferentes formas e intensidades, constituindo-se como uma das principais fontes infantis do que permanece no adolescente e no adulto, transformadas em pesquisa científica e desejo de saber. Acredita-se que esta busca de saber encontra-se vinculada a um quantum pulsional erótico vivido pela criança na sua mais tenra infância e que é o propulsor do que necessita ser escoado. O conhecimento científico é, em última análise, um produto da pulsão e um substituto da fantasia.

Fantasia como atividade psíquica: criação e arte

Destaca-se, no decorrer do pensamento freudiano, uma trilha já descrita em que a fantasia, inicialmente, está vinculada ao sintoma, depois ambos se dirigem a pólos opostos e, mais além, estão situados fora do campo da neurose. Nesse tão complexo percurso, não há como deixar de conceber que tanto fantasia quanto sintoma são criações singulares dentro de um universal colocado pelos esquemas das fantasias primordiais e por aquelas que escapam ao estatuto da neurose. O autor desta tese considera que o sintoma é uma criação quando colocado sob a forma de fantasia em cena ou nas fantasias que cercam a dúvida. Há de haver um autor para construir esses sintomas, mesmo que se considerem precárias as condições impostas ao sujeito, ou mesmo que não se veja qualquer ato criativo nessas fantasias. Cada sujeito traz consigo um saber do qual não tem conhecimento. Como um dos fundamentos da psicanálise, ele não sabe que sabe. Entretanto, parece haver um sintoma²¹⁵ originário de cunho masoquista que está excluído desta possibilidade criativa, porque está inscrito sem palavras, como um lugar ocupado em virtude de um imperativo categórico que se impõe:

²¹⁵ NAT: A escolha do termo sintoma neste contexto é uma interpretação do autor da tese.

"Tu és!" . Essa fantasia, que já foi descrita no terceiro capítulo, merece apenas ter ressaltado, nesta análise conclusiva, que a sua criação é um produto de análise. A capacidade de fantasiar do analista é fundamental para produzir essa construção em análise. Esse é um lugar em que o analista se defronta com a sua própria capacidade de criar, de juntar fragmentos e produzir uma ficção que se destine à constituição de um sentido para o sujeito, contando com o esforço do próprio em superar as mais fortes, profundas e incompreensíveis resistências. A psicanálise é um exercício de criação e arte. Um analista sem estilo próprio é equivalente a repetir sem elaborar. Repete o que recorda porque não ousou confrontar seus próprios conflitos. A elaboração é o verdadeiro processo criativo e tanto diz respeito ao analisando quanto ao analista.

Os caminhos da criação não podem ser reduzidos aos trabalhos dos grandes artistas, embora se reconheça neles a capacidade de reenviar, por meio da arte, o que há de mais profundo e inconsciente do psiquismo humano. Quantos tratados e artigos seriam necessários para traduzir o impacto causado por Fernando Pessoa para descrever os vários Eus que nos povoam, tanto nas suas poesias, quanto no exercício da sua heteronomia; ou mesmo a poesia de Chico Buarque de Holanda ao descrever "O que será que me dá ? Que me queima por dentro, que me perturba o sono, que não tem sossego, que todos os suores me vem encharcar, o que não tem medida, nem nunca terá...que dá dentro de gente que não devia...o que não tem descanso, nem cansaço, nem limite; o que não tem vergonha, nem juízo ?". Pode-se pensar numa definição mais preciosa da força da pulsão, seus efeitos e a busca quase desesperada de um sentido ? A arte permite o compartilhar da fantasia por tocar no intocável do inconsciente.

O que pode ser expandido da obra freudiana é esse conceito de arte muito restrito aos artistas e as chamada "obras de arte" . Considera-se que o caminho da arte é muito maior, mas amplo e diversificado. Não precisa ser um grande artista para direcionar aquilo que se constitui como um fluxo criativo . E quem é esse principal depositário: o Id ou o Eu (que nasce do ID) . Essa resposta sobre o lugar deste reservatório da libido não fica clara na segunda tópica. É possível a criação irromper como matéria bruta sem a participação do Eu ? Quanta capacidade criativa é necessária para o Eu encontrar formas de mediar os conflitos do Supereu, do Id, e até do próprio Eu? E mesmo o Supereu, com seus ideais culturais - e todo o seu aspecto repressivo - não estaria desempenhando um importante papel nesse processo ?

Este tema é extremamente rico e torna-se necessário fazer uma interrupção. Contudo, não se pode deixar de considerar que a criação é um destino sublimatório da pulsão que visa a reconstruir aspectos da realidade que lhe provocam desprazer. Na infância, além do desejo de se tornar adulto e da brincadeira infantil ser o material primário das criações futuras, e também de constituir-se como um fenômeno pelo qual a repetição comparece na construção do psiquismo, em sua forma lúdica e não patológica, há mais a dizer. Há que se apontar que o caminho da brincadeira é muito mais amplo do que pode conceber Freud. O brincar começa muito antes do Fort-Da; ele tem início desde o nascimento, quando o bebê, na sua relação com o ambiente, passa a construir a realidade. Ele pode ser compreendido como agente de saúde e criatividade e serve como uma referência para aquilo que se constitui na base do psiquismo, tal qual descrito por Donald Winnicott. O brincar permite um encontro único entre duas pessoas e, se acredita que, por meio desse protótipo infantil, as aproximações desses Eus inconscientes dos

adultos se verificam. Os sujeitos se aproximam e se distanciam pela forma como o brincar primitivo se institui dentro da cada um. Trata-se do infantil do adulto.²¹⁶

Fantasia como consolo²¹⁷

Os devaneios ou sonhos diurnos

As fantasias, o tempo e a realidade são elementos essenciais para a constituição dos devaneios. Pode-se criar uma metáfora para designar os devaneios como uma reserva de esperança em busca de uma ilusão de felicidade que o sujeito constrói para poder suportar as frustrações e as privações impostas pela realidade. E essa possibilidade é viável por meio do próprio funcionamento do psiquismo, que cria estas fantasias como uma defesa vital e plena de sentido para justificar o viver. Dir-se-ia que os devaneios são o lugar onde repousa a tão aspirada felicidade. Ao leitor desta tese, talvez, sobrevenha uma crítica por parecer muito romântica essa definição de devaneios. Mas não há como negar serem eles que diante de situações aflitivas e cruéis produzidas por certas realidades criam um canal de escoadouro para o sofrimento pela via da ilusão de um sonho de realização de desejo; de um sonhar acordado, um sonho diurno.

²¹⁶ NAT: Na medida em que se introduziu Winnicott neste fragmento da análise do brincar, ressalta-se, também, a visão de Jacques Lacan de que esse encontro é sempre um desencontro e que a fantasia se constitui não por uma continuidade, mas sim pela descontinuidade.

²¹⁷ NAT: *Consolo* é aqui utilizado como um termo como alívio que se dá à aflição, à dor, ao descontentamento (Almoyna, J. M. s/data).

A obra de arte é capaz de produzir estratégias que levam o sujeito a se deparar e a se surpreender com seus próprios devaneios. Assim, um exemplo que serve de metáfora pode ser encontrado no filme primoroso "O Labirinto do Fauno" (2006)²¹⁸, cujo diretor envolve o espectador de tal forma, que a tênue fronteira entre a realidade e a fantasia se colocam como uma experiência produzida pelo roteiro: não se sabe se o que se vê é realidade ou fantasia. Tal experiência é produzida pelo olhar da personagem de uma jovem menina que com seus devaneios, quase delírios alucinatórios, busca encontrar uma saída em suas ilusões para a realidade cruel que a cerca. Em meio à guerra civil espanhola, o espectador depara-se com cenas do que há de mais cruel e mais sublime, revelando a possibilidade da convivência de tal paradoxo. O que é mais sutil é a ilusão de ser envolvido na dúvida que a trama revela, produzida pelos devaneios ou delírios alucinatórios que a personagem vivencia em sua busca daquilo que representa sua felicidade. É nesse lugar que a obra de arte toca o intocável do inconsciente, produzindo um encontro com o que está silenciado ou obscurecido, mas não ausente, que é o encontro com o próprio devaneio do espectador.

Freud aborda os devaneios ao longo de sua obra. Em princípio os devaneios são produções derivadas do brincar infantil que é substituído no desenvolvimento do sujeito por essa específica capacidade de fantasiar. Aqui se torna muito importante a distinção entre o "brincar" e a "realidade". O artista trata sua arte da mesma forma com que a criança trata o brincar. O mundo imaginário dos escritores é um fantasiar que eles levam a sério, mas o distinguem do real. Os devaneios são processos da imaginação que surgem no período anterior à puberdade para substituir como fantasias conscientes e pré-

²¹⁸NAT: Filme espanhol do diretor Guillermo Del Toro, "El Labirinto del Fauno"

coscientes o objeto real do brincar. O que era brincar transforma-se em devaneio. E como o brincar era uma expressão aberta e exposta da fantasia infantil, torna-se um segredo da consciência ou pré-consciente, mas também pode constituir-se como fantasia inconsciente, por meio do recalque, fornecendo o material necessário para a construção dos sonhos noturnos. Distinguem-se, assim, os sonhos noturnos dos sonhos diurnos.

Os devaneios, esses sonhos diurnos, são produções imaginárias nas quais os sujeitos realizam seus desejos, o que é bem familiar a todos os humanos. Eles se modificam com as diversas fases da vida. O que um jovem constrói para si é muito diferente do que uma pessoa mais velha é capaz de sonhar acordado. Nos devaneios juvenis, há todo um mundo a ser descoberto e construído e que, no trânsito para outras fases da vida adulta, eles necessitam ser ressignificados para constituírem-se com novos significados. O tempo cumpre um papel importante na dinâmica dos devaneios.

Por outro lado, certos sujeitos podem fixar-se de tal forma em seus devaneios criando uma realidade totalmente particular, um mundo imaginário tão cristalizado que acabam por transformá-los em sintomas (ou inibições, conforme a interpretação do leitor). Na sua dimensão dinâmica, o devaneio é uma produção do fantasiar que se vincula ao princípio do prazer diferenciando-se do princípio da realidade. E, assim como um devaneio pode produzir material para a produção criativa em todos os sentidos, também pode se manifestar como uma expressão de resistência ao princípio de realidade. Essa capacidade de buscar vincular o princípio do prazer ao da realidade é que pode produzir a sua transformação em criatividade.

Sobre a pergunta e o pressuposto

"Tudo aquilo que é ridículo no homem é uma força no palhaço"²¹⁹

A vida tem sentido sem a capacidade de fantasiar? É a capacidade de criar que dá sentido à vida ?

Essas duas perguntas, presentes ao longo desta tese, no pensamento de seu autor, podem ser verificadas ao longo de todo o texto com um sentido bem preciso : a vida, em si mesma, é uma criação. Um mistério que nos ronda e do qual tenta-se encontrar as mais diversas explicações para compreendê-la. Para poder se defrontar com essa realidade ameaçadora, cria-se o pensar sobre o real, que é constituído em sua origem pela fantasia; o pensar sobre o real que não é consciente e é constituído por fantasias e aquilo que escapa a esse sentido que é o próprio real.

A função da fantasia é a de dar suporte aos processos psíquicos conscientes e inconscientes tentando conciliar os inevitáveis conflitos de maior ou menor intensidade, com os quais tem de conviver. O destino é o de criar uma realidade psíquica, ou seja, uma recriação, cuja função é obter maior gratificação para si mesmo e que emerge como um sentido da vida. A fantasia, como um guia, simula a promessa da felicidade, ideal inatingível, mas cujo direito todos devem ter para poder suportar as exigências do

²¹⁹ NAT: Frase expressa por um dos componentes da equipe dos "Doutores da Alegria" no filme documentário com o mesmo nome.

presente. Ou como Freud afirmaria "no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a realidade decisiva" (EA1916-17/2005:336).

Até que ponto um sujeito pode ser capaz de suportar as dificuldades impostas pela vida sem a capacidade de fantasiar? Há realidades sociais extremamente cruéis com as quais convive-se diariamente ao nosso redor, quer próximas da residência, quer de outros continentes. Diante de certas experiências de vida tão aterradoras ao seu redor, como certas crianças poderiam sobreviver sem a capacidade de criar seus devaneios e neles encontrar um lugar seguro, um escoadouro para sua pulsão de vida e mesmo suas pulsões de destruição? O devaneio cumpre uma função vital para tornar realizável o irrealizável, para suportar o insuportável e ajudar ao indivíduo enfrentar os horrores a que está submetido.

Refletindo sobre as diversas funções da fantasia fica a impressão de que esta pesquisa parece não ter fim. Algo deixou de ser dito, até porque não se pode dizer tudo. Se é que existe esse tudo. Alguns pensamentos não puderam ser expressos. Privilegiam-se alguns em detrimento de outros. Parte-se de um processo, um recorte, um olhar, um foco sobre um fragmento desse todo complexo que constitui a experiência humana que, no presente caso, é a fantasia. Hipóteses (freudianas), especulações, refutações e afirmações se alternam nesse estudo, cuja melhor direção é apontada pelo próprio Freud no caso de Hanns e que está presente na epígrafe desta tese.

"Quanto ao resto, nosso jovem investigador simplesmente chegou um pouco cedo à descoberta de que todo conhecimento é um monte de retalhos, e que cada passo à frente deixa atrás um resíduo não resolvido"²²⁰ (1909/2005:94).

Repensando as definições de fantasia na introdução desta tese, deve-se reconhecer uma certa coerência naqueles que julgam ser impossível conciliar Freud, Klein, Winnicott e Lacan. Mas, talvez estas opiniões estejam mais marcadas pelas contradições presentes na lógica da teoria do que propriamente na constituição do inconsciente que é capaz de absorver todas as contradições. Na prática clínica, a teoria dos quatro autores citados se complementam como possibilidades diferenciadas para atuar com a multiplicidade de sintomas e singularidades de cada sujeito (criança, adolescente e adultos), famílias e instituições. Nesse sentido, as contradições muitas vezes desaparecem ou parecem se anular, até mesmo porque a verdade absoluta sobre a vida psíquica ainda é um enigma. Quando Melanie Klein propõe que se interprete para uma criança o que ela não consegue perceber, isso pode ter um efeito surpreendente para o processo terapêutico; por outro lado, outras crianças podem usufruir melhores resultados quando o analista não interpreta e interage na brincadeira, a partir do canal acessível à comunicação - sem necessitar interpretar - tal como Winnicott propõe, apenas estabelecendo um vínculo. Outros, mais ainda, podem ser realizados por meio da análise do pai ou de ambos (pai e mãe) que, por uma via indireta, produzem uma dissolução dos sintomas infantis. Mais ainda, a necessidade de afirmar um lugar paterno de proteção e limite com interdição bem precisa funciona para inúmeros casos de crianças sem continente simbólico e imersas numa condição imaginária recorrente a si mesma.

²²⁰ NAT: O enigma a ser decifrado por cada sujeito: *Eu não sou testemunha da minha origem. Só sei sobre mim por meio dos outros.* A investigação de si sempre encontra um ponto de fracasso, restando reconhecer-se na ficção que os outros constroem sobre o próprio sujeito.

Como é válida a afirmação de Charcot: a teoria na prática é outra.

A posição da fantasia na vida psíquica, apesar da contribuição de Freud e outros autores, continua como um desafio contemporâneo. Quanto a essas outras possíveis origens e funções da fantasia na psicanálise, estas devem ser discutidas nas obras de Klein, Lacan e Winnicott, entre outros. Particularmente, textos desses três autores foram estudados, embora não citados de forma a estabelecer um diálogo. Alguns comentadores também foram estudados apesar de suas contribuições sobre a fantasia não comparecerem diretamente nesta presente pesquisa. Dentre eles, destacam-se Laplanche & Pontalis, Susan Isaacs, Cornelius Castoriadis e Ricardo Salztrager. Admite-se que a obra freudiana ocupou todo o tempo disponível para esta pesquisa, não tendo sido possível estabelecer importantes diálogos entre esses outros autores e os comentadores. Considera-se original a abordagem e a classificação proposta nesta tese. Espera-se encontrar críticas e refutações ao que foi proposto. Sem discussões, todo conhecimento fica empobrecido e perde a força que renova o prazer de investigar os mistérios. Como merece funcionar uma apaixonada pulsão epistemofílica.

Sugere-se que investigações posteriores possam estabelecer mais diálogos entre os autores citados e as questões contemporâneas que demandam produzir maior conhecimento sobre o tema apresentado.

Considerações Finais

Como apresentado na introdução dessa tese, o uso do conceito de fantasia pelos autores mais clássicos em psicanálise é muito amplo, impreciso e muitas vezes contraditório. Com o objetivo de situá-lo dentro do campo freudiano espera-se ter atingido esse propósito ao buscar dialogar com os textos de Sigmund Freud procurando revelar o que indica os múltiplos usos dessa função imaginária na constituição do psiquismo humano.

A investigação teve lugar em toda a obra do autor e necessariamente optou-se por selecionar uma linha de pensamento que se aproximasse do olhar desse pesquisador.

Outros estudiosos, sob diversos focos e priorizando diferentes textos podem chegar a novas conclusões diante desse complexo fenômeno da fantasia e a enigmática compreensão do papel por ela desempenhado na construção do sentido da vida.

Esse estudo sobre a fantasia na psicanálise com autores de dentro do seu próprio campo e de outras áreas que buscam estabelecer essa interlocução merecem uma investigação cuidadosa, para que se possa compreender esse fenômeno não com a pretensão de apreendê-lo em sua totalidade, mas em sua complexidade. Essa proposta de ampliar os diálogos sobre a fantasia, dentro e fora da psicanálise, constitui-se como o objetivo futuro desse autor e fica como uma sugestão para outros que, por este tema, venham a se sensibilizar ou por ele serem tocados no intocável.

Do ponto de vista pessoal, este investigador tem a declarar que a pesquisa sobre a origem, a função e o destino da fantasia produziu um efeito transformador, tanto sob a ótica subjetiva quanto ao seu olhar sobre a clínica e a sociedade. A oportunidade de ler Freud acompanhando historicamente a construção de seu pensamento produziu um efeito bem diferente do que tê-lo estudado durante a vida e, mais precisamente, no percurso da formação psicanalítica. A impressão deixada por seu estilo reflexivo, despojadamente audacioso e desconstrutor da onipotência que caracteriza as defesas imaginárias que sustentam muitas teorias e seus seguidores, revela a força de um mestre que afeta uma importante corrente do pensamento contemporâneo.

Se a psicanálise encontra-se em final de carreira como apregoam muitos clínicos e não clínicos, pode ser compreendida pela impressão imaginária da ideologia globalizante que, em vez de valorizar as subjetividades acirra as individualidades. A psicanálise se opõe a isso. A pressão da "doença nervosa moderna" de impor sua norma irrompe, com o efeito de um trauma, nas mentes desprovidas de subjetividades e produzem o desaparecimento daquilo a que o sujeito tem de mais precioso: a sua capacidade de desejar e, conseqüentemente, de fantasiar. . Sob o império do gozo, todas as soluções têm de ser imediatizadas, todas as oportunidades têm de ser aproveitadas, o fantasma da sociedade em que vivemos inscreve-se no sintoma como um produtor de fixações, de gozo. Sob seu imperativo perverso evoca os impulsos mais sádicos e masoquistas que contaminam as relações humanas numa dinâmica que envolve alto grau de competitividade e padecimento do Eu. Mas, Eros e pulsões destrutivas podem ter rumos diferentes. Se durante a primeira e a segunda guerra mundiais pode-se produzir tantas idéias pelas brechas deixadas pela destruição tais como as reveladas por Freud e

Winnicott, por exemplo, é possível que esta luta mantenha-se durante muito tempo. O grande perigo é o descrito ao final do segundo capítulo na reflexão de Freud sobre o perigo que ameaça a espécie humana diante de alterações radicais do meio ambiente externo. A própria agressividade sádica da civilização, defusionada de Eros, cujo propósito é a obtenção do prazer sob qualquer preço, destruindo o equilíbrio ambiental em função de lucros e poder, passa a ser um grande perigo que ameaça todos nós e, em especial, as futuras gerações.

Por outro lado, Eros continua seu trabalho de unir, atar, envolver e proteger, construindo, por meio de outras fantasias ainda submetidas ao domínio do prazer e da conservação, os caminhos que podem conduzir a manutenção da vida. São também muitos aqueles que agem no mundo regidos sobre o domínio do prazer e cuja dedicação se dirige a preservar e a criar.

Assim, a fantasia protege o sujeito do real; dessa insuportabilidade traumática que nos impõe o gozo desde o nascimento. Masoquismo primário, como afirma Freud. Quanto aos psicanalistas, também sujeitos às intempéries da sociedade como membros da comunidade humana, pode-se interrogar se a "crise" da psicanálise não é produzida pelo efeito que o sintoma inscrito no gozo não os afeta, remetendo-os a pensar a atuação clínica como submetida às regras do mercado. A grande possibilidade de transgressão da psicanálise é a pulsão pelo seu caráter indomável, incessante e insistente. Se ela vai servir ao gozo que as normas do mundo externo impõe e utilizar meios que reproduzam uma adaptação do indivíduo, corre o risco de se constituir numa psicologia do Eu. Não se pretende desvalorizar a função e a importância da psicologia do Eu, muito

ao contrário, se reconhece como de grande importância seus efeitos terapêuticos, sua ação clínica e social, mas devemos situá-la na economia pulsional contemporânea, como diferente da proposta psicanalítica, mesmo que seja necessário utilizá-la como instrumento auxiliar terapêutico.

Acredita-se que o desafio atual do analista é ter compreensão e força para poder se confrontar com seu desejo e encontrar uma forma de se relacionar com as normas morais do gozo vigente, que é um princípio de realidade. Negá-lo, seria equivalente a sucumbir. A análise só é possível se o analista exercê-la com seu próprio estilo. Para isso, entretanto, deve abrir mão da fantasia que sustenta o sintoma de seu gozo para aquela que constitui o seu desejo. A grande transgressão contemporânea não é gozar, mas sim desejar. E recobertos pela fantasia, criar por meio do princípio do prazer os caminhos que a invenção de si e do mundo possam ser capazes de produzir.

A fantasia, como sentido da vida, pode estar a serviço do gozo ou do desejo. Ambas cobram um preço e servem a seu dono com dúvidas existenciais radicais. O princípio do prazer também nos impõe a aprender a transitar nesse complexo território da ideologia individualista. Essa escolha, cada um tem de assumir por si mesmo: qual papel pretende desempenhar na vida. Se bem que "querer" nem sempre é sinônimo de conseguir. E disso, alguns psicanalistas bem compreendem. E, para ir mais além, conseguir nem sempre é sinônimo de satisfação.

Ao fim desta pesquisa, julga-se necessário buscar-se nas palavras do poeta que Freud mais evoca (cuja citação, curiosamente, não aparece ao longo de sua obra) uma síntese

do que a psicanálise tenta explicar em muitos artigos, quiçá, em milhares de palavras ao longo de seu percurso. E que um escritor criativo pode revelar em poucas palavras:

"Só agora percebo: ao homem, neste mundo, nada é perfeito...Atiça no meu peito um fogo tenebroso a todo ensejo. Assim, oscilo Eu²²¹ entre o desejo e o gozo. E no gozo me inflamo, ou abraso no desejo" (J.W.Goethe)²²².

²²¹ NAT : O *Eu* maiúsculo é uma licenciosidade deste pesquisador.

²²² J.W.Goethe, *in Fausto* (1892/1976:170).

Referências Bibliográficas

- ABRAN, J. - *A Linguagem de Winnicott - Dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott*. Rio de Janeiro, Revinter, 2000.
- ALMOYNA, J.M. - *Dicionário de espanhol-português. 2ª edição. Porto, Porto Editora (sem data)*
- ARIZONA UNIVERSITY. *Consciousness research abstracts. toward a science of consciousness 2006*. Arizona, Journal of Consciousness Studies, 2006.
- BERGÉS, J. & BALBO, G. *A Criança e a psicanálise. Ensaio sobre o transitivismo*. Artes Médicas, Porto Alegre. CMC Editora, Porto Alegre, 2002.
- *Jogo de posições da mãe e da criança. Ensaio sobre o transitivismo*. CMC Editora, Porto Alegre, 2002.
- BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. Paz e Terra, São Paulo, 2002.
- CARVALHO, M.T. de M. *A psicanálise diante da "Síndrome da Falsa Memória", in Psicanálise e Universidade: Temas Conexos*. MARZAGÃO L., PINTO J., RIBEIRO P., SCHWARTZMAN, R. (ORGS). Passos Editora, Belo Horizonte, 1999.
- CASTORIADIS, C *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Paz e Terra. São Paulo, 2000.
- CHARCOT, Jean-Martin. *Grande histeria*. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2003.
- DARWIN, C. *A expressão das emoções nos homens e nos animais (1872)*. São Paulo. Cia das Letras, 2000.
- FERREIRA, Aurélio B H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro,
- FERREIRA, C.A.de M. *A contribuição da atividade lúdica na construção do pensamento e da linguagem numa perspectiva sócio-histórica in FERREIRA, C. A. de M. - Psicomotricidade da educação infantil a gerontologia*. São Paulo, Editora Lovise, 2000.
- *O papel do lúdico na construção das funções psíquicas superiores em crianças institucionalizadas e não institucionalizadas sob uma perspectiva Vygotskiana (dissertação de mestrado)* Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro- 2002.

FREUD, S. *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume I. 2005.

Fragmentos de la correspondencia con Fliess:

Manuscrito G. Melancolia (1895)

Carta 46. (1896a).

Carta 52. (1896b).

Carta 56. (1897a)

Carta 59. (1897b).

Carta 61. (1897c).

Manuscrito L. (1897d).

Carta 67. (1897e).

Carta 69. (1897 f).

Carta 71. (1897g).

Carta 84 (1898).

Carta 105 (1899).

Histeria (1888)

Prólogo a la traducción de J.M. Charcot, Leçons sur les maladies du système nerveux (1886)

Bosquejos de la "Comunicación preliminar" de 1983 (1940-41 [1892])

Algunas consideraciones con miras a um estúdio comparativo de las parálisis motrices orgánicas e históricas (1893[1888-93])

Informes sobre mis estudios em Paris y Berlim (1956[1889])

Proyecto de psicología: (1950[1895])

Parte II: Psicopatología

—————*Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume III. 2005.

Sobre el mecanismo psíquico dos fenómenos histéricos (1893)

La etiología de la histeria

—————*Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume IV. 2005.

La interpretación de los sueños: (1900 [1899])

Lo infantil y las fuentes del sueño

Los médios de figuración del sueño

- *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume V. 2005.
La interpretación de los sueños (continuación): (1900 [1899])
El trabajo del sueño
Sobre la psicología de los procesos oníricos
- *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume VI. 2005
Psicopatología de la vida cotidiana. (1901)
- *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume VIII. 2005
El chiste y su relación con lo inconsciente (1905)
- *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume IX. 2005
El criador literario y el fantaseo (1908 [1907])
La novela familiar de los neuróticos (1909 [1908])
La indagatoria forense y el psicoanálisis (1906)
El delirio y los sueños en la "Gradiva" de W. Jensen (1907 [1906])
Carácter y erotismo anal (1908),
Apreciaciones generales sobre el ataque histérico (1909[1908])
La fantasías histéricas y su relación con la bisexualidad (1908)
Acciones obsesivas y prácticas religiosas (1907)
El esclarecimiento sexual del niño (1907)
Sobre las teorías sexuales infantiles (1908)
La moral sexual "cultural" y la nerviosidad moderna (1908)
- *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume X. 2005
Análisis de la fobia de un niño de cinco años (1909)
A propósito de un caso de Neurosis Obsesiva (1909)
- *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume XI. 2005
Cinco conferencias sobre psicoanálisis (1910 [1909])
Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci (1910)
Sobre el sentido antitético de las palabras primitivas (1910)

La perturbación psicógena de la visión según el psicoanálisis (1910)

Sobre un tipo particular de elección de objeto en el hombre (Contribuciones a la psicología del amor, I) (1910)

Sobre la más generalizada degradación de la vida amorosa (Contribuciones a la psicología del amor, II) (1912)

El tabú de la virgindad (Contribuciones a la psicología del amor, III)(1918[1917])

————— *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume XII. 2005

Sobre la iniciación del tratamiento (nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis, I) (1913)

Recordar, repetir y reelaborar (nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis, II) (1914)

Prólogo a la traducción al alemán de J. G. Bourk, Scatologic Rites of All Nations

La predisposición a la neurosis obsesiva. Contribución al problema de la elección de neurosis (1913)

Dos mentiras infantiles (1913)

Pontualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia (Dementia Paranoides) descrito autobiográficamente (1911);

Formulaciones sobre los dos principios del acaecer psíquico (1911)

Sobre los tipos de contracción de neurosis (1912)

Contribuciones para un debate sobre el onanismo (1912);

————— *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume XIII. 2005

Totem y tabú. Algunas concordancias en la vida anímica de los salvajes y de los neuróticos (1913 [1912-13])

El Moisés de Miguel Angel (1914)

El interes del psicoanálisis

————— *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume XIV. 2005

Trabajos sobre metapsicología (1915)

Duelo e melancolia (1917 [1915])

Un caso de paranóia que contradice a teoria psicoanalítica (1915)

Paralelo mitológico de una representación obsesiva plástica (1916)

————- *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume XV. 2005

Conferencias de introducción al psicoanálisis: Parte II, El sueño (1916/1917).

Dificultades y primeras aproximaciones

10°. Conferencia : El simbolismo en el sueño

————- *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume XVI. 2005

Conferencias de introducción al psicoanálisis: Parte III, Doctrina general de las neurosis (1916/1917).

23°. Conferencia: los caminos de la formación de síntoma

————- *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume XVII. 2005

De la historia de una neurosis infantil (1918 [1914])

Lo ominoso (1919)

"Pegan a un niño ", Contribución al conocimiento de la gènesis de las perversiones sexuales (1919)

Escritos breves (1919)

Un recuerdo de Infancia em Poesya Yverdad (1917)

Informe sobre la electroterapia de los neuróticos de guerra (1955 [1920])

————- *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume XVIII. 2005

Más allá del principio de placer (1920)

Psicología de las massas y análisis del yo (1921)

Sobre la psicogènesis de um caso de homossexualidad femenina (1920)

Dos artículos de enciclopédia: "Psicoanálisis" y "Teoria de la libido" (1923 [1922])

Sobre algunos mecanismos euróticos en los celos, la paranóia y la homossexualidad (1922 [1921])

Psicoanálisis y telepatía " (1941 [1921])

Suemos y telepatía" (1922)

————— *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume XIX. 2005

Breve informe sobre el psicoanálisis (1924 {1923})

La pérdida de realidad en la neurosis y la psicosis

Elyoyelello(1923)

El sepultamiento del complejo de Edipo (1924)

El problema económico del masoquismo (1924)

Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos (1925)

————— *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume XX. 2005

Inhibición, síntoma y angustia (1926)

¿Pueden los legos ejercer el análisis? Diálogos con un juez imparcial (1926)

————— *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume XXI. 2005

Dostoievsky y el parricidio

Sobre la sexualidad femenina

El malestar en la cultura

Fetichismo (1927)

El porvenir de una ilusión (1927)

————— *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume XXII. 2005

Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis (1933 [1932])

29°. Conferencia: Revisión de la doctrina de los sueños.

31°. Conferencia: La descomposición de la personalidad psíquica

32°. Conferencia: Angustia y vida pulsional

33°. Conferencia: lafeminidad

¿Por qué la guerra? (Einstein y Freud) (1933[1932])

————— *Obras Completas*. Buenos Aires/Madrid. Amorrortu Editores, Volume XXIII. 2005

Moisés y la religión monoteísta (1939)

Esquema del psicoanálisis (1940 [1938])

Conclusiones, ideas, problemas (1937[1938])

FREUD, S. *Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, Volume I, 1996.

Extratos dos documentos dirigidos a Fliess: (1950 [1892-99])

Rascunho G. A Melancolia (1895)

Carta 46. (1896a).

Carta 52. (1896b).

Carta 56. (1897a)

Carta 59. (1897b).

Carta 61. (1897c).

Rascunho L. (1897d).

Carta 67. (1897e).

Carta 69. (1897 f).

Carta 71. (1897g).

Carta 84 (1898).

Carta 105 (1899).

Histeria (1888)

Prefácio e notas de rodapé à tradução de Leçons du Mardi, de Charcot (1886)

Esboços para a "Comunicação Preliminar" de 1983(1940-41 [1892])

Alguns pontos para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas (1893[1888-93])

Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim (1956[1889])

Projeto para uma psicologia científica: (1950[1895])

Parte II: Psicopatologia

————— *Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, Volume III, 1996.

Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: uma conferência (1893)

A etiologia da histeria(1897)

————— *Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, Volume IV, 1996.

Interpretação dos sonhos: (1900 [1899])

O material infantil e as fontes dos sonhos

Os meios de representação nos sonhos

————— *Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro, Imago, Volume V, 1996.

Interpretação dos sonhos (continuação): (1900 [1899])

A elaboração dos sonhos (D a I)

A psicologia dos processos oníricos

————— *Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro, Imago, Volume VI, 1996.

A psicopatologia da vida cotidiana (1901)

————— *Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro, Imago, Volume VIII, 1996.

O chiste e as suas relações com o inconsciente (1905)

————— *Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro, Imago, Volume IX, 1996.

Escritores criativos e devaneios (1908)

Romances familiares (1909 [1908])

A psicanálise e a determinação dos fatos nos processos jurídicos (1906)

Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen (1907 [1906])

Caráter e erotismo anal (1908)

Algumas observações gerais sobre ataques histéricos (1909[1908])

Fantasia histérica e sua relação com a bissexualidade (1908)

Atos obsessivos e práticas religiosas (1907)

O esclarecimento sexual das crianças (1907)

Sobre as teorias sexuais da crianças (1908)

Moral sexual "civilizada" e doença nervosa moderna (1908)

————— *Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro, Imago, Volume X, 1996.

Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (1909)

Notas sobre um caso de neurose obsessiva (1909)

————- *Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro, Imago, Volume XI, 1996.

Cinco lições de psicanálise (191[1909])

Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância (1910)

A significação antitética das palavras primitivas (1910)

A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão (1910)

Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor I)(1910)

Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor II)(1912)

O tabu da virgindade (Contribuições à psicologia do amor III)(1918 [1917])

————- *Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro, Imago, Volume XII, 1996.

Sobre o início do tratamento. (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I) (1914)

Recordar, repetir e elaborar. (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II) (1914).

Prefácio a Scatologic Rites os All Nations, de Bourke (1913)

A disposição à neurose obsessiva (1913)

Duas mentiras contadas por crianças (1913)

Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia Paranoides) (1911)

Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico (1911)

Tipos de desencadeamento da neurose (1912)

(Contribuições para um debate sobre a masturbação) (1912);

D- O interesse da psicanálise de um ponto de vista de desenvolvimento

————- *Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro, Imago, Volume XIII, 1996.

Totem e tabu (1913 [1912-13])

O interesse científico da psicanálise (1913)

O Moisés de Michelangelo (1914)

————— *Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro, Imago, Volume XIV, 1996.

Artigos sobre a metapsicologia (1915)

Luto e melancolia (1917 [1915])

Um Caso de Paranóia que Contraria a Teoria psicanalítica da Doença (1915)

Um Paralelo Mitológico com Uma Obsessão Visual (1915)

————— *Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro, Imago, Volume XV, 1996.

Conferências introdutórias sobre psicanálise: Parte II. Sonhos (1916[1915-17]).

Dificuldades e abordagens iniciais

O simbolismo no sonho

————— *Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro, Imago, Volume XVI, 1996.

Conferências introdutórias sobre psicanálise: Parte III. Teoria geral das neuroses (1917[1916-17]).

Conferência XXIII: O caminho da formação dos sintomas

————— *Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro, Imago, Volume XVII, 1996.

História de uma neurose infantil (1918 [1914])

O "estranho" (1919)

Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais (1919)

Breves escritos (1919)

Uma recordação da infância de Dichtung Und Wahrheit (1917)

Introdução a A psicanálise e as neuroses de guerra (1919)

————— *Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro, Imago, Volume XVIII, 1996.

Além do princípio do prazer (1920)

Psicologia de grupo e a análise do ego (1921)

A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher (1920)

Dois verbetes de enciclopédia (1923[1922])

Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo (1922)

Psicanálise e telepatia (1941 [1921])

Sonhos e telepatia (1922)

Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, Volume XIX, 1996.

Uma breve descrição da psicanálise (1924 [1923])

A Perda da realidade na neurose e na psicose (1924)

O Ego e o id (1923)

A dissolução do complexo de Édipo (1924)

O problema econômico do masoquismo (1924)

Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925[1924])

Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, Volume XX, 1996.

Inibições, sintomas e angústias (1925[1927])

A questão da análise leiga (1926)

Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, Volume XXI, 1996.

Dostoievsky e o parricídio (1928 [1927])

Sexualidade feminina (1930 [1929])

O mal-estar na civilização (1930 [1929])

Fetichismo (1927)

O futuro de uma ilusão (1927)

Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, Volume XXII, 1996

Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1933 [1932])

Conferência XXIX: Revisão da teoria dos sonhos

Conferência XXXI: A Dissecção da Personalidade Psíquica

Conferência XXXII: Ansiedade e Vida Instintual

Conferência XXXIII: Feminilidade

Por que a Guerra? (1933 [1932])

————— *Standard Edition das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, Volume XXIII, 1996

Moisés e o monoteísmo (1939),

Esboço de psicanálise (1940/1938),

Achados, idéias, problemas (1937/1938)

Construções em Análise (1937)

FREUD, S. & FERENCZI, S. - *Correspondência entre Sigmund Freud & Sándor Ferenczi 1908-1911*. Rio de Janeiro. Imago, 1994.

GOETHE, J.W. - *Fausto*. São Paulo, Editora Abril, 1892/1976

HANNS, LUIZ A. *Obras psicológicas de Sigmund Freud, Volume I*, Rio de Janeiro, Imago Editora, 2004.

Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquica (1911)

————— *Obras psicológicas de Sigmund Freud, Volume II*, Rio de Janeiro, Imago Editora, 2006.

Além do princípio do prazer (1920)

————— *Obras psicológicas de Sigmund Freud, Volume III*, Rio de Janeiro, Imago Editora, 2007.

OEueId

O problema econômico do masoquismo

————— *Dicionário comentado do alemão de Freud*, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1996.

HUIZINGA, J. *homo ludens, o jogo como elemento da cultura*, Editora Perspectiva, SP, 2001

ISAACS, S *A natureza e a função da fantasia in Os progressos da psicanálise (KLEIN, M & H. HEIMANN, P7 & RIVIERE, J.)* Rio de Janeiro, LTC Editora S.A., (1952) 1982.

KAUFMANN, Pierre *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise. O legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro, Zahar, 1993.

- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J-B. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes, 1967/1983.
 ————*Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia*. Rio de Janeiro , Jorge Zahar Editor, 1988.
- LAROUSSE - *Dictionnaire Europa Français/Portugais*. Alemanha, Langenscheidt KG, 1987.
- LAROUSSE - *Dicionário Espanhol/Português*. Larousse do Brasil, 2005.
- LEO, Ein Online - *Leo Dictionary Team*. <http://dict.leo.org>. 2006/2007
- SOUZA, O. *Defesa e criatividade em Klein, Lacan e Winnicot (artigo)* in BEZERRA, B. & ORTEGA, F. *Winnicott e seus interlocutores*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2007.
- PLASTINO, C.A. *O primado da afetividade: a crítica freudiana ao paradigma moderno*. Relume Dumará, Rio de Janeiro, 2001.
- RITVO, L.B. *A influência de Darwin sobre Freud. Um conto de duas ciências*. Rio de Janeiro, Imago, 1992.
- ROSA, E. S. *quando brincar é dizer. A experiência psicanalítica na infância*, Relume Dumará, Rio de Janeiro, 1993.
- REICH, Wilhelm *A Função do orgasmo (1942)*. São Paulo, Brasiliense, 1975.
- ROUDINESCO, E. & PLON, M *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1997
- SACHS, O. *O homem que confundiu sua mulher com um chapéu*, Imago, Rio de Janeiro, 1988.
 ————*Um antropólogo em Marte*. Cia das Letras, São Paulo, 1995.
- SALZTRAGER, R. *Os paradoxos da fantasia*. Dissertação de Mestrado em Teoria Psicanalítica < Rio de Janeiro, 2002.
- VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e linguagem*. Martins Fontes, São Paulo, , 1991 (a)
 ————*Psicologia da arte*, Martins Fontes, São Paulo, 1999.
- VYGOTSKY, L.S. & LURIA, A.R. *Estudos sobre a história do comportamento: O macaco, o primitivo e a criança*. Artes Médicas, Porto Alegre, 1996
- WINNICOTT, D.W.. *O Brincar e a Realidade*. Imago Editora, Rio de Janeiro, 1975
 ————*Privação e delinqüência*. Martins Fontes, São Paulo, 1987.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)